

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS FLORESTAIS

**O SABER LOCAL E A PRÁTICA CIENTÍFICA: ANÁLISE DAS RELAÇÕES  
ENTRE MATEIROS E PESQUISADORES EM PERNAMBUCO**

**CAROLINA ALENCAR DANTAS**

RECIFE  
PERNAMBUCO-BRASIL  
AGOSTO/ 2012

**CAROLINA ALENCAR DANTAS**

**O SABER LOCAL E A PRÁTICA CIENTÍFICA: ANÁLISE DAS RELAÇÕES  
ENTRE MATEIROS E PESQUISADORES EM PERNAMBUCO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação em Ciências Florestais da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências Florestais.

**Orientador:** Prof. Dr. Ângelo Giuseppe Chaves Alves

**Co-orientadores:** Dr. Pedro Castelo Branco Silveira

Dra. Ana Carolina Borges Lins e Silva

RECIFE  
PERNAMBUCO – BRASIL  
AGOSTO/ 2012

Ficha catalográfica

D192s Dantas, Carolina Alencar

O saber local e a prática científica: análise das relações entre mateiros e pesquisadores em Pernambuco / Carolina Alencar Dantas. – Recife, 2012.

105 f.: il.

Orientador (a): Ângelo Giuseppe Chaves Alves.

Dissertação (Mestrado em Ciência Florestal) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Ciência Florestal, Recife, 2012.

Referências.

1. Etnoecologia 2. Conhecimento local 3. Pesquisa Florestal 4. Mata Atlântica 5. Epistemologia I. Alves, Ângelo Giuseppe Chaves II. Título

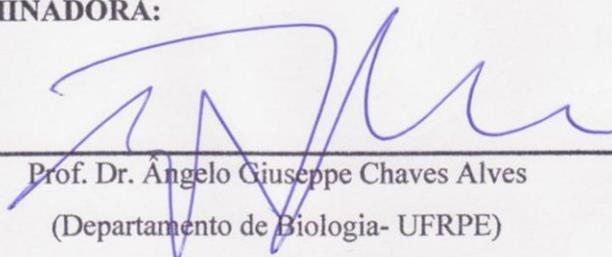
CDD 574.5

CAROLINA ALENCAR DANTAS

O SABER LOCAL E A PRÁTICA CIENTÍFICA: ANÁLISE DAS RELAÇÕES  
ENTRE MATEIROS E PESQUISADORES EM PERNAMBUCO

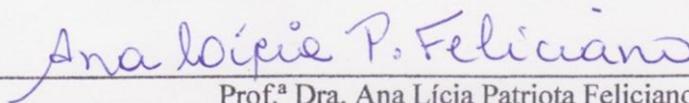
Aprovada em: 27/08/2012

COMISSÃO EXAMINADORA:



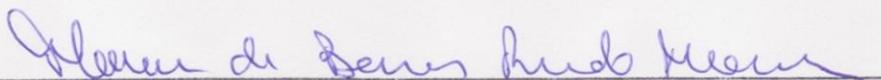
---

Prof. Dr. Angelo Giuseppe Chaves Alves  
(Departamento de Biologia- UFRPE)  
Presidente da banca e Orientador



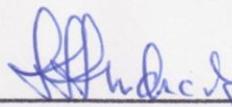
---

Prof.ª Dra. Ana Lúcia Patriota Feliciano  
(Departamento de Ciência Florestal, UFRPE)



---

Prof.ª Dra. Flávia de Barros Prado Moura  
(Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde – UFAL)



---

Prof.ª Dra. Laise de Holanda Cavalcanti Andrade  
(Departamento de Botânica- UFPE)

RECIFE

2012

*Dedico este trabalho a Força invisível que se manifesta no coração do mundo...*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, Pai Criador que me mantém em pé e alimenta minha alma para que eu possa realizar e me realizar.

A floresta, força gigantesca da natureza que me ensina todo santo dia o ABC.

Ao Prof. Dr. Ângelo Giuseppe Chaves Alves, pela orientação integral durante toda pesquisa. Agradeço pelos ensinamentos intelectuais e emocionais. Pela presença constante; pelo bom exemplo de professor, orientador e ser humano. Grande oportunidade esta, de conhecê-lo.

A prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Carolina Borges e Lins pelas orientações desde o início deste estudo.

Ao Dr. Pedro Castelo Branco pelo imprescindível auxílio durante o desenvolvimento da pesquisa.

A prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Lícia Patriota Feliciano, por acompanhar boa parte da minha caminhada na academia, pelos incentivos no avanço intelectual.

A todos os professores e todas as professoras que fizeram parte da minha formação acadêmica.

Aos pesquisadores (as) e aos mateiros que forneceram as informações necessárias para pesquisa. Sem eles, não seria possível a presente reflexão.

À CAPES pelo apoio financeiro.

A todos e todas que de alguma forma me apoiaram para conclusão nesta etapa de crescimento.

A Dona Marlene pelos cuidados carinhosos com a Flora.

A amiga Eliane Andrade pela positividade e pelo apoio nas transcrições.

Aos estudantes de graduação Marcílio, Marília, Thaíse e Juliana pelo apoio nas entrevistas e transcrições. A Mariana pela companhia durante entrevistas em Rio Formoso, Pernambuco.

Aos motoristas da UFRPE que me acompanharam nas atividades de campo e forneceram suporte sempre que necessário.

Aos meus pais, pelo apoio constante e amor incondicional.

A Danilo Santos Do Vale, meu esposo, amigo e professor, o sol que me aquece.

A Flora Alencar Do Vale, filha minha e presente do universo, delicada flor na minha vida.

## SUMÁRIO

1.	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
2.	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	15
2.1	ETNOECOLOGIA E ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA.....	15
2.2	CONHECIMENTO CIENTÍFICO E CONHECIMENTO LOCAL.....	17
2.3	O TAXONOMISTA, O PARATAXONOMISTA E O MATEIRO.....	20
3.	<b>MATERIAL E MÉTODOS</b> .....	24
3.1	CRITÉRIOS PARA SELEÇÃO DA AMOSTRA.....	24
3.2	PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....	28
3.2.1	<b>Coleta e análise dos dados – primeira etapa</b> .....	28
3.2.2	<b>Coleta e análise dos dados - segunda etapa</b> .....	31
4.	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	35
4.1	PERCEPÇÃO DOS PESQUISADORES SOBRE OS INFORMANTES LOCAIS MATEIROS.....	35
4.1.1	<b>Identidade: o que significa ser mateiro</b> .....	35
4.1.2	<b>Formação: como alguém se torna mateiro</b> .....	38
4.1.2.1	Seleção de mateiros feita pelos pesquisadores.....	40
4.1.2.2	Indicações referentes ao ambiente de formação dos mateiros.....	41
4.1.2.3	Treinamento de mateiros.....	41
4.1.3	<b>Atuação do mateiro na pesquisa de campo: estrutura do conhecimento do mateiro</b> .....	43
4.1.3.1	Serviços desenvolvidos pelo “mateiro”.....	45
4.1.3.2	O conhecimento e sua aquisição: como o mateiro obtém ou gera conhecimentos?...	46
4.1.3.3	Formas de pagamento ou Retribuição ao mateiro.....	48
4.1.4	<b>Vantagens e desvantagens dos nomes locais ou populares</b> .....	52
4.1.5	<b>Diálogo ou troca de informação entre pesquisador e mateiro</b> .....	55

4.1.6	<b>Tendência de desaparecimento dos mateiros.....</b>	57
4.1.6.1	Dificuldade de encontrar mateiro.....	59
4.1.6.2	Novas gerações de mateiros.....	62
4.1.7	<b>Visibilidade do mateiro.....</b>	60
4.2	<b>A VOZ DOS MATEIROS: ATUAÇÃO DE UM GRUPO DE INFORMANTES LOCAIS PERNAMBUCANOS EM PESQUISAS CIENTÍFICAS.....</b>	63
4.2.1	<b>Construção social da identidade do mateiro: Aspectos históricos e cognitivos.....</b>	63
4.2.1.1	Síntese da história oral temática de dois informantes chave.....	71
4.2.2	<b>A atuação dos mateiros em diferentes “locais” se dá segundo conhecimento botânico.....</b>	72
4.2.3	<b>Como os mateiros se percebem dentro da rede científica?.....</b>	76
4.2.4	<b>Educação formal e educação não-formal.....</b>	80
4.2.5	<b>Valorização do potencial de colaboração dos mateiros pernambucanos na prática científica.....</b>	85
5.	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	90
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	95

## **APÊNDICE**

## **ANEXO**

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1	Quantidade de pesquisadores entrevistados em cada instituição com respectiva caracterização profissional e frequência da mesma.....	25
Tabela 2	Códigos dos mateiros entrevistados, localidade onde foi feita a entrevista; município, microregião e mesoregião em que se situa a localidade e parte do município em que o mateiro reside.....	23
Tabela 6	Unidades de registro e unidades de contexto com expressões referentes à aquisição do conhecimento dos mateiros sobre o ponto de vista do pesquisador.....	45
Tabela 7	Resultados da análise de conteúdo classificatória aplicada aos diferentes perfis de mateiro.....	48
Tabela 8	Unidades de contexto referentes às vantagens e desvantagens associadas ao uso de nomes locais ou populares.....	52
Tabela 9	Unidades de registro e de contexto apresentando o ponto de vista dos pesquisadores sobre formas de diálogo em campo com os mateiros.....	55
Tabela 10	Unidades de registro e seus respectivos elementos apresentando palavras que demonstram dificuldade em se encontrar mateiros.....	57
Tabela 11	Unidades de registro e seus respectivos elementos apresentando palavras que demonstram facilidade em se encontrar mateiros.....	58
Tabela 12	Resultados da análise de conteúdo classificatória aplicada às entrevistas realizadas com mateiros.....	64

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 Momentos de entrevistas em laboratórios e salas na UFRPE (A, B, C e E), momento de entrevista em auditório da DIRMAN (D) e foto fornecida por uma informante (pesquisadora) durante entrevista: equipe de cientistas com o mateiro localizado no meio deles na mata da Reserva de Saltinho, Pernambuco, 1970 (F).....29
- Figura 2 Conversa informal com João (nome fictício), 83 anos, no Engenho Água azul, Usina Cruangi – PE (A), Entrevista realizada na mata setentrional pernambucana com mateiro M2 na residência do mateiro em Macujê- PE(B) e foto apresentada pelo informante local M5 durante entrevista em sua residência na microrregião Itamaracá: o mateiro ganhou esta foto de um pesquisador que o contratou(C).....32
- Figura 3 Momentos de entrevistas realizadas com os informantes locais: mateiro M13 durante entrevista realizada em sua residência localizada na Usina Trapiche(A); mateiro M8 durante entrevista no Laboratório de botânica do Instituto Agrônômico- IPA(B).....33
- Figura 4 Momentos de entrevistas realizadas com os informantes locais : mateiro M10 mostrando um painel de trabalho publicado em evento sobre a flora local(A), do qual ele participou do levantamento da vegetação, mateiro M1 na sementeira da Usina Bom Jesus(B). .....34
- Figura 5 Representação da rede sociotécnica da relação entre pesquisadores e mateiros no estado de Pernambuco.....78
- Figura 6 Entrevista realizada com M3, no dia 03 de fevereiro de 2012 na Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste- SUDENE. Reside em Amaraji, Pernambuco. Em destaque, o acervo de material escrito sobre trabalhos envolvendo levantamentos florísticos que consta o seu nome como técnico.....80
- Figura 7 Mateiro M12 em entrevista realizada no dia 09 de fevereiro de 2012 no herbário da Universidade Federal de Pernambuco.....82

## RESUMO

A etnoecologia vem contribuindo de forma significativa nas articulações entre os saberes locais e os científicos. Nesta pesquisa utilizou-se uma abordagem etnoecológica para avaliar as implicações da participação dos colaboradores “mateiros” na prática científica, de modo que uma possível compreensão do cruzamento de saberes (o científico e o não científico) na relação entre pesquisador e mateiro possa contribuir com um diálogo positivo para a construção da ciência. O reconhecimento dos saberes locais e sua relação com o conhecimento científico são aqui discutidos, a partir de relatos dados por pesquisadores e por mateiros por meio de entrevistas semi-estruturadas e entrevista em história oral. Para análise e sistematização dos dados foi utilizada a técnica de análise de conteúdo do tipo temático-categorial. O mateiro foi definido e caracterizado pelos pesquisadores como um agente essencial para o desenvolvimento de trabalhos de campo em ambientes florestais. Comparado por um pesquisador a “uma grande biblioteca ambulante”, este colaborador “formado na natureza” de acordo com relato dos entrevistados, atua nas pesquisas desenvolvendo múltiplas tarefas (orientação na mata, identificação de espécies vegetais e animais, montagem de parcelas, informações sobre história natural, entre outras). Apesar dos pesquisadores reconhecerem as habilidades cognitivas dos mateiros, o saber manifestado pelos informantes locais muitas vezes não foi considerado como fonte de informações fidedignas pelos pesquisadores que contrataram seus serviços. Foi possível verificar que o pesquisador é que, através do contato e experiência em trabalhos de pesquisas e inventários florestais, confere o status do mateiro, outorga a denominação de mateiro. O assim chamado mateiro muitas vezes não se identifica como. Foi indicada pelos grupos entrevistados uma tendência destes informantes locais desaparecerem, tanto pela falta de interesse das novas gerações em se tornarem mateiros, quanto pela diminuição dos ambientes naturais. A formação de parataxonomistas foi comentada por mais de 50% dos pesquisadores e foi apontada pelos mesmos como uma ferramenta útil de auxílio em pesquisas florestais. As análises de interações realizadas no presente estudo auxiliam na compreensão da forma de produção de conhecimento e podem esclarecer aspectos técnicos e sociais importantes para a ciência. Neste sentido, sugere-se a realização de pesquisas e outras ações que permitam aos mateiros expressarem suas próprias relações com o saber científico e com determinados processos e estruturas do mundo dito natural. Desta maneira, uma visão mais simétrica dos dois tipos de conhecimento pode vir a ser contemplada, de modo a contribuir para o respeito às diferentes formas de saber e suas utilidades, inclusive no âmbito das Ciências Florestais. Cada “tipo” de saber possui seu propósito, porém ambos os saberes podem se influenciar e se relacionar mutuamente.

## ABSTRACT

The ethnoecology has contributed significantly in the joints between the local and scientific knowledges. In this study, it was used an approach ethnoecology to assess the implications of participation of "woodsmen" collaborators in scientific practice, in a way that a feasible understanding of the knowledge intersection (the scientific and nonscientific) in the relationship between researcher and woodsman can contribute to a positive dialogue for the science construction. The recognition of local knowledge and its relation to scientific knowledge are discussed here, from reports given by researchers and woodsmen through semi-structured interviews in oral history. For the analysis and systematization of the data it was used the content analysis technique thematic-categorical. The woodsman was defined and characterized by researchers as an essential agent for the field work development in forest environments. Compared by a researcher as a "great walking library", this collaborator, "shaped in the nature" according to respondents' reports, acts in research works developing multiple tasks (guidance in the forest, plant and animal species identification, plots assembly, information about natural history, among others). Although researchers recognize the cognitive woodsmen skills, the knowledge expressed by local informants often was not considered as a reliable information source for researchers who hired their services. It was feasible to verify that the researcher is who, through contact and experience in research work and forest inventories, gives the status of woodsman, issuance the woodsman title. The woodsman often not recognized himself as a woodsman, showing instability in his profession. It was indicated by the interviewed groups a tendency of these local informants to fall way, either by lack of interest among the younger generations to become woodsmen, or by the natural environments decreases. The parataxonomists formation was commented by more than 50% of the researchers and was appointed by them as an excellent support tool in forest research. The interaction analysis performed in this study helps in the understanding of knowledge production means and may enlighten important technical and social aspects to the science. In this sense, it is suggested to conduct researches and other measures to allow woodsmen express their own relationships with the scientific knowledge and with certain processes and structures from the natural world said. Thus, a more symmetric view from the two knowledge kinds might be contemplated, in order to contribute to respect for different ways of knowing and their uses, including in the context of Forest Science. Each knowledge kind has its purpose, but both knowledges can influence and relate to each other.

## 1. INTRODUÇÃO

As populações locais, em função das necessidades locais e dos conhecimentos que possuem, podem desenvolver seus próprios métodos para utilização e gestão de florestas; e estes métodos não são necessariamente similares aos considerados pelos silvicultores oficiais (LONG, 2000). Segundo Viana (1999), qualquer ação que pretenda ter coerência com o ideário da sustentabilidade deve estar baseada no saber das populações tradicionais. Este mesmo autor comenta: “São os índios, caiçaras, quilombolas, caboclos, ribeirinhos e extrativistas que detêm o conhecimento mais sofisticado sobre a história de usos das florestas, sua variabilidade geográfica, taxonomia, ecologia, usos e manejo das espécies de plantas e animais, entre outros conhecimentos fundamentais para uma tomada coerente de decisões”.

Durante as duas últimas décadas, muita atenção tem sido dada à adaptação do manejo florestal para as necessidades das populações humanas locais relacionadas com as florestas em países tropicais. Os cientistas, os tomadores de decisão e os planejadores de projetos de desenvolvimento sustentável estão cada vez mais convencidos da necessidade de proteção e conservação do conhecimento tradicional ou local associado aos recursos naturais (WIERSUM, 2000). Esta proteção dos conhecimentos locais está relacionada à conservação da natureza, pois à medida que o ambiente natural desaparece se extingue junto com ele o conhecimento tradicional\*.

A incorporação do conhecimento local em projetos de manejo florestal envolve uma mudança tão fundamental no pensamento sobre o que deve implicar a silvicultura, que pode ser considerada como uma mudança de paradigma, ao invés de uma mera adaptação no setor florestal (WIERSUM, 2000). Japiassu (1992) afirma que a adesão a um paradigma contribui para facilitar o trabalho do cientista, no entanto, “em certos momentos do desenvolvimento da ciência o paradigma constitui uma verdadeira camisa de força conceitual no sentido que limita o surgimento de abordagens não convencionais dos problemas”.

Segundo Chalmers (1993), os que trabalham dentro de um paradigma, praticam “ciência normal”, sendo este um conceito criado pelo filósofo da ciência Thomas Kuhn. Os cientistas normais articulam e desenvolvem o paradigma em sua tentativa de explicar o comportamento de alguns aspectos relevantes do mundo real tais como revelados através dos resultados de experiências. Ao fazê-lo encontram falsificações aparentes, e, se dificuldades fugirem ao controle, um estado de crise se manifestará. Uma crise é resolvida quando surge um paradigma inteiramente novo que atrai a adesão de um número crescente de cientistas até que eventualmente o paradigma original, problemático, é abandonado.

O problema da ciência normal é que confere credibilidade a opiniões somente quando definidas em linguagem “científica”, que pode ser inadequada para descrever experiências complexas e mutantes das populações rurais e outros atores envolvidos na conservação e desenvolvimento (DIEGUES, 2000, p.185).

\*Para efeito deste estudo considera-se conhecimento tradicional similar a conhecimento local.

A ciência e o progresso técnico aparecem como a razão e a causa do ‘êxito’ da nossa cultura. Uma consequência disso é que o reconhecimento social deste saber é publicamente admitido e, nesse sentido, goza de estatuto privilegiado. No entanto, o mesmo não acontece com outros tipos de conhecimento (DIEGUES, 2000).

Para Winkler Prins (1999) o conhecimento local “baseia-se e se reproduz pela experiência, diferentemente do científico, que se desenvolve por experimentação controlada e se reproduz dentro de instituições formais.” Ainda que essas diferenças sejam eventualmente válidas, não se deve perder de vista que o conhecimento local não é um simples contraponto do conhecimento “científico” (OUDWATER e MARTIN 2003), pois também inclui conhecimento cultural e técnico e está interligado às habilidades políticas e sociais dos povos (ALVES e ALBUQUERQUE, 2005). Cada “tipo” de conhecimento possui seu propósito e seu contexto, porém ambos os conhecimentos interagem e são relacionáveis.

Esforços têm sido feitos envolvendo estudos sobre os saberes locais. No Brasil, Posey (1985) foi um dos primeiros pesquisadores a aplicar teorias e métodos etnocientíficos para estudar os saberes locais que orientam os manejos das florestas. Este autor propôs a geração e teste de hipóteses científicas a partir de informações “êmicas”. Usou como exemplo estudos com os índios Kayapó, e afirmou que o “improvável” e “inacreditável”, em geral, reflete mais a inabilidade dos pesquisadores em reconhecer a “realidade” indígena do que qualquer critério científico real. Sugere, então, que a proposição e o teste de hipóteses etnobiológicas podem prover a ponte necessária para interligar a pesquisa científica com o conhecimento tradicional (POSEY, 1992).

Diversas pesquisas científicas e inventários florestais vêm sendo realizados com a contribuição de pessoas detentoras de conhecimentos ecológicos (DALY, 2005; PROCÓPIO e SECCO, 2008; JINXIU *et al*, 2004). Trabalhos de pesquisas em ambientes florestais, em sua maioria, são realizados com o auxílio de informantes locais, conhecidos eventualmente como “mateiros”, que mantêm ou mantiveram relações com pesquisadores.

Ainda são escassos os estudos que tratam da relação dos pesquisadores com o saber local. Não se trata nesse caso de fazer juízo de valor sobre o que é científico e o que não o é, mas de analisar como se dá a interface destes dois saberes, averiguando-a do ponto de vista do pesquisador e também do ponto de vista do informante local. Para isto, esta pesquisa se vale do arcabouço teórico de Marques (2001) sobre etnoecologia. O autor define uma “etnoecologia abrangente” que possui cinco conexões básicas: Homem-mineral, Homem-animal, Homem-vegetal, Homem-homem e Homem-sobrenatural.

A defesa da ciência e da razão contra as pseudociências, contra a fraude e a irracionalidade mantém a maioria das pessoas ocupada demais para estudar a própria ciência (LATOUR, 2000). Busca-se nesta pesquisa, como propôs Latour (2000), entrar no mundo das práticas científicas pela “porta de trás, a da ciência em construção”.

Teve-se como objetivos neste estudo: (a) avaliar o ponto de vista dos pesquisadores a respeito das suas experiências com os colaboradores mateiros, considerando as interfaces existentes entre a prática científica e os saberes locais; (b)

descrever e avaliar as relações dos colaboradores locais mateiros com a floresta e com os pesquisadores, a partir do ponto de vista dos mateiros e (c) estabelecer articulações entre as informações provenientes do discurso de pesquisadores e mateiros sobre suas experiências anteriores em pesquisas florestais e (d) explorar questões epistemológicas envolvidas em trabalhos científicos de campo realizados com colaboração de informantes locais.

Sendo assim, a presente pesquisa situa-se, sobretudo, num campo interdisciplinar, tendo em vista a demanda por pesquisas desta natureza, em um momento onde a crise ecológica e sociológica se faz atuante. Este estudo foi desenvolvido com a intenção de contribuir para uma discussão sobre o contexto das pesquisas florestais envolvendo especialistas locais e possui um caráter original tendo em vista que a temática em questão ainda não havia sido investigada pela comunidade científica.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 ETNOECOLOGIA E ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA

*“Nenhum etnobiólogo sério sugeriu que se deva abandonar os conceitos científicos ocidentais no estudo de uma ciência não ocidental. O que se exige é o abandono dos conceitos etnocêntricos de superioridade frente ao saber indígena, a fim de que se possa registrar, com acuidade, os conceitos biológicos de outras culturas, e com isso desenvolver ideias e hipóteses que enriqueçam nosso próprio conhecimento”*

Darrell Addison Posey (1986)

Um novo campo de ação no âmbito científico desenvolveu-se desde os anos 60-70 do século XX, sob a influência de pesquisadores interdisciplinares “que estudam os saberes da natureza das populações locais ou indígenas, na perspectiva de valorizar esses saberes para gerir os recursos naturais” (DIEGUES, 2000). Atribui-se a Lévi-Strauss (1966) um grande estímulo a esses estudos de etnociência (POSEY, 1986).

A etnoecologia é um destes campos de conhecimentos que foi designado formalmente no meio acadêmico há pouco mais de meio século (ALVES e SOUTO, 2010), porém vem contribuindo de forma bastante significativa nas articulações entre o saber local ou tradicional e o saber científico. Nos últimos anos, é possível observar nas abordagens de diferentes pesquisadores (em especial nos etnoecólogos) uma verdadeira mudança da perspectiva clássica da etnociência (estudo dos conhecimentos e habilidades do “outro” em diferentes domínios), para estender o campo de investigação para a nossa própria sociedade e não apenas para as sociedades designadas como “exóticas”, “indígenas”, “tradicionais” (ALVES e ALBUQUERQUE, 2005). É o caso desta pesquisa que tenta associar ferramentas da antropologia da ciência e da etnoecologia, relacionando-as com as ciências florestais.

Latour critica o estudo das ciências na medida em que mantém intacta a separação entre o conteúdo científico e o contexto social (FREIRE, 2006). Nesta mesma direção Latour (2001) afirma que: “a noção de uma ciência isolada de resto da sociedade se tornará tão absurda quanto a ideia de um sistema arterial desconectado”.

Nas últimas décadas tem-se visto o desenvolvimento de uma gama de investigações “sobre as formas de uso e manejo dos recursos naturais por parte das sociedades tradicionais, o aparecimento de publicações especializadas (*Indigenous Knowledge and Development Monitor, Etnoecológica, Journal of Ethnobiology* etc), a criação de núcleos ou sociedades de investigadores e a realização de numerosos congressos nacionais e internacionais focados em ditos temas (TOLEDO, 2009)”.

De acordo com Albuquerque e Andrade (2001) a etnobiologia e a etnoecologia têm sido campos de ação que vêm contribuindo no fornecimento de dados “que muitas

vezes corroboram a ideia de que as práticas locais de indígenas ou camponeses são ecologicamente sustentáveis e podem fornecer alternativas para as práticas importadas pelos cientistas que não raro olvidam a realidade local”.

Segundo Toledo (1992; 2000), os grupos humanos atuam baseados em seus conhecimentos sobre a natureza e suas visões de mundo. Neste sentido, este autor considerou que o ponto de partida de qualquer trabalho etnoecológico deve ser a exploração das conexões entre o “kosmos” (sistema de crenças, visão de mundo, cosmovisão), o “corpus” (sistema cognitivo, repertório de conhecimentos através dos quais a espécie humana apropria-se intelectualmente dos recursos naturais) e a “praxis” (sistema de manejo, conjunto de práticas através das quais a espécie humana apropria-se materialmente dos recursos naturais) no processo concreto de produção.

O saber local revelado por um informante (*corpus*) pode representar um repertório de conhecimentos, que segundo Toledo (2009), se projeta sobre duas dimensões: “espaço” e “tempo”. Sobre o eixo espacial, os conhecimentos “são a expressão personalizada de uma bagagem cultural que, dependendo da escala, projeta-se da coletividade à qual dito informante pertence: o núcleo ou unidade familiar, a comunidade rural, o território e, no fim, grupo ou sociedade étnica ou cultural” (TOLEDO, 2009). Trabalhos etnossilviculturais também podem refletir a “bagagem cultural” de um grupo social.

Pandey (1998) definiu “ethnoforestry” como “a criação, conservação, gerenciamento e uso dos recursos florestais, através de práticas continuadas e culturalmente embasadas na sociedade local, sendo específica e apropriada para cada sociedade e ambiente”. Observa-se que esta definição enfatiza o saber local, mas deixa de ressaltar que a busca de diálogos ou interfaces entre o saber local e o acadêmico deve ser um aspecto importante em pesquisas etnossilviculturais (SILVA, 2010 a). E para que esse diálogo aconteça, é importante entender o comportamento humano em cada um dos contextos socioculturais diferentes.

A história oral é adequada a pesquisas etnoecológicas que pretendem descrever, com maior profundidade, os encadeamentos históricos dos fatos pesquisados; sobretudo, em situações em que há escassez de documentos históricos escritos (SILVA, 2010). No contexto da Ecologia da Conservação a história oral pode ser uma ferramenta para incorporar o conhecimento local nas estratégias de manejo dos ecossistemas (GIMMI e BUERGI, 2007). A história oral já vem sendo utilizada em alguns estudos focados nas relações homem-floresta (JONES e OSTERUD, 1989; LUNA, 1997; MACHADO, 1998; GIMMI e BUERGI, 2007; SILVA *et al.*, 2010). A história oral temática é sempre de caráter social e nela as entrevistas não se sustentam sozinhas ou em versões únicas (MEIHY, 2007). Segundo Delgado (2006), a história oral *é um procedimento metodológico que busca registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, versões e interpretações sobre o tema em questão em suas múltiplas dimensões: temporais, espaciais, conflituosas e factuais.*

Há uma valorização crescente das abordagens que envolvem as populações locais e suas contribuições em ecologia e conservação. Entretanto, como afirma Nabhan *et al* (1991) apud DIEGUES(2000, p. 186):

Apesar das possibilidades de se basear na tradição nativa de conhecimento de plantas para a conservação de espécies raras, algumas atitudes etnocêntricas que existem entre biólogos conservacionistas treinados no ocidente impedem que o aproveitamento desse potencial seja totalmente realizado.

Diegues (2000, p. 102) ressalta que “existem outros saberes, apoiados por outras estruturas cognitivas que têm demonstrado eficácia e capacidade de sobreviver, resistindo ao mundo da experiência e passíveis de prever a ocorrência de fenômenos”. O autor explica que um dos tipos de saber com que a comunidade científica tem de dialogar se não quiser continuar sendo “falseador da realidade” é o conhecimento tradicional. De acordo com Toledo (2009), estes outros saberes remontam a origem da espécie humana:

Diante do exposto, esta pesquisa tende a suscitar uma reflexão dessas duas “ecologias” numa perspectiva simétrica, ou seja, “reconhecer que os mesmos tipos de causas devem explicar tanto as crenças valorizadas como verdade quanto as crenças rechaçadas, uma vez que não há diferença essencial entre verdade e erro” (FREIRE, 2006).

“A aplicação do princípio de simetria permite integrar os pesquisadores científicos na investigação, o que é suficiente para embaralhar a grande divisão. Descortina-se então um campo quase virgem. Mas nesse campo não encontramos programas de verdade, culturas, escolas de pensamento, visões do mundo, todos igualmente alinhados. O campo de batalha da razão é, ao contrário, muito desigual” (LATOURETTE, 2000 p. 182).

A etnoecologia promove o diálogo de saberes, ao mesmo tempo em que revaloriza os povos rurais que são geralmente ignorados. A antropologia da ciência fornece uma reflexão necessária sobre a prática dos cientistas. Sendo assim, a conexão entre etnoecologia e antropologia da ciência pode contribuir na busca de uma nova racionalidade.

## 2.2 CONHECIMENTO CIENTÍFICO E CONHECIMENTO LOCAL

Considerando as interfaces relacionadas ao conhecimento, torna-se necessária uma reflexão epistemológica das conexões entre conhecimento científico e conhecimento local. Segundo Japiassu (1992), pode-se conceituar epistemologia como uma disciplina “cuja função essencial consiste em submeter a prática dos cientistas a uma reflexão”. Esta prática se faz necessária, pois como bem coloca Batalha (2008), “nem mesmo as ‘ciências’ podem ter pretensões universalizantes. Qualquer teoria científica está limitada pelo seu contexto histórico e social”.

O exercício da epistemologia, afirma Japiassu (1992) “toma por objeto, não mais uma ciência feita, uma ciência verdadeira de que deveríamos estabelecer as

condições de possibilidade, mas as ciências em vias de se fazerem, em seu processo de gênese, de formação e de estruturação progressiva”.

Do ponto de vista da prática dos cientistas, não há ciência em geral, mas há sistemas de conhecimentos específicos, em evolução e apropriados a seus objetos. Hoje em dia, o conhecimento passou a ser considerado como um processo e não como um dado adquirido uma vez por todas (JAPIASSU, 1992).

Desta forma, o autor sugere que se deve tratar hoje de “conhecimento-processo” e não mais de “conhecimento-estado”.

Isto implica incorporar à noção de conhecimento, uma ideia de dinamismo; de forma que o conhecimento pode passar a ser analisado dentro de uma perspectiva da complexidade. Como descreve Pedro (2008): “parece decisivo explorar conceitos e metodologias que têm emergido na atualidade para dar conta da complexidade requerida por um ‘pensar em rede’”.

Ainda Japiassu (1992) na sua conceituação sobre epistemologia, a discute de forma interessante e conveniente para explicitar e situar esta presente pesquisa:

Qualquer que seja a acepção que dermos ao termo epistemologia, a verdade é que ela não pode e nem pretende impor dogmas aos cientistas. Não pretende ser um sistema, a priori, dogmático, ditando autoritadamente o que deveria ser o conhecimento científico. Seu papel é o de estudar a gênese e a estrutura dos conhecimentos científicos. Mais precisamente, o de tentar pesquisar as leis reais de produção desses conhecimentos. E ela procura estudar esta produção de conhecimentos, tanto do ponto de vista lógico, quanto dos pontos de vista linguístico, sociológico, ideológico, etc. Daí seu caráter de disciplina interdisciplinar (grifo nosso).

A história das ciências, não sendo ela própria uma ciência, e não tendo por isso mesmo um objeto científico, é uma das funções principais da epistemologia. É a epistemologia que nos permite discernir a história dos conhecimentos científicos que já estão superados e dos que permanecem atuais (JAPIASSU, 1992). É por essa descrição anterior que está grifada que esta pesquisa também deve envolver, e envolve o campo epistemológico.

A atenção dos historiadores da ciência é dirigida para as observações e teorias dos cientistas, para seus instrumentos e métodos. Geralmente, eles descrevem as populações locais como ignorantes, mas dela dependia, em grande parte, o êxito das expedições científicas realizadas no Brasil desde o período colonial. Nestas expedições o conhecimento dos nativos era sistematizado pelos naturalistas, e incorporado ao cabedal científico universal. Cientistas que tiveram sucesso reconhecido no campo da coleta de plantas e animais e da descoberta de espécies novas, a exemplo de Alfred R. Wallace (1823-1913) deixaram evidente a importância dos nativos e de seus conhecimentos para o êxito de suas expedições (MOREIRA, 2002). Segundo Moreira (2002), esse fato contrasta com o formato sintético dos artigos científicos, nos quais as referências a colaboradores locais quase nunca aparecem ou são minimizadas.

Entretanto, “o avanço do conhecimento científico se comprova, sobretudo, porque permitiu o advento de crítica e da autocrítica (Morin, 2002 apud Toledo 2009)”. Neste contexto constituiu um logro que a ciência tenha aceitado a existência de outras formas de conhecimento, diferentes e prévias com as quais é preciso dialogar (TOLEDO, 2009).

A qualidade dos dados de pesquisas que envolvem o saber local é uma preocupação para os cientistas. Questões de ordem prática do tipo: lidar com as línguas locais, a confiabilidade das informações e como evitar incompreensões de ordem cultural são pontos a serem discutidos em trabalhos que envolvem colaborações locais (SHEIL e LAWRENCE ,2004). Diversas questões envolvem o diálogo dos saberes locais e dos saberes técnicos-científicos. Por exemplo, Silva (2011) cita caso em que houve divergência na percepção da população local sobre a cobertura vegetal quando comparada com imagens satélites.

Uma das estratégias usadas para o conhecimento científico figurar como conhecimento superior é esconder os elos com os outros tipos de conhecimento, ou, seja, mostrar as purificações e esconder os hibridismos (LATOURE, 1994). O aspecto híbrido da forma de produção de conhecimento no campo da ecologia é obscurecido pela explicitação, em artigos e relatórios, das análises baseadas em dados purificados por diversos processos: delimitação do grupo taxonômico, período de coletas, procedimentos estatísticos (SILVEIRA, 2010). Desta forma, o “produto” de uma pesquisa acaba ocultando, muitas vezes, aspectos técnicos e sociais importantes para a ciência.

Nesta mesma direção, Diegues (2000) comentou: “é surpreendente que o Ocidente, depois que as ciências e as técnicas ocidentais se impuseram por toda parte, sem nenhum questionamento, tenha repentinamente renegado o evolucionismo ingênuo que o fazia classificar os saberes dos outros na categoria ultrapassados”.

Santos e Dias (2010) discutindo o estabelecimento de uma relação menos assimétrica e um diálogo mais fecundo entre o conhecimento científico-acadêmico e o conhecimento tradicional indígena comentaram:

No âmbito da *pesquisa acadêmica de campo*, por sua vez, a situação é ainda mais preocupante: os índios, considerados portadores de informações de interesse das ciências, aparecem tão-somente como *mateiros* ou *informantes*, coadjuvantes auxiliares do pesquisador, que detém o monopólio do saber verdadeiro e último das coisas. Para as universidades e demais centros de ensino e pesquisa no Brasil, é inadmissível conceber o conhecimento tradicional (na maioria das vezes tido como *pré-científico*) em pé de igualdade com a ciência. Nas instituições nacionais financiadoras de pesquisa não há uma maneira de incluir o indígena como pesquisador, e nem existe aí uma *categoria de pesquisador* ou de *pesquisador tradicional*, como já apontou e sugeriu Almeida (2006).

O processo de construção de um fato é coletivo. Como afirmou Latour (2000): “Embora se diga que a literatura técnica é impessoal, isso está longe de acontecer.

Quanto mais técnica e especializada é uma literatura, mais social ela se torna, pois aumenta o número de associações necessárias para isolar os leitores e forçá-los a aceitar uma afirmação como fato.” Abrindo a “caixa-preta” da produção científica, este autor explica que é feito um reforço no acúmulo de recursos justamente para isolar o leitor. Esse isolamento é necessário, ainda segundo ele, para algo ser aceito como fato.

A literatura se torna mais social porque, mais recursos, significam mais homens (cientistas) bem equipados. “E é justamente dessa prática política que advém o poder da ciência – o poder de parecer apolítica, mera representante da natureza” (FREIRE, 2006). Por vezes, o saber não associado diretamente ao conhecimento científico, pode não ser valorizado pela sociedade. “O valor do saber fazer é sempre subestimado nos institutos e universidades. Ou, provavelmente, é o próprio conhecimento e o saber fazer das classes subalternas, que é desvalorizado em nossa sociedade... Trata-se então de uma questão de poder (CANDOTTI, 2002 p.10)”.

Surge então a necessidade de se integrar os conhecimentos locais e científicos, pois isto pode resultar em valiosa contribuição para a ciência e para valorização dos povos rurais. Como explica Diegues (2000, p. 42):

[...] O cientista tem vantagens em dois níveis: no mais global, o uso de sistemas de informação geográfica informatizados e uso de banco de dados e, no âmbito local, o uso de técnicas taxonômicas. O saber local, por outro lado, acumula conhecimentos por várias gerações sobre os ecossistemas e suas variações.

### 2.3 O TAXONOMISTA, O PARATAXONOMISTA E O MATEIRO

O conhecimento e o entendimento da complexa dinâmica que envolve as florestas tropicais iniciam-se pelo levantamento da florística (MARANGON et al., 2003).

Segundo Jimenez- saa (1969), entre os desafios que ecólogos, engenheiros florestais, sivilcultores e outros especialistas enfrentam nas investigações sobre comunidades vegetais, está a dificuldade da identificação de árvores, e há muitas ocasiões em que a identificação é feita diretamente na própria floresta. Neste contexto, o botânico taxonomista e o dendrólogo são especialistas que lidam, entre outras atividades, com a identificação de árvores, cada um baseando-se em um grupo de diferentes características.

O botânico taxonomista utiliza as flores e os frutos em seu trabalho de identificação e o realiza geralmente no laboratório, quase sempre incluindo também a comparação com exemplares de herbário já estudados. Mas, uma vez a espécie bem identificada e conhecidos a localidade e o habitat de procedência da amostra, é possível identificar muitas árvores sem necessidade de recorrer a flores e frutos. Por sua vez, o dendrólogo utiliza características macroscópicas dos órgãos vegetativos da planta, como a forma e a posição das folhas, algumas características da casca do fuste, os exsudados e

o aspecto geral da árvore (JIMENEZ-SAA, 1969). Essas diferenças entre especialistas mostram que nem sempre o saber científico é uniforme e consensual no que se refere aos métodos ou caminhos percorridos na construção do conhecimento.

Existem diversas formas de classificar os vegetais e os animais, cada qual adequada a cultura dos povos ou setor da sociedade que constroem a classificação. Um grande número de pesquisadores tem se dedicado aos estudos de sistemas tradicionais ou locais de classificação e do seu universo biológico, tendo constatado que os seres humanos, em diversas partes do mundo, utilizam estratégias semelhantes para classificar os seres vivos e organizar os conceitos biológicos (BROWN, 1984; ATRAN, 1990, 1998; BERLIN, 1992; ELLEN, 1993; CLÉMENT, 1995).

No entanto, nem sempre as estratégias utilizadas para classificação do universo biológico são semelhantes. Alguns autores se opõem a essa linha universalista de classificação, a exemplo de Hunn (1982, 1984). O autor defende que a classificação *folk*, “especialmente a classificação de animais e plantas, é uma construção cultural, particularista, isto é, próprio a cada grupo humano”.

Um dos sujeitos que atua na classificação e identificação de plantas é o informante local denominado mateiro. “Mateiro” é um dos sinônimos listados para ocupação de “identificador florestal”, além de “auxiliar de inventário”, “balizador em inventário florestal” e “inventariante florestal”, segundo a Classificação Brasileira de Ocupações (MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO, 2009). Estes colaboradores ou informantes privilegiados eventualmente exercem uma função que vai além da de um simples informante em pesquisas etnocientíficas em florestas (SILVA, 2010).

Diversos questionamentos podem ser levados em consideração quando se trata da participação de informantes locais em pesquisas científicas. Vários autores (POSEY, 1985; JINXIU et al. 2004; NOGUEIRA, 2005) por Silva (2010), demonstraram que em diversos casos houve uma alta correspondência entre as identificações de plantas feitas por habitantes locais e os encontrados na literatura especializada. Silva (2010) afirmou que podem ocorrer diferentes relações entre pesquisadores e “consultores locais” nos trabalhos de pesquisa e inventário florestal e colocou a seguinte pergunta: “quais os limites e as possibilidades para o uso dos sistemas locais e científicos de nomenclatura”?

Geralmente, a construção do conhecimento em situações de pesquisa de campo se dá de forma dinâmica, de modo que os cientistas e seus informantes interagem no decorrer do processo de construção. É lícito supor que, na maioria dos casos, ocorre troca de informações tanto do cientista para o informante como no sentido inverso.

De acordo com seu nível de conhecimento e técnicas em pesquisas de campo, o informante local mateiro pode vir a tornar-se especialista em alguma área de conhecimento. Nakazono (2010, p. 4) explicita algumas categorias definidas a partir das funções desses atores:

[...] generalista – aquele que “faz um pouco de tudo” e se adapta a distintas situações de campo e pesquisa, no conhecimento e controle de trilhas para andar pela floresta e pelos rios, auxiliando nas atividades específicas da pesquisa, assim como nas necessidades de apoio logístico do pesquisador [...] especialista - que se especializou a partir de sua participação consecutiva em inúmeros projetos de pesquisa em um domínio específico do conhecimento científico, como, por exemplo, nas pesquisas com pássaros, com macacos, com peixes, na botânica, entre outras [...] escalador – trata-se daquele que domina técnicas de subir em árvores, auxiliado por peçonhas e por cordas ou não (grifo nosso).

O trabalho do mateiro também varia, ainda segundo Nakazono (2010) “desde a coleta de produtos biológicos localizados no dossel da floresta, principalmente, de flores e frutos de espécies vegetais, até na coleta de insetos”.

Oliveira (2008) em estudo sobre o feitio da bebida sacramental da doutrina do santo daime cita que em áreas mais urbanas da Amazônia os “mateiros precisam se embrenhar cada vez mais na floresta” para achar o cipó e a folha (plantas utilizadas na fabricação do chá). Esse mesmo autor define a figura do mateiro: “São aqueles que conhecem melhor a mata e sabem onde procurar e reconhecer o cipó em meio à grande variedade existente na Amazônia”. Silva (1985) se refere aos mateiros como “auxiliares de botânica” na identificação de espécies em inventário florestal na Floresta Nacional Tapajós.

Sião (2008, p.199) transcreveu o relato de Black, Dobzhansky e Pavan, (1950) sobre estudos florísticos realizados por Dobzhansky e seus colaboradores; e como os mateiros podem vir a ser úteis nesse sentido, em estudo sobre a diversidade de árvores na floresta Amazônica:

O reconhecimento de espécies de árvores na floresta amazônica é muito difícil ou impossível sem examinar as flores e os frutos. Esta dificuldade existe nas vizinhanças de Belém [...] O aliviar dessa dificuldade, nos foi dado pela experiência dos mateiros. Esses homens, apesar de não serem letrados, tinham um critério para identificar árvores que deixou os autores impressionados. Textura, cheiro, gosto, a cortiça, presença ou ausência de látex, fibras e outras características secundárias como folhagem, flores e frutos. Os nomes comuns usualmente usados pelos mateiros geralmente coincidem com as espécies reconhecidas pelos botânicos.

No relato anterior percebe-se que a experiência dos mateiros na identificação de árvores na Amazônia surpreendeu os botânicos, inclusive o eminente Theodosius Dobzhansky. Um profissional que se apresenta bastante útil dentro deste contexto de estudos florísticos em trabalhos de campo é o parataxonomista. Esses profissionais se caracterizam por identificarem as plantas pelos nomes científicos. Segundo Sheil e Lawrence (2004), parataxonomistas são pessoas que não têm educação superior formal,

mas são treinadas para realizar tarefas taxonômicas. E parabiólogos são pessoas que não têm educação superior formal, mas são treinadas para realizar tarefas de investigação ecológica.

Uma menção a um parataxonomista é vista em um estudo etnobotânico dos descendentes culturais africanos no Brasil. Segundo Albuquerque (1999, p. 301) esta menção, “aparentemente simples agradecimento pessoal, indica o aspecto metodológico sobre o qual a obra foi assentada: nos relatos de um filho de Ossaim que guardava na memória uma série de nomes científicos”:

“Chico Biroasca”, apesar de homem de condição modesta e lutador fustigado pela sorte, dá-se ao luxo de ter na cabeça uma enormidade de classificações científicas que, ao expô-las, deixou-me estarrecido. Devo-lhe várias denominações botânicas: mal-me-quer de Oxum: Vadelia peludosa- De candolle (sic), o guaco: mikania guaco- Willd, (sic) a caferana: veronia condesata – Baker (sic), e para não ir mais adiante, deixou-me curvado de gratidão ao apresentar-me um formoso exemplar de sterculia acuminata-Palis (sic) e, quase de joelhos, maravilhado diante de uma jovem mirtácea, calistemum foenicus- Martius (sic), planta votiva de nosso pai Oxalá.

Provavelmente, pois o senhor “Chico Biroasca” foi mateiro do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, unindo o seu trabalho ao interesse das ervas como sacerdote. No contato com diferentes pesquisadores obviamente memorizou as plantas e os nomes científicos a elas aplicados (ALBUQUERQUE, 1999).

Um parabológico experiente pode inclusive participar de uma publicação científica. Eles conseguem, por meio de suas técnicas de identificação, separar as plantas por família e gênero. “Os identificadores são a junção do conhecimento das populações tradicionais com a metodologia acadêmica”, diz Paulo Barreto, pesquisador do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon). (REVISTA ÉPOCA, 2011).

Dentro desse contexto, percebe-se que esses agentes denominados mateiros, parataxonomistas ou parabológicos, exercem tarefa importante na construção do conhecimento científico no que concerne a identificação de plantas e relações ecossistêmicas. Para efeito deste presente estudo, considera-se a definição de “mateiro” dada pelo MINISTÉRIO DO TRABALHO e a definição de parataxonomista dada por Sheil & Lawrence (2004). E ainda: considera-se como “pesquisadores” as pessoas com instrução formal que contratam ou solicitam serviços de mateiros.

### 3. MATERIAL E MÉTODOS

#### 3.1 CRITÉRIOS PARA SELEÇÃO DA AMOSTRA

Os sujeitos-alvos deste estudo são “informantes locais” (mateiros) e pesquisadores que se relacionam (ou, se relacionaram) diretamente com estes colaboradores durante o desenvolvimento de pesquisas florestais no estado de Pernambuco. Esta escolha baseou-se, principalmente, na necessidade de explicitar a contribuição conjunta destes informantes para a ciência e analisar como ocorre a construção (concepções e práticas por parte dos mateiros) de realidades sobre a floresta.

Na primeira etapa com os pesquisadores utilizou-se a técnica bola de neve descrita por Oliveira (1990). Sendo assim, novos profissionais foram acrescentados a lista, pois a cada entrevistado foi solicitado que indicasse outros potenciais colaboradores para pesquisa.

Quanto ao universo amostral pesquisado, percebeu-se que o número de pessoas a serem entrevistadas, dentro do problema de pesquisa proposto, foi se esgotando ao ponto que, quando uma pessoa indicava outras, estas últimas todas já estavam inclusas dentro da amostra (no que se refere ao grupo de pesquisadores).

Ao todo foram entrevistados 30 pesquisadores que atualmente trabalham em instituições sediadas no estado de Pernambuco: Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Empresa Pernambucana de Pesquisa Agropecuária (IPA), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFET-PE), Diretoria de Meio Ambiente do Recife (DIRMAN) e Companhia Pernambucana de Saneamento (COMPESA). Todos os colaboradores já haviam realizado trabalhos de pesquisa e/ou inventário em ambientes florestais. Portanto, eram pesquisadores e técnicos que se identificaram como: botânicos(as), ecólogos(as), taxonomistas, etnobiólogos(as), etnoecólogos(as), dendrólogos(as), engenheiros(as), fitogeógrafos(as) e ecofisiologista(s). Foram realizadas ainda algumas consultas complementares a um ornitólogo e a três profissionais autônomos que trabalhavam com levantamentos florísticos. Na tabela 1 consta a quantidade de pesquisadores entrevistados em cada instituição com respectiva caracterização profissional e indicação da mesma.

Tabela 1: Quantidade de pesquisadores entrevistados em cada instituição com respectiva caracterização profissional e indicação da mesma.

<b>Instituição</b>	<b>Quantidade de pesquisadores entrevistados</b>	<b>Caracterização profissional</b>	<b>Indicações N *</b>
<b>UFRPE</b>	15	Botânico (a) Taxonomista Engenheiro (a) Ecólogo (a) Dendrólogo (a) Biólogo (a) Etnoecólogo (a) Etnobiólogo (a) Etnobotânico (a) Ecofisiologista Ornitólogo	3 2 5 5 2 4 1 2 2 1 1
<b>UFPE</b>	7	Botânico (a) Taxonomista Etnobotânico (a) Biólogo (a)	2 1 1 3
<b>IPA</b>	2	Botânico (a) Etnobiólogo (a) Taxonomista Fitogeógrafo (a) Biólogo (a)	1 1 2 1 1
<b>COMPESA</b>	1	Ecólogo (a) Dendrólogo (a) Engenheiro (a)	1 1 1
<b>IFET-PE</b>	1	Ecólogo (a)	1
<b>DIRMAN</b>	1	Engenheiro (a)	1
<b>UNICAP</b>	1	Biólogo (a)	1
<b>AUTÔNOMO</b>	3	Engenheiro (a)	3
<b>Total</b>	30		49

Fonte: Dantas (2012)

\*Durante as entrevistas foi dito para os pesquisadores que na resposta para a pergunta: ‘Como você se caracteriza profissionalmente’, os entrevistados poderiam marcar mais de uma alternativa. Desta forma houve 49 indicações de caracterização profissional.

O procedimento para escolha dos mateiros entrevistados foi o seguinte:

1. Todas as informações fornecidas pelos pesquisadores na primeira etapa da pesquisa sobre a localização dos mateiros foram checadas.
2. Foram citados cinquenta e dois mateiros que foram classificados da seguinte maneira: - mateiros que residem em outro estado; mateiros que já faleceram e mateiros citados por mais de um pesquisador.
3. Aquelas informações mais precisas (objetivas, detalhadas) forneceram respaldo suficiente para localizar os mateiros.
4. A proximidade com a cidade do Recife foi o critério utilizado para selecionar os informantes para esta etapa.

Foram selecionados para as entrevistas os mateiros que tinham sido indicados pelos pesquisadores em relação a serviços prestados na Mesorregião Metropolitana do Recife e da Mesorregião da Mata Pernambucana. Além disso, foram consideradas também indicações de mateiros realizadas por informantes em conversas informais. Esta escolha baseou-se na necessidade de facilitar o deslocamento da entrevistadora, em função dos recursos disponíveis para pesquisa de campo. Desta forma, foram entrevistados 16 mateiros (Tabela 2). Sendo: seis na Mesorregião Metropolitana do Recife: três na Microrregião Recife; dois na Microrregião Itamaracá e um na Microrregião Suape; 11 na Mesorregião da Mata Pernambucana: sete na Mata Meridional e quatro na Mata Setentrional. Dos sete mateiros citados por mais de um pesquisador, seis foram entrevistados.

Tabela 2: Códigos dos mateiros entrevistados, localidades onde foram feitas as entrevistas; municípios, microrregiões e mesoregiões em que se situava a localidade e parte do município em que o mateiro residia.

<b>Código do mateiro</b>	<b>Localidade</b>	<b>Município, microrregião e mesorregião em que se situa a localidade *</b>	<b>Parte do município em que o mateiro reside</b>
<b>M1</b>	Sementeira do Engenho São João, Usina Bom Jesus.	Cabo de Santo Agostinho, Microrregião Suape, Mesorregião metropolitana do Recife.	Zona rural
<b>M2</b>	Residência do informante localizada em Macujê.	Macujê, Microrregião Mata Setentrional Pernambucana, Mesorregião da Mata Pernambucana.	Zona urbana
<b>M3</b>	Superintendência do desenvolvimento do Nordeste	Amaraji, Microrregião Mata Meridional de Pernambuco; Mesorregião da Mata Pernambucana.	Zona urbana
<b>M4</b>	Residência do informante no Bairro de Dois Irmãos	Microrregião Recife; Mesorregião metropolitana do Recife.	Zona urbana
<b>M5</b>	Residência do informante localizada na Comunidade Três Ladeiras	Igarassu, Microrregião Itamaracá, Mesorregião metropolitana do Recife.	Zona rural
<b>M6</b>	Sala de reunião do departamento agrícola da Usina Trapiche	Serinharém Microrregião Mata Meridional de Pernambuco; Mesorregião da Mata Pernambucana	Zona urbana
<b>M7</b>	Associação de Pescadores de Rio Formoso	Rio Formoso; Microrregião Mata Meridional de Pernambuco; Mesorregião da Mata Pernambucana.	Zona urbana

Continua...

<b>Código do mateiro</b>	<b>Localidade</b>	<b>Município, microrregião e mesorregião em que se situa a localidade *</b>	<b>Parte do município em que o mateiro reside</b>
<b>M8</b>	Laboratório de botânica da Empresa Pernambucana de Pesquisa Agropecuária- IPA	Microrregião Recife; Mesorregião metropolitana do Recife.	
<b>M9</b>	Antiga serraria do Engenho Água azul, Usina Cruangi.	Timbaúba, Microrregião Mata Setentrional de Pernambuco; Mesorregião da Mata Pernambucana	Zona rural
<b>M10</b>	Casa do pesquisador, Usina São José	Igarassu, Microrregião Itamaracá, Mesorregião metropolitana do Recife.	Zona rural
<b>M11</b>	Associação de Pescadores de Rio Formoso	Rio Formoso; Microrregião Mata Meridional de Pernambuco; Mesorregião da Mata Pernambucana.	Zona urbana
<b>M12</b>	Departamento de botânica da Universidade Federal de Pernambuco	Microrregião Recife; Mesorregião metropolitana do Recife.	Zona urbana
<b>M13</b>	Residência do informante na Usina Trapiche	Serinharém, Microrregião Meridional de Pernambuco; Mesorregião da Mata Pernambucana.	Zona rural
<b>M14</b>	Antiga serraria do Engenho Água azul, Usina Cruangi.	Timbaúba, Microrregião Mata Setentrional de Pernambuco; Mesorregião da Mata Pernambucana.	Zona rural
<b>M15</b>	Sala de reunião do departamento agrícola da Usina Trapiche	Serinharém, Microrregião Mata Meridional de Pernambuco; Mesorregião da Mata Pernambucana.	Zona rural
<b>M16</b>	Antiga serraria do Engenho Água azul, Usina Cruangi.	Timbaúba, Microrregião Mata Setentrional de Pernambuco; Mesorregião da Mata Pernambucana.	Zona rural

Fonte: Dantas (2012)

\*Exceção na descrição para M3 que reside em Amaraji, Pernambuco, a entrevista foi realizada na Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste.

## 3.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

### 3.2.1 Coleta e análise dos dados – primeira etapa

Para a coleta de dados foram aplicadas aos pesquisadores entrevistas do tipo semi-estruturadas (Albuquerque et al., 2010). Fez-se uso de um “roteiro para diálogo” contendo 11 questionamentos. As entrevistas tiveram uma duração aproximada de 50 minutos, variando de acordo com as circunstâncias de cada momento (ambiente de realização da entrevista, disponibilidade do entrevistado em relatar suas experiências). Foi feita uma única entrevista com cada profissional, porém em alguns casos houve um segundo contato (quatro por email e em três casos pessoalmente) a fim de complementar dados considerados necessários para o desenvolvimento da investigação.

Os pontos contemplados na pauta da entrevista (roteiro para diálogo com os pesquisadores anexo) foram definidos visando obter principalmente informações sobre o papel dos informantes locais “mateiros” em pesquisas florestais, os fragmentos florestais onde houve estudos florísticos e fitossociológicos, os nomes dos mateiros que colaboraram com as pesquisas e as habilidades que o informante local necessita ter para atuar como mateiro. E buscou-se ainda responder a pergunta: que tipo (espécie) de contribuição é essa. Ou seja, porque os pesquisadores precisam dos mateiros? Como eles percebem a sua própria relação com os colaboradores mateiros?

Posey (1986) sugeriu uma “metodologia geradora de dados” que traz importantes sugestões para um diálogo de campo em que se respeitem os referenciais do “outro”, e, sobretudo, para que se compreendam os conceitos a partir da própria cosmologia do grupo pesquisado. O modelo proposto por este autor para o questionamento inicial dos informantes é “fale-me sobre isso”. Esse questionamento inicial “fale-me sobre isso” foi utilizado durante as entrevistas sempre que algum informante levantou um assunto que chamou a atenção para aprofundamento sobre a questão estudada. Foi respeitado o tempo necessário para que as lembranças dos informantes viessem à tona; em nenhum momento foi impedido que o entrevistado falasse sobre outro assunto e a mesma pergunta foi repetida de diferentes maneiras numa tentativa de vencer eventuais resistências para obter respostas.

Os dados das entrevistas foram registrados em minigravador digital e cadernetas de campo. As gravações foram transcritas fielmente e posteriormente analisadas. As entrevistas foram realizadas nas próprias instituições pernambucanas: laboratórios, salas e auditório (Figura 1). Respeitando a Resolução nº 196/96 do Comitê de Ética em Pesquisa, fez-se uso do Termo de Consentimento Prévio (ANEXO).



Figura 1: Momentos de entrevistas em laboratórios e salas na UFRPE (A, B, C e E), momento de entrevista em auditório da DIRMAN(D) e foto fornecida por uma informante (pesquisadora) durante entrevista: equipe de cientistas com o mateiro localizado no meio deles na mata da Reserva de Saltinho, Pernambuco, 1970(F).

Para analisar os dados resultantes das entrevistas foi aplicada a técnica de “análise de conteúdo” conforme descrita por Bardin (1977). A análise de conteúdo em termos gerais relaciona estruturas semânticas (significantes) com estruturas sociológicas (significados). Suas diferentes fases organizam-se em torno de três pólos cronológicos: 1) a pré-análise, 2) a exploração do material ou codificação, 3) o tratamento dos

resultados, a inferência e a interpretação. Partindo dos relatos coletados optou-se pela análise temático-categorial e a sistematização dos procedimentos exigidos por tal técnica foi feita de acordo com Oliveira (2008).

Os instrumentos que apoiaram o desenvolvimento da análise foram os seguintes: 1) leitura flutuante; 2) definição de hipóteses provisórias sobre o objeto estudado e o texto analisado; 3) determinação das unidades de registro (UR); 4) marcação no texto do início e final de cada UR observada; 5) definição das unidades de significação ou temas: associação das UR a unidades de significação ou temas; 6) análise categorial do texto: a partir dos temas determinados e da sua quantificação, foram definidas as dimensões nas quais os temas aparecem, agrupando-os segundo critérios teóricos ou empíricos e as hipóteses de análise (OLIVEIRA, 2008). A análise temática exige a descoberta dos “núcleos de sentido”; sendo assim na referida análise, o critério de categorização utilizado foi o semântico.

O conteúdo das entrevistas foi dividido em sete temas. Para cada tema foi construída uma tabela com suas respectivas URs e unidades de contexto (UC). Estas tabelas serviram de apoio para sintetizar os resultados. A unidade de UR é uma unidade de recorte, a partir da qual se faz a segmentação do conjunto do texto para análise. Neste caso definiu-se como unidade de registro a “frase”. Já as UCs são unidades de compreensão da unidade de registro. São segmentos do texto que permitem compreender a significação das unidades de registro. Neste caso definiu-se como unidade de contexto o “parágrafo”.

A análise quantitativa (cálculo das frequências) permitiu visualizar o quanto um determinado tema é importante para o grupo de corpus\* analisados (através da quantidade de unidades de registro em todas as entrevistas), e também permitiu a observação do quanto um determinado tema é importante para um só corpus (considerando a frequência em que os temas foram levantados e retomados pelos entrevistados). Os temas e suas respectivas categorias e frequências encontram-se nas tabelas 3,4 e 5 (APÊNDICE A, B e C).

\*Para Bardin (1977) *corpus* é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos.

### 3.2.2 Coleta e análise dos dados - segunda etapa

Foi feita uma única entrevista com cada mateiro. Houve uma adequação no procedimento das entrevistas com os informantes locais de acordo com o propósito da pesquisa. A entrevista foi dividida em dois momentos: o primeiro referente à entrevista de história oral temática (MEIHY, 2005) do informante local e o segundo, a entrevista semi-estruturada (ALBUQUERQUE et al., 2010) contendo questionamentos semelhantes aos utilizados no “roteiro para diálogo” com os pesquisadores (roteiro para diálogo com os mateiros anexo).

Desta forma, foi investigada de forma sintética a história oral temática de cada informante mateiro; os principais pontos relacionados com a floresta e o modo como os entrevistados viam a sua própria relação com os pesquisadores. Foi dada liberdade aos informantes para que eles pudessem apresentar seus próprios sistemas de pensamentos, os seus processos cognitivos, os seus sistemas de valores e de representações.

Segundo Meihy e Holanda (2007), um dos fundamentos da história oral é a preocupação com o compromisso marcado pela “voz dos excluídos”; e ainda a “revelação de aspectos desconhecidos, ocultos e desviados, não expressos nos documentos oficiais e escritos”. Análise de fontes documentais tais como: carteiras de identificação do vínculo institucional dos informantes locais, contra-cheques, relatórios e publicações em que há citação do mateiro, foram utilizadas como forma de complementação dos dados das entrevistas.

Na construção da síntese da história oral temática do assunto em questão utilizou-se o “tom vital”. De acordo com Meihy (2007, p.142): “O ‘tom vital’ é um recurso usado para requalificar a entrevista segundo a sua essência. Porque se parte do princípio de que cada fala tem um sentido geral mais importante, é tarefa de quem estabelece o texto entender o significado dessa mensagem e reordenar a entrevista segundo esse eixo. É o ‘tom vital’ que diz o que pode e o que não pode ser eliminado do texto”.

Para a coleta das informações houve o deslocamento até a localidade, considerando a área de abrangência geográfica da pesquisa - Mesorregião da Mata Pernambucana e Mesorregião Metropolitana do Recife (Figuras 2, 3 e 4). As entrevistas tiveram uma duração aproximada de uma hora e meia e foram realizadas nos ambientes em que os informantes mateiros estavam localizados (ver Tabela 2). Respeitando a Resolução nº 196/96 do Comitê de Ética em Pesquisa, fez uso do Termo de Consentimento Prévio (ANEXO). Para caso dos informantes analfabetos, os mesmos identificaram-se pela digital.

Semelhante à coleta dos dados na primeira etapa, aqui os dados das entrevistas foram registrados em minigravador digital e cadernetas de campo. O procedimento para sistematização e análise dos dados se deu com a prática da *transcrição, textualização e transcrição* (MEIHY, 2007) para dados de história oral temática do informante local e segundo, com a aplicação da técnica de “análise de conteúdo” do tipo classificatória, conforme descrita por Bardin (1977) para dados de entrevista semi-estruturada.

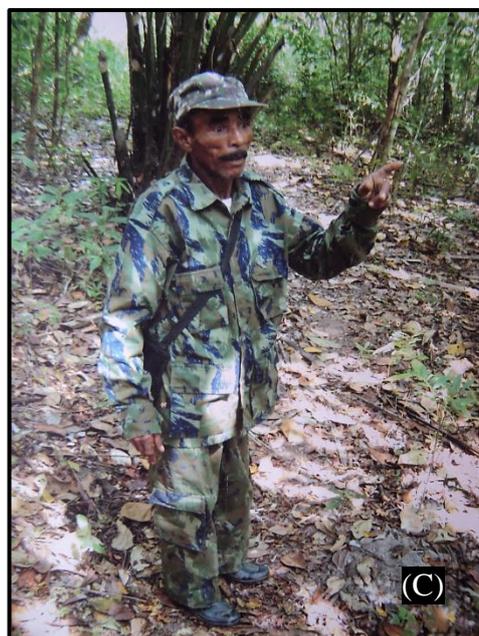


Figura 2: Conversa informal com João (nome fictício), 83 anos, no Engenho Água azul, Usina Cruangi – PE (A), Entrevista realizada na mata setentrional pernambucana com M2 na residência do mateiro em Macujê- PE(B) e foto apresentada pelo informante local M5 durante entrevista em sua residência na microrregião Itamaracá: o mateiro ganhou esta foto de um pesquisador que o contratou(C).



Figura 3: Momentos de entrevistas realizadas com os informantes locais: mateiro M13 durante entrevista realizada em sua residência localizada na Usina Trapiche(A); mateiro M8 durante entrevista no Laboratório de botânica do Empresa Pernambucana de Pesquisa Agropecuária-IPA (B).



Figura 4: Momentos de entrevistas realizadas com os informantes locais : mateiro M10 mostrando um painel de trabalho publicado em evento sobre a flora local(A), do qual ele participou do levantamento da vegetação, mateiro M1 na sementeira da Usina Bom Jesus(B).

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 PERCEPÇÃO DOS PESQUISADORES SOBRE OS INFORMANTES LOCAIS MATEIROS

#### 4.1.1 Identidade: o que significa ser mateiro

O informante local mateiro foi definido pelos pesquisadores como uma figura essencial para o desenvolvimento de trabalhos de campo em ambientes florestais: “*A presença dele ainda continua sendo muito importante mesmo quando você, pesquisador, já tem um conhecimento; porque ele sempre tem um nível de observação, ele sempre tem um destaque de alguma coisa que vai além do que é o nosso*”, relatou um dos informantes.

Os mateiros, de acordo com os relatos dos pesquisadores, costumam ser pessoas que exercem ou exerceram durante sua trajetória de vida atividades de caçador, de lenhador, de guarda florestal, são ou foram agricultores e funcionários de usina:

*“... era (o mateiro) morador de uma comunidade local. Trabalhou muito tempo em cana de açúcar e se aposentou. Aí a gente contratava o serviço dele principalmente para identificação de árvores, mas ele sabia quase tudo sobre a floresta, não só as árvores, mas também bicho, interações, informações sobre o sistema.”*

*“Muitas vezes o mateiro já foi caçador, isso é uma coisa bem recorrente, o mateiro já foi caçador e por isso ele conhece as trilhas conhece os animais, que fruto os animais comem, que época essa planta tá frutificando.”*

*“... foi guarda do IBAMA e mateiro, que ele (o mateiro) conhecia bem, pelos conhecimentos muito profundos da mata, ele ficou como guarda florestal porque ficava na mata vigiando e conhecia, mas ele é realmente mateiro...”*

Adjetivos como “compêndio de história natural”, “gerente da mata”, “homem primitivo”, “um cabra do mato” e “o cara da segurança” foram direcionados pelos pesquisadores aos mateiros. Este ator social foi comparado por um pesquisador a “uma grande biblioteca ambulante” devido ao aporte de conhecimentos que possui. Esta definição fornecida pelos pesquisadores sobre o informante local mateiro corrobora a gama de conhecimentos descrita por Toledo (2009, p.36): “No saber local existem conhecimentos detalhados de caráter taxonômico sobre constelações, plantas, animais, fungos, rochas, neves, águas, solos, paisagens e vegetação, ou sobre processos geofísicos, biológicos e ecológicos tais como movimentos de terras, ciclos climáticos ou hidrológicos, ciclos de vida, períodos de floração, frutificação, germinação, zelo ou

nidificação, e fenômenos de recuperação de ecossistemas (sucessão ecológica) ou de manejo da paisagem”.

A denominação “mateiro” muitas vezes foi associada a uma pessoa local, da região, com grande conhecimento sobre fauna, flora e interações do ecossistema; mas principalmente associada a uma pessoa com conhecimento relativo à flora local. É possível verificar nos relatos que seguem que a figura do mateiro é associada não apenas a um simples auxiliar de campo, mas sim a um detentor de conhecimentos, capaz de estabelecer diferentes relações de causa e efeito referentes ao ambiente florestal:

*“Mateiro a gente olha como **uma pessoa local**, que conhece bem, anda por aqueles cantos que a gente quer ir, e conhece o ambiente. Ele é capaz de dizer pra gente onde é que tem tal planta, onde é que tinha, onde deixou de ter. Ele conhece realmente o local, **chamo mateiro assim.**”*

*“... não sei o que você está chamando de mateiro, porque mateiro pra mim é aquele **conhecedor nato da vegetação daquele local onde ele mora**. Então ele conhece as plantas pelo nome vulgar, mas ele conhece as plantas, então, ele tem uma bagagem de conhecimento da vegetação muito grande.”*

*“Mas de forma geral **mateiro é quem entende do lugar**. Então você chega e pergunta pras pessoas quem é que conhece planta, quem é que conhece bicho.”*

*“... se não conhece floresta não tem como ser mateiro. Ele tem que **conhecer as árvores, conhecer as plantas, tem que ter experiência neste tipo de atividade**. Ele pode até não ter experiências em fazer picadas, fazer parcelas, mas que **ele conheça aquela área, aquela mata, aquela região, de onde ele naturalmente mora, reside.**”*

*“... ele não é simples trabalhador rural, vamos dizer assim não é simples trabalhador braçal, **ele é tomador de conhecimento.**”*

*“... é uma pessoa que tem um conhecimento botânico muito especial daquela vegetação, então ela vai ser **um ajudante participante da pesquisa** que você está fazendo. Então um mero ajudante de campo, nesse ponto ele tem muito menos habilidade.”*

*“Ele precisa ter uma grande capacidade de percepção. Ele tem que realmente ser aquela pessoa que não passa por uma trilha porque já tá aberta. Ele tem que ser aquela pessoa que tem senso de direcionamento, **tem que ter a capacidade de perceber as diferenças, as relações de causa e efeito... Quer dizer uma pessoa que sabe correlacionar uma chuva, um sol, uma revoada de algum inseto**”.*

Desta forma, segundo relato dos entrevistados, além de conhecer a vegetação, o mateiro possui outras habilidades. O conhecimento local não se restringe aos aspectos estruturais da natureza ou que se referem a objetos ou componentes e sua classificação

(etnotaxonomias), como também se refere a dimensões dinâmicas (de padrões e processos), relacionais (ligados às relações entre os elementos e os eventos naturais) e utilitárias dos (objetos e) recursos naturais (TOLEDO, 2009). Na última fala dos relatos anteriores percebe-se a capacidade do mateiro de estabelecer relações de causa e efeito ocorrentes no ambiente natural.

Pode-se inferir, então, que uma pessoa que realiza um trabalho de esforço físico tão somente, como abrir trilhas e montar parcelas, não é considerada “mateiro”, de acordo com os relatos aqui destacados. Neste sentido, um informante fez o seguinte relato: *“Não é mateiro (o que não conhece plantas), mas é meu guia. Não seria um mateiro, seria um guia. Mas nem sempre a gente consegue tudo.”* Houve algumas falas durante as entrevistas relacionadas ao o que “não é um mateiro”. As expressões dos entrevistados pareceram muitas vezes se confundir, quando se tentava definir um mateiro:

*“Não ele não é um mateiro. Ele é um funcionário da usina Bom Jesus, que nasceu na usina, conhece as áreas da usina todinha. Mas ele é um funcionário. É um cortador de cana.”*

*“Ele é como se fosse um mateiro. Agora a função dele não é mateiro, é auxiliar de pesquisa. Ajuda a gente a coletar, ele prensa coloca as plantas na estufa, ele é como se fosse um mateiro, mas ele não é mateiro, mas ele funcionava e funciona como mateiro.”*

No primeiro caso, faz-se referência a um funcionário de uma usina de açúcar, e parece haver uma relação do tipo: se é um cortador de cana não é mateiro. No entanto, a atividade de “mateiro” normalmente se caracteriza, segundo os pesquisadores entrevistados, por ser um serviço extra que o homem do campo realiza. Na segunda situação trata-se de um funcionário de instituto de pesquisas, que é um auxiliar de campo e desempenha o papel de mateiro, mas por ora não é classificado como tal por quem faz uso do serviço. Pode-se inferir que o ator “mateiro” foi considerado nesses casos como alguém que desempenha outras atividades no seu cotidiano e exerce o papel de mateiro quando solicitado. No parágrafo que segue, Nakazono (2010) explica que o que confere a esse ator o status de mateiro é o conhecimento que o mesmo possui. Analisando os relatos dos pesquisadores entrevistados, isto é confirmado; já que o conhecedor existe e só utiliza sua habilidade quando necessário.

Dentre as várias características de um mateiro, o conhecimento desse agente social lhe confere o status principal de sua identidade, que se configura no coletivo através da denominação mateiro. Estes agentes sociais não têm uma formação acadêmica específica e são usualmente classificados como autodidatas. Seu conhecimento aprofundado e empírico dos diferentes ecossistemas os tornou detentores de um saber prático essencial ao desdobramento do conhecimento científico (NAKAZONO, 2010).

Sobre o conhecimento do mateiro, um pesquisador comentou: *“Que apesar dele nunca, talvez não tenha tido nem oportunidade de saber nem o que é um mapa, mas ele sabe na cabeça dele o mapa dele. Não é?”* De acordo com Pinto Sobrinho

(2007): “Para proteger a existência desse sistema de conhecimento e sua contínua evolução, primeiramente, temos que salvaguardar a existência dessa específica relação entre o povo e seu ambiente. Essa relação é de crucial importância para a sobrevivência desse sistema de conhecimento local e para o manejo sustentável do ecossistema.” A peculiaridade do saber do mateiro, ressaltada pelos entrevistados, está associada em grande parte as relações que o mesmo estabelece com o ambiente natural no decorrer de sua história.

Neste contexto, e de acordo com os informantes, é possível considerar que mateiro é um ator social detentor de um conhecimento ímpar que possui geralmente uma trajetória de vida relacionada à vivência com a mata.

#### 4.1.2 **Formação: como alguém se torna mateiro**

##### 4.1.2.1 Seleção de mateiros feita pelos pesquisadores

Em caso de a área estudada ser um ambiente ainda não explorado (do ponto de vista de pesquisas científicas), geralmente o pesquisador procura na própria localidade uma pessoa conhecedora da mata. Neste sentido, um dos entrevistados comentou: “... vai procurando até achar o fulaninho, aí quando chega lá na pessoa que foi indicada como conhecedora da mata, a gente conversa com ele, como se fosse uma entrevista que ele não tá sabendo...”. Para contratar, achar um mateiro em ambientes em que já houve pesquisas anteriormente, aparentemente o informante local é indicado por outro técnico. Um pesquisador entrevistado indicou que: “E é perguntando que a gente chega, agora se é um local que já tem projeto de pesquisa funcionando, aí você vai perguntar pros pesquisadores do lugar que mateiros que eles usam.” Por uma questão de segurança e de garantir a eficiência do trabalho desenvolvido, essa indicação é preferida por alguns dos entrevistados; os quais afirmaram o seguinte: “... o ideal é que sejam pessoas que tenham, sejam pessoas de referência...”; “Então tem que ser uma pessoa do local e que normalmente a indicação seja de algum colega (pesquisador) que já usou o serviço.”

Segundo os pesquisadores entrevistados, em fragmentos florestais que fazem parte de alguma unidade de conservação, o mateiro geralmente é indicado pelo gestor da unidade. Ou, quando a pesquisa é realizada dentro de propriedades particulares, o dono da propriedade indica alguém.

É interessante ressaltar que mais de 80% dos entrevistados demonstraram preferência pelo mateiro local, uma pessoa que more no entorno do próprio fragmento florestal. De acordo com mais de 60% dos entrevistados um mateiro de mata atlântica serviria apenas pra mata atlântica. Seguindo este raciocínio, um mateiro da mata sul poderia auxiliar, caso haja necessidade na mata norte, mas jamais em outro tipo de formação vegetal. A não ser que se trate de um parataxonomista: “A partir do momento que eu treino ele como parataxonomista, ele seria capaz de identificar”.

#### 4.1.2.2 Indicações referentes ao ambiente de formação dos mateiros

Através de indicações referentes ao ambiente de formação de mateiros citadas pelos entrevistados, observa-se que o mateiro é formado durante sua experiência e convivência com a mata. Sobre isto comentou um pesquisador: *“É um profissional o mateiro. É um profissional formado aonde? Formado na natureza. Formado no dia a dia, formado na sua experiência de vida.”* Aparentemente, a formação desse agente social, nesses casos, é independente do pesquisador. *“Em raras ocasiões você forma um mateiro. Mateiro geralmente é alguém que tem uma atividade ou que teve uma atividade ligada com o meio ambiente. Então esse personagem, esse profissional esse perfil está lá”*, relatou um pesquisador entrevistado.

Percebe-se que, na visão dos pesquisadores, a formação de um mateiro não é realizada em meses ou anos, mas depende de uma história de vida e da existência continuada de determinadas espécies e habitats:

*“... obviamente, mateiros não se formam mais, porque pra se formar mateiro o cara tem um tempo de vivência, de experiência, de convivência com a natureza e isso é uma coisa que ocorre cada vez menos. Primeiro que tem menos natureza, segundo que hoje tem outras formas de ganhar a vida, tem outras oportunidades econômicas, enfim.”*

*“Porque os bichos não estão mais aí, várias plantas já sumiram. Então a escola de formação dos mateiros que era o mundo natural, essa escola tá desaparecendo. A não ser na Amazônia, você vai ter lá o caboclo, aquele cara que ainda vive no meio ambiente, que trabalha com extrativismo, mas aqui...”*

Levando em consideração que o conhecimento do mateiro é construído durante sua relação com a floresta, pode-se inferir que à medida que outras variáveis (vínculos empregatícios em outras localidades diferentes da nativa do informante local, fragmentação florestal) interferem nesta relação, menos mateiros se formam. Desta forma, o ambiente de formação dos mateiros está também associado a “preservação da diversidade cultural e de seu valor para a conservação da diversidade biológica” (CANDOTTI, 2002, p. 9).

#### 4.1.2.3 Treinamento de mateiros

Houve vários relatos de pesquisadores que treinaram alguns mateiros ou que no decorrer de sua carreira conheceram mateiros que foram treinados por outros técnicos: *“Eram pessoas jovens e foram treinados durante os trabalhos de pesquisas a reconhecer as espécies e eles saíam de um canto para outro...”*; *“... eu treinei este mateiro na realidade. Porque ele tinha um conhecimento muito grande de espécies*

*florestais né? É, porém ele tinha a felicidade, de estar terminando o segundo grau, esse menino. E aí eu botei na mão dele aquele livro de organografia...”. O fato da pessoa a ser treinada possuir certo grau de estudo (saber ler, escrever e desenhar) foi frisado como um aspecto importante e positivo por alguns entrevistados facilitando, inclusive, o aprendizado dos nomes científicos das plantas. Silva (2011) destaca o envolvimento de parataxonomistas no reconhecimento de plantas como uma ferramenta importante, no entanto chama atenção em relação ao uso do material apresentado ao informante local: “ao utilizar fotografias e exsicatas, muitas informações táteis e olfativas necessárias ao reconhecimento das plantas podem ser perdidas levando a erros de identificação”.*

O treinamento caracteriza-se aparentemente por uma transmissão do conhecimento do pesquisador para o mateiro, mas não necessariamente em todos os casos o mateiro torna-se um parataxonomista. Um dos entrevistados expressou assim este aspecto: *“... ele acabou absorvendo todo um contexto teórico das formações florestais em termos de vegetal, ou seja, o que é que é uma folha simples, uma folha composta, descrever bem a casca de espécie, essa coisa toda. Então ele ficou um mateiro meio sofisticado, vamos dizer assim.”*

Em algumas situações, houve indicações de que a pessoa a ser treinada não essencialmente precisa ter uma vivência anterior com a mata. Segundo um relato, parece ser mais crucial a disposição de aprender:

*“Mesmo que ele não soubesse de nada, eu iria treinar ele. Que os mateiros que a gente trabalha, a gente treina. Quando ele não sabe de nada por exemplo. Porque às vezes é melhor uma pessoa que não sabe de nada do que uma que acha que sabe, porque dá mais confusão ainda...”*

Nesse caso, aparentemente, a pessoa que foi treinada pelos pesquisadores aprendeu a identificar as plantas em nível de família, gênero e espécie pelo nome científico. Desta forma, pode ser considerada um parataxonomista, porém não um completo parataxonomista, no sentido que faltaria aqui a experiência adquirida ao longo da vida com a floresta, já que um informante antes de adquirir a habilidade de identificar as plantas pelo nome científico, normalmente se caracteriza como um colaborador mateiro tão somente. Outro caso é o de “Chico Biroasca”, mateiro do Jardim Botânico do estado do Rio de Janeiro que aprendeu vários nomes científicos de plantas com os pesquisadores, e, o aprendizado se deu, de acordo com Albuquerque (1999, p. 301), através da oralidade: “fica evidente que alguns dos nomes obtidos partiram de uma fonte oral, uma vez que foram escritos como pronunciado”.

Ou seja, existem aqui dois caminhos: primeiro um conhecedor “mateiro” que possui uma longa vivência com a mata, e, em seus contatos com os pesquisadores pode vir a se tornar um parataxonomista; e um segundo caminho em que uma pessoa que não possui necessariamente uma longa vivência com a mata (ainda não “mateiro”) demonstre interesse e aptidões para auxiliar em trabalhos realizados em ambientes florestais e seja formado como parataxonomista. Ambos os atores (mateiro e parataxonomista) podem ser úteis ao pesquisador. No exemplo que segue, a importância

de fixar a diferença entre esses dois atores é ressaltada por repórter da revista época. Carlos da Silva Rosário, um dos últimos parobotânicos do país, assim descrito pelo repórter da revista época 2010, não gosta de ser confundido com um mateiro, que para ele é uma pessoa contratada para abrir trilhas: “Minha tarefa não é guiar na floresta, e sim reconhecer as árvores”, diz.

Outro pesquisador entrevistado afirmou que uma das características de um bom mateiro é a vontade de aprender, o interesse por novas informações:

*“... se ele (mateiro) tem interesse de aprender, então, é um bom mateiro e se ele se autodenomina assim que é mateiro, e que gosta disso que ele faz, ele tem curiosidade em aprender, então, ele quer que você também pesquisador repasse pra ele algumas informações... Então assim, ele (mateiro) sentou e foi realmente tentar ver do ponto de vista do conhecimento dele como ele iria diferenciar aquelas plantas que até então no nível de observação dele ele só conseguia ver como João mole, tinha consistência porque eram todos do mesmo gênero, mas do ponto de vista científico. Pra ciência tinha diferença porque eram quatro espécies de Guabira... ele não quer só passar um conhecimento que ele tem, mas ele quer também que você leve conhecimento pra ele...”*

É possível verificar, no trecho da fala que segue, que o pesquisador é que, através da experiência em trabalhos de pesquisas e inventários florestais, confere o status do mateiro, outorga o título de mateiro: “... porque quem pode dar trabalho para eles é a gente, quem mais?” O conhecedor já existe e utiliza seu saber de forma prática, de acordo com suas “necessidades locais” (WIERSUM, 2000), antes de ser procurado pelo pesquisador para auxiliar em pesquisas. Ou seja, a pessoa detentora do conhecimento (o profissional) já está lá e se torna mateiro através da contratação proposta pelo pesquisador.

É importante frisar que este assunto (“treinamento de mateiros” ou outra forma de vínculo) foi um ponto que surgiu espontaneamente na fala de alguns entrevistados. Apesar de não serem interrogados a respeito, mais de 50% dos entrevistados trouxeram o assunto. Pode-se então considerar que o treinamento de mateiros é uma questão relevante para os pesquisadores. Esse interesse é demonstrado nos relatos que seguem:

*“Que eu acho que o que tá faltando pra a gente aqui, talvez ter um curso de preparação pra mateiros... preparar um pessoal pra gente ter como referência e levar nesses levantamentos de campo. Acho que é mais uma profissão que a gente podia ter, bem específica na verdade...Aqui na universidade começar a preparar pessoas mais jovens que tenham essa afinidade com as matas, que trabalhe, que more próximo de uma mata e que tenha, já um certo conhecimento e que tenha interesse de fazer um treinamento pra mateiro...”*

*“... Poderiam ser treinados na academia como parataxonomistas. A partir do momento que eu treino ele como parataxonomista, ele seria capaz de*

*identificar. Sempre vai existir demanda de parataxonomista e é algo que pode ajudar a própria comunidade na questão da conservação da biodiversidade”.*

No entanto houve uma opinião divergente da maioria dos pesquisadores em relação a este treinamento. Um pesquisador relatou que esse tipo de prática pode interferir na “estrutura do raciocínio” do mateiro:

*“... se a gente fizer um curso de formação de mateiro, a gente acaba com a lógica, porque vai vir a nossa lógica, se perde justamente... está se perdendo a estrutura do raciocínio, essa forma de decodificar a informação da natureza que eles vão acumulando ao longo do tempo, e eu não vejo como isso possa permanecer. Só se tiver uma bolsa mateiro.”*

A preocupação demonstrada na fala anterior parece surgir porque uma das peculiaridades e qualidades do mateiro, de acordo com os pesquisadores, é o modo diferenciado de ver a floresta; o qual é adquirido somente com a experiência na mata.

Das tradições intelectuais que elaboraram uma compreensão da natureza, essa descrita no trecho da fala anterior (*decodificar a informação da natureza ao longo do tempo*), está relacionada a descrição de Toledo (2009) sobre o conhecimento acumulado ao longo das gerações através da prática que, segundo o autor: “aglutina diversas formas de compreensão sobre o mundo natural” e é denominada “experiência tradicional”.

O problema levantado pela pesquisadora entrevistada sobre a perda da lógica do mateiro, no caso deste último ser treinado por pesquisadores, poderia talvez ser amenizado se o treinamento desse ator se desse através da “tradição intelectual” dos próprios mateiros. Isto era o que acontecia há algum tempo atrás; ou seja, o aprendizado se dava por herança familiar. Candotti (2002, p.18) fornece um exemplo desta resolução:

Nesse treinamento, os mateiros mesmo, as pessoas têm vocação para isso, faziam um treinamento com eles até família, aprender a identificar a família. Usamos a estratégia que é juntar o velho mateiro que é analfabeto, porque nós pelo menos não tínhamos condições de alfabetizá-lo naquele momento, com um filho que tivesse mais interesse naquele ofício dele. Colocava a dupla – pai e filho, e o pai com o conhecimento que tinha e o filho aprendendo a anotar então. Você faz uma dupla interessante e começa a inserir o filho na profissão que era do pai e ele, além de valorizar o conhecimento do pai ainda pode seguir naquilo e obter êxito nesse sentido.

Diante das afirmações dos entrevistados, e desta possibilidade sugerida por Candotti (2002), cabe perguntar: se existe demanda de recursos humanos especializados para identificação de árvores, ou seja, demanda de mateiros, porque ainda não houve uma iniciativa em Pernambuco neste sentido?

### 4.1.3 Atuação do mateiro na pesquisa de campo: estrutura do conhecimento do mateiro

#### 4.1.3.1 Serviços desenvolvidos pelo “mateiro”

Foram reconhecidas, nos relatos dos informantes, diferentes atribuições dadas aos “mateiros”: “... avisar quando estava começando a florescer uma determinada espécie”; “Identificar as espécies...”; “... histórico de uso daquela área”; “... ele sobe nas árvores também”; “... furar buraco, colocar as estacas, colocar tela, como depois também ajudavam na parte de catalogar as plantas...”; falavam muito também pra quê que servia uma planta ou outra...” Assim como foi dito por um pesquisador entrevistado, Sheil e Lawrence (2004) também destacaram a colaboração de populações locais em relação à fenologia de espécies arbóreas.

Um dos entrevistados sintetizou bem as tarefas desses colaboradores: “... é o pessoal que conhece as plantas, que conhece os bichos, que socorre as pessoas quando elas... Na verdade o mateiro em alguns projetos é o cara com **múltiplas tarefas**: de acompanhar, de proteger, de orientar, de identificar, de informar”.

Entre as mais diversas atividades desenvolvidas pelos mateiros, a questão da localização na mata, a “orientação” foi citada pelos pesquisadores como fundamental. Um dos entrevistados comentou: “... *os mateiros servem de guias pra pessoas se orientarem no campo, na verdade eu acho que é quase obrigatório ir com mateiro para campo.*” (grifo nosso) É possível constatar a importância deste serviço específico nos relatos de alguns informantes nos trechos em destaque:

*“... eu acho o mateiro muito importante, pra me orientar no campo, a eu entrar, como eu não sei o que é esquerda, direita **eu entro e não volto, então ele me orienta para eu voltar** e eu aproveito vou perguntando, anotando os nomes vulgares de determinadas plantas...”*

*“... o serviço do mateiro é acompanhar, ele conhece o lugar então ele sabe fazer você chegar nas trilhas e sair dos lugares, **conhece noções**, que pode ser locais perigosos ou de mais difícil acesso...”*

*“Eu não tinha essa noção espacial de onde é que eu estava depois que adentrava, e aí, ele não. Ele tinha, sabia o nome das serras, sabia o nome dos riachinhos, sabia que a fazenda de seu fulano estava ali, então **ele me localizava**, era uma forma de eu estar localizada...”*

*“Hoje com GPS as coisas estão mais fáceis, mas **mateiro é importante também pra você não ficar dando voltas** e saber qual é o melhor caminho por que às vezes o GPS indica o caminho menor, mas ali tem um desfiladeiro, tem barranco e o mateiro está sabendo e isso vai otimizar a sua trilha.”*

Estas últimas falas destacadas convergem com a maneira como um próprio mateiro participante da equipe do Projeto Dinâmica Biológica de Fragmentos Florestais do INPA, na década de noventa do século XX se auto definiu: “... *Mateiro, é um nome que foi posto pelo conhecimento que a gente tem, é um todo. É você ir com a pessoa para o mato e saber que você volta. Porque aquela pessoa é responsável e tem conhecimento lá dentro... Confia em você, você com o mateiro, você sabe que é bem tratada, é respeitada, se não tem gás você cozinha na lenha, de qualquer maneira você vai e volta. Então aceita como mateiro, que é como a gente é mais conhecido*” (Francisco Marques Bezerra também conhecido como “Flecha”, Manaus, abril de 2010) (NAKAZONO, 2010, p 65)

Em relação aos serviços desenvolvidos em pesquisa de campo, alguns dos pesquisadores consideraram interessante também que o mateiro realizasse tanto um apoio operacional (carregamento de instrumentos, mantimentos e instrumentos de trabalho até as áreas a serem investigadas) como também, que seja “conhecedor” do ambiente local:

*“... você pode ter uma pessoa pra auxiliar você com a retirada do material, de acompanhar carregando as coisas, carregando instrumentos pra fazer algumas medições, pra ajudar, por exemplo, a demarcar parcelas, mas que vai fazer o serviço, mas não conhece o local entendeu? O interessante é que a pessoa, o mateiro se ele atuar também nessa parte de auxiliar de campo, mas, que ele seja do local pra conhecer o lugar onde a gente tá andando, aí sim fazer toda a parte de apoio logístico da área de como andar onde, chegar nos lugares bons, que é as características do lugar que a gente espera encontrar, os grupos que a gente quer encontrar se ele já sabe por onde tem.”*

Este último relato converge com o que Nakazono (2010, p 66) descreveu para o ambiente amazônico: “... além de identificar os ambientes e caminhos a serem percorridos, são responsáveis por consolidar as acomodações da equipe de campo, incluindo alimentação e transporte. Após isso, realizam as aberturas de trilhas e plotagem de experimentos, com auxílio de instrumentos topográficos, e se necessário são feitas também aberturas de clareira”.

#### 4.1.3.2 O conhecimento e sua aquisição: como o mateiro obtém ou gera conhecimentos?

Os meios através dos quais os mateiros obtêm e acumulam conhecimentos não parecem ser facilmente identificados pelos pesquisadores entrevistados. Nos relatos destes últimos percebe-se que a diferença existente entre a forma de obtenção do conhecimento de pesquisadores e mateiros na maioria dos casos é desconhecida. Os pesquisadores nem sempre, sabem, conhecem qual é a lógica do conhecimento desses

colaboradores. Na tabela 6, estão apresentados alguns registros sobre a obtenção do conhecimento pelos mateiros sob o ponto de vista do pesquisador.

Tabela 6: Unidades de registro e unidades de contexto com expressões referentes à aquisição do conhecimento dos mateiros sobre o ponto de vista do pesquisador.

UNIDADES DE REGISTRO (UR)	UNIDADES DE CONTEXTO (UC)
Eles tem uma outra lógica	“A forma do conhecimento, como se adquire esse conhecimento, a lógica do raciocínio, a gente é treinado pra ter uma lógica de raciocínio pra identificar plantas né, ou seja, olhar estípula, olhar se o ovário se é súpero ou ínfero, se as folhas são opostas ou são alternas; isso é que nos guia pra gente tomar alguma decisão. No caso dos mateiros eles têm uma outra lógica que eu não sei qual é.”
O que é que ele tava vendo que eu não estava vendo	“... era um conhecimento espetacular, você ficava procurando aonde, que referência ele tinha pra ver isso, o que é que ele estava vendo que eu não estava vendo, porque quando você tem uma lâmina, vê, tudo bem que identifique pela anatomia,mas <b>você bater o olho na madeira sem tá preparada e reconhecer é quase uma mágica...</b> ”
Alguma coisa na folha que diferenciava pra ele	“... trabalhava um pouco melhor a copa, ele olhava as folhas e tal, mas ele não sabia o que era folha simples e folha composta. Mas tinha alguma coisa na folha que diferenciava pra ele.”
Conhecedor do seu objeto de trabalho	“Ele que é conhecedor do seu objeto de trabalho. Que você vai procurar extrair dele da forma que ele pode lhe orientar, pra daí então baseado no conhecimento dele você tornar isso uma ciência, uma pesquisa científica...”

Continua...

UNIDADES DE REGISTRO (UR)	UNIDADES DE CONTEXTO (UC)
Acaba redirecionando toda tua pesquisa	“Você pode chegar com uma ideia interessante então e o mateiro dizer esse bicho que você tá procurando não tá aqui. O que você acha que acontece não acontece. O mateiro acaba redirecionando toda tua pesquisa no sentido que ele tem mais ou menos uma ideia se vai funcionar ou não teu projeto, como conhecedor de história natural.”
Capacidade de fotografar a casca das plantas na mente	“... conhecia muita planta pela casca. Ele mal olhava pra cima. Ele tinha uma experiência fantástica neste sentido, tinha uma capacidade de fotografar a casca das plantas na mente, e ele acabava usando tão somente aquilo, odor, cor da casca, tudo isso ele usava e via de regra sempre muito positivamente.”
É muito mais em cima da memória do que do conhecimento	“... na caatinga que é meio difícil você identificar quando não tem folha nenhuma, apenas um pau seco geralmente é um cara que já conhece. Aí você pergunta como é a flor desta planta, como é o fruto dessa planta? Porque como ele é do local ele lembra, então é muito mais em cima da memória do que do conhecimento. Algumas ele sabe dizer, essa é a jurema, mas ele não é digamos um conhecedor. Mas ele lembra, ele viu, ele conhece está na área dele.”
Boa memória visual	“... E como eles são mateiros eles têm uma boa memória visual para ver as plantas aí acho que isso aí é importante essa característica...”

Fonte: Dantas (2012)

O trecho da fala apresentada na tabela 6: “...  *você ficava procurando aonde, que referência ele tinha pra ver isso*”, está associado ao que Leff (2009) assinala: “todo saber leva dentro de si uma estratégia conceitual”. As palavras irracional, ilógico, mágico são acusações: elas são o efeito do choque entre sistemas de referência, não dizem nada sobre as aptidões lógicas ou sobre as formas de raciocínio de qualquer cultura em particular (LATOURET, 1983). A palavra “*mágica*” no trecho em destaque na

tabela anterior serve para “caracterizar o modo como os cientistas que estão dentro de uma rede poderosa vêem o que está fora dela” (LATOUR, 2000). Em outros termos: o conhecimento do ambiente natural de informantes locais muitas vezes passa a ser considerado meras opiniões, porque o cientista (que está dentro da rede científica) nem sempre percebe este tipo de saber como conhecimento, mas como crença. No entanto, é importante frisar que ambos os atores (pesquisadores e mateiros) possuem seu “kosmos”: sistema de crenças, visão de mundo, cosmovisão (Toledo 1992, 2000). Em termos de “sociológica” (Latour, 2000) nada distingue as crenças de um pesquisador das de um mateiro.

Pesquisando a forma de obtenção do conhecimento do mateiro, Silva (2010 a) apresentou uma síntese da história oral temática de um consultor local em que este último explicou como aprendeu sobre plantas com o pai. É possível observar um trecho dessa síntese no relato a seguir:

Desde os sete ou oito anos de idade que minha obrigação era trabalhar com meus pais. Nessa época eu já estava pregado num cabo da enxada com meu pai, e ele dando explicação. Às vezes andávamos pela mata, e quando encontrávamos uma moita, um pau diferente, eu perguntava: ‘Papai, que pau é esse?’ Assim fui aprendendo os nomes de madeira que conheço. Entendo de uma porção de madeiras por causa disso. Lembro, por exemplo, de um pau cheiroso chamado limãozinho, que deixava meu pai com as mãos verdes e com o cheiro bom, quando ele retirava os brotos que nasciam em tocos de área de roçado. Eu perguntava: ‘que pau é esse papai?’ Ele respondia: ‘limãozinho’. E assim por diante. Se meu pai nunca tivesse me levado para o campo, eu nunca teria aprendido nada de plantas, eu não iria saber nem a metade dos nomes.

A forma de aprendizado sobre o ambiente natural dos atores (pesquisador e mateiro) é diversificada. O fato de os pesquisadores terem dificuldade de identificar o processo de obtenção de conhecimento do mateiro indica claramente que pesquisadores e mateiros vivem em grupos socioculturais distintos. Ou seja, pesquisadores e mateiros lidam com diferentes aspectos da realidade. Apesar de a ciência possuir um aporte de conhecimento cada vez maior, em relação ao respeito a estes diferentes aspectos já mencionados, parece não ter evoluído tanto. Para Candotti (2009, p.8), “O progresso do conhecimento acentuou e não dissipou a intolerância pela diversidade cultural”.

Por vezes alguns entrevistados indicaram que o mateiro não tem o interesse em rever o próprio conhecimento já formado, por exemplo, em relação a uma espécie vegetal que ele denomina por um nome, mas que para ciência são espécies diferentes:

*“Pra mim que entendo um pouquinho do assunto, mas pra eles é detalhes muito pequenos, ele não tem interesse nenhum em aprender e eu no lugar deles também não. Eles não teriam a capacidade, pela falta de conhecimento, o tamanho de uma estípula. A posição de uma estípula. Pra que o mateiro vai memorizar isto? Eu sei que não é uma leguminosa porque está me faltando uma estípula, mas eu vou explicar isso pro mateiro? A*

*folha é igual, e é, realmente, a folha é igual; mas só que me faltou as estípulas aí eu sei que não é.”*

Esse ponto de vista da falta de interesse do mateiro ressaltado acima pode ser explicado pelas diferentes relações que se estabelecem entre o pesquisador e o mateiro, pois para o entrevistado (que, profissionalmente se caracterizou como taxonomista), o produto (objetivo, utilidade do mateiro) é muito mais para coletar material; sua experiência com o mateiro costuma ser rápida, de um dia a uma semana. Sobre a habilidade requerida do mateiro pelo taxonomista, o mesmo entrevistado comentou: *“Habilidade de conhecer pela casca, eu não tenho essa habilidade, eles tem muito mais”*.

Em situações de projetos de pesquisa em que o contato com o colaborador mateiro é maior, normalmente de um a três anos, a relação tende a ser fortalecida tendo como base a confiança, existindo assim um espaço maior para diálogo e troca de conhecimento.

De acordo com os relatos dos pesquisadores entrevistados, optou-se por classificar os mateiros em três categorias para melhor sistematização do raciocínio e apresentação dos resultados. Desta forma, a tabela 7 apresenta a categoria de mateiro preferida por diferentes tipos de profissionais (de acordo com a classificação dos próprios pesquisadores, ver tabela 1), seguida da descrição do perfil do mateiro enquadrado em tipos (1,2, e 3 ). Assim como Nakazono (2010) para “efeito de ilustração”, definiu três tipos de mateiros: generalista, especialista e escalador. A classificação construída pela pesquisadora Nakazono (2010) foi baseada nas funções deste agente, considerando que os perfis de mateiro se formaram “partindo de trabalhos científicos”. A categorização aqui resultante da análise de conteúdo classificatória baseou-se nas descrições fornecidas pelos pesquisadores entrevistados sobre a figura do mateiro de forma geral, ou seja, funções desempenhadas por esse agente, habilidades requeridas para um mateiro, entre outras.

Tabela 7: Resultados da análise de conteúdo classificatória aplicada aos diferentes perfis de mateiro.

CATEGORIA DE PESQUISADOR	CATEGORIA DE MATEIRO	DESCRIÇÃO DO MATEIRO	TIPO
Botânico (a) Taxonomista Dendrólogo (a) Engenheiro (a) florestal	Auxiliar de campo	É um guia de orientação dentro da floresta e possui conhecimento mediano da vegetação.	1

Continua...

CATEGORIA DE PESQUISADOR	CATEGORIA DE MATEIRO	DESCRIÇÃO DO MATEIRO	TIPO
Dendrólogo (a) Engenheiro (a) florestal Botânico (a) Taxonomista	Conhecedor da vegetação	Aquele que auxilia, sobretudo na identificação das plantas.	2
Ecólogo Biólogo Etnoecólogo Etnobiólogo Etnobotânico Fitogeógrafo	Tradicional	Possui conhecimentos ecossistêmicos e têm condições cognitivas para cooperar intelectualmente com a pesquisa; além de ser um potencial colaborador na identificação de espécies vegetais e animais.	3

Fonte: Dantas (2012)

Esta classificação apresentada na tabela 7 pode auxiliar na estruturação da profissão mateiro, e também pode ser um instrumento colaborativo para uma possível contratação destes atores feita por instituições de pesquisas. Um exemplo sobre nivelamento desses agentes foi relatado por um mateiro (Ari Jorge Correia Ferreira) contratado pelo Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia:

Ao longo desse tempo a gente, mateiro ou auxiliar de campo, e na realidade, alguns se acham técnicos, porque através do conhecimento ao longo do tempo, na minha concepção, ele passa a ser um técnico, pelo seu conhecimento... Aqui no PDBFF eles são contratados como auxiliar de campo, nível 1, nível 2, uma denominação do departamento pessoal...(Nakazono, 2010, p. 2).

Aparentemente, o perfil do mateiro em questão também vai interferir na postura do mesmo em escutar o pesquisador, querer perceber o ponto de vista do pesquisador. Neste sentido um entrevistado relatou:

*“... um mateiro que já está acostumado a trabalhar com pesquisador e que já quer entrar nesse universo, quer saber os nomes científicos e tal, e aí eu acho que eles até mudam a forma de perceber, porque já estão acostumados a lidar com cientista. Mas quando é um mateiro que você sai com ele uma vez no campo e troca esse tipo de informação, eles continuam falando a mesma coisa.”*

Analisando a postura do pesquisador em relação ao saber do mateiro explicitado em práticas de campo, pode-se fazer associação com Japiassu (1992) que ressaltou: “Uma ciência que não puder ser contestada não é ciência: é dogma, ideologia, religião. Aqueles que têm certezas absolutas não podem exercer uma atividade científica séria e são candidatos à morte intelectual”.

#### 4.1.3.3 Formas de pagamento ou Retribuição ao mateiro

Em geral, o colaborador mateiro recebe como pagamento o valor correspondente a uma diária de trabalho de homem do campo. Um dos entrevistados comentou: *“Geralmente eu perguntei a ele o que é que ele queria, ele nunca dizia o que é que queria. Aí eu procurei saber o preço de hora de trabalhador rural e paguei um pouquinho a mais correspondente as diárias de trabalhador rural, trabalhador de campo.”* O valor da diária varia de região para região: *“Era diária, aí depende da região.”* Normalmente o mateiro não estabelece um pagamento, ficando assim a cargo do pesquisador decidir: *“... eles não dão o preço...”*; *“... nunca eles determinavam o que era, mas eu sempre paguei”*.

Na maior parte dos relatos foram citados valores em torno de R\$ 20,00 a R\$ 30,00 pelo dia de serviço prestado pelo mateiro “auxiliar de campo, tipo1”(categoria etic descrita na tabela 7). No entanto, esse valor pode variar de acordo com as condições de trabalho em campo, experiência do mateiro, duração da pesquisa ou levantamento (se é um dia, um mês, um ano) e forma de contratação estabelecida. Se o ambiente estudado, o caminho a ser percorrido tiver difícil acesso, se o mateiro demonstrar grande habilidade de auxiliar nas atividades que estão sendo requeridas pelo contratante, o valor pago geralmente aumenta, segundo os informantes consultados. Em situações em que o mateiro já é funcionário contratado de alguma empresa privada o pesquisador eventualmente não realiza pagamento, pois considera que o informante local está “sendo cedido” para auxiliar no que for necessário: *“... não era pago, não. Porque também eles eram funcionários da empresa...”* Em casos de prestação de serviço como auxiliar de campo vinculado a projeto de pesquisa que tenha apoio financeiro (mateiro “conhecedor da vegetação”, tipo 2 conforme tabela 7) parece existir uma estabilidade maior em relação ao pagamento do informante. Neste sentido, relatou um pesquisador: *“Um salário mínimo. De segunda a sexta, quando tinha todo dia, mas nunca tinha todo dia. Mas eles ficavam disponíveis pra gente de segunda a sexta”*. Sendo a “contratação” realizada por um (a) consultor (a) autônomo (a) para realização de um inventário

florestal o valor geralmente é mais alto (R\$ 100,00 a R\$ 200,00); já que, nos relatos destes profissionais, o mateiro contratado se enquadra nos níveis 2 e 3 (vê tabela 7).

Também existem outras maneiras de retribuir ao mateiro, que não através do dinheiro, neste sentido relatou uma informante: “Mas a gente sempre leva, eu levava uma cesta básica, um quilo de charque. Mas dinheiro eu não dava a ele não porque ele já era funcionário da usina, já ganhava”.

Por vezes, pelo simples prazer de estar sendo útil, ou talvez pela própria cultura dessas pessoas denominadas mateiros, alguns preferem não receber nada em troca por sua colaboração. Um dos entrevistados lembrou a fala de um mateiro que lhe auxiliou: “*Não professor, isso é um prazer, é um prazer acompanhar*”. Outro pesquisador relatou: “*Quer dizer em vez deles (os técnicos) pagarem, o homem (mateiro) que ainda foi dar coisas pra ele (almoço, água). Eles foram dar um agrado, eles não quiseram ficarem ofendidos. Aí tem mateiros e Mateiros*”.

Foram relatadas diversas formas de se retribuir o serviço prestado pelo mateiro: “... desde o esquema profissional em rubrica até o trocado que você dá...”. O pagamento se dá segundo o “acordo” que é feito entre pesquisador e mateiro. Ou seja, pode-se inferir que não existe um valor fixo, pré-determinado para o serviço do mateiro.

Em raros casos houve nas falas dos entrevistados, uma preocupação maior em discutir “qual seria uma retribuição justa pelo trabalho do informante local”. Neste sentido, um dos entrevistados indagou:

*“Não é um pagamento, porque se fosse um pagamento mesmo, eu acredito que deveria que existir uma tabela de honorários de mateiro e teria que ser bem pago mesmo. Tipo sei lá estabelecer a nível de salário mínimo assim, porque é um trabalho de um profissional, né?”*

Esta falta de um pagamento mais condizente com o que realmente deveria ser, pode estar relacionada ao fato da identidade do mateiro, enquanto profissional e detentor de um conhecimento único, não ser ainda reconhecida e valorizada de forma devida. Nakazono (2010, p. 68) pode auxiliar nesta reflexão (pagamento feito ao mateiro pelo serviço prestado) quando considerou:

O conhecimento detido pelos mateiros pode ser considerado como um conhecimento tradicional, não apenas em virtude das relações que eles estabelecem com as comunidades locais, já que muitos deles provêm de famílias que integram essas comunidades e foi nelas que eles tiveram sua infância e adolescência ou o seu aprendizado elementar de classificação empírica; mas, sobretudo pela interatividade entre eles e o saber dos pesquisadores científicos.

Sendo assim, Nakazono (2010, p. 4) defende que os mateiros da região amazônica são membros de populações tradicionais, e que os mesmos merecem exercer

os direitos por serem representantes de tal. O mateiro pernambucano, mesmo não sendo necessariamente membro de população tradicional nos moldes amazônicos, merece receber informação mais detalhada sobre os desdobramentos do seu trabalho de colaborador? Merece um pagamento mais justo pelo seu serviço? Estas são perguntas que a presente pesquisa pretende suscitar. A esse respeito Borges (2010, p. 4) comenta:

As ‘comunidades locais’ são reconhecidas pela Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB) como sujeitos de dois direitos principais: primeiro o de consentir, ou não, acerca da utilização dos seus conhecimentos por terceiros e, segundo, o de receber parcela justa e equitativa de benefícios decorrentes da utilização dos mesmos.

#### 4.1.4 Vantagens e desvantagens dos nomes locais ou populares

Na tabela 8 são apresentadas algumas unidades de contexto (UC) que de forma geral representam o ponto de vista dos pesquisadores entrevistados em relação ao uso de nomes locais ou populares de plantas nas pesquisas científicas.

Tabela 8: Unidades de contexto referentes às vantagens e desvantagens associadas ao uso de nomes locais ou populares.

RESTRICÇÕES ASSOCIADAS AO USO DOS NOMES LOCAIS OU POPULARES	ASPECTOS POSITIVOS RELATIVOS AO USO DOS NOMES LOCAIS OU POPULARES
<p>“... eu acho que você não deve usar uma informação de mateiro, que dá uma informação de uma planta local, um nome popular, que muitas vezes outras plantas têm o mesmo nome...”</p> <p>“... você pode dar o nome que ele deu o nome popular, sempre tendo a ideia das limitações porque o nome popular ele pode empregar o mesmo nome popular para mais de uma espécie então quando você tem o nome popular, você ainda não sabe se essa e a outra são as mesmas ou são diferentes...”</p>	<p>“... estudando determinada área se você tiver os nomes populares dali, aquela pesquisa vai ter um acesso maior para população.”</p> <p>“... o nome popular de todo jeito não é uma indicação científica, mas ele me dá digamos assim um roteiro pra eu chegar àquela família, o gênero, espécie.”</p> <p style="text-align: right;">Continua....</p>

<p>“e muitas vezes mateiros de lá de coleta de sementes não falava a mesma língua de mateiro meu associado a reconhecimento das espécies, falavam nome diferente vulgar. Então nome vulgar tem essa conotação, ele pode variar regionalmente, pode variar entre estados e também até local mesmo.”</p>	<p>“... Então já é uma dica muito grande pra quem tá fazendo levantamento florístico. Porque você já tem uma ideia de que família é.”</p> <p>“... já é uma referência você já tem um nome, aquela pessoa vai reconhecer essa planta quando ela for outra vez entrar na sua amostra, isso tudo vai facilitando.”</p> <p>“acho muito importante o nome vulgar e a única forma de constar o nome vulgar é ele dizer. Se eu coletar o material botânico, eu posso ter identificação botânica pelo herbário, mas o nome vulgar é ele que vai dizer, porque eu não posso dar um outro nome popular.”</p>
--	--

Fonte: Dantas (2012)

Foi destacada pelos pesquisadores entrevistados a importância dos nomes locais como meio de comunicação entre os pesquisadores e a população local: “*Seu Antônio me leva ali numa mirindiba que eu quero coletar semente*”.

Uma das limitações de identificação botânica envolvendo informantes locais foi citada por Albuquerque (1999, p. 301) considerando estudos das “ervas sagradas na umbanda”:

Geralmente os relatos que se dispõem são precários, justificado pelo fato que os autores desses relatos, não sendo botânicos, procedem a identificação científica pela ‘coincidência vernacular’, ou seja, de posse do nome popular procuraram relacionar através da literatura o nome científico correspondente, sem que a planta tenha passado por um estudo sério nas mãos de taxonomistas.

No entanto, considerando o grupo de pesquisadores aqui consultados, a “coincidência vernacular” não se configura como um problema, já que a maior parte dos pesquisadores se reconhece na obrigação de checar se o nome local que está sendo dado pelo mateiro é correto ou não, de acordo com a literatura especializada. Neste sentido Nogueira et al (2004) realizou teste de confiabilidade para nomes locais fornecido por mateiro no estado do Amazonas. Na análise deste último autor, os nomes locais foram transformados em nomes científicos através da consulta à literatura. O autor verificou que apenas 53% dos nomes científicos inferidos a partir dos nomes comuns provaram ser corretos. Entretanto, vale ressaltar que o nome comum mencionado pelo mateiro foi

considerado correto por Nogueira et al (2004 ) quando existiam nomes comuns semelhantes na literatura. Investigações sobre correspondências entre nomes locais e nomes científicos de plantas são interessantes, mas é necessário frisar que pode acontecer de um nome local ser mencionado pelo mateiro, mesmo não existindo, ainda, nome correspondente na literatura e se tratar de uma nova espécie. Outro ponto é que eventualmente o erro pode estar no modo de fazer a inferência e não na informação fornecida pelo mateiro.

As restrições associadas aos nomes locais ou populares citadas pelos pesquisadores estão relacionadas aos erros que podem ocorrer ao generalizar o uso de nomes locais de plantas. Os exemplos relatados pelos entrevistados estão, de forma geral, associados a descrição que segue de Silva (2011): “Uma espécie botânica de planta poderá apresentar vários nomes, caracterizado como erros de divisão (“splitting error”) e várias espécies botânicas um mesmo nome popular ou erro de acumulação (“lumping errors”) (BASSET et al., 2004 apud SILVA,2011; KRELL, 2004 apud SILVA,2011; BARALOTO et al., 2007 apud SILVA,2011). Hanazaki (2010) investigou o consenso entre sete especialistas locais no reconhecimento e denominação de espécies arbóreas na floresta atlântica no estado de São Paulo e verificou que houve casos de mais de um nome popular para uma espécie botânica; ou seja, como comentou o pesquisador: “...nome vulgar tem essa conotação, ele pode variar regionalmente, pode variar entre estados e **também até local mesmo**”( tabela 8).

Diferenças na relação que se configura entre diferentes profissionais que realizam levantamentos florísticos e nomes locais ou populares foram relatadas por um pesquisador entrevistado:

*“Como eu não tenho a obrigação do botânico, o botânico tem uma obrigação de ter uma fidelidade muito grande na sua identificação botânica, no classificador, na nomenclatura atualizada, checar pelo mobot. Bom a gente deve fazer isso também pra não escrever besteira, mas é muito comum uma lista florística ser composta somente de família e espécies... Porque o cara (o botânico) não pretende, ele não acha que vai estar lá em campo, entendeu? Ele está fazendo um estudo teórico, ele não se imagina depois em campo. E em campo você precisa ter a referência de nome vulgar. Então como engenheira, a gente tem objetivos mais práticos, eu preciso coletar sementes, eu preciso me preocupar com a restauração, preciso fazer diagnóstico. Eu não quero somente conhecer, fazer uma relação com a biodiversidade; não quero ter somente informação sobre a biodiversidade, não quero apenas saber, eu quero saber para alguma coisa, com alguma finalidade. E pra isso nome vulgar é sempre muito interessante”.*

De forma geral, o uso dos nomes locais ou populares de plantas em levantamentos de vegetação é visto de forma positiva pelos pesquisadores, pois na maioria das vezes, facilita e direciona a identificação botânica correta no mínimo em nível de gênero, além de representar um complexo de ordem cultural. Apesar desta visão positiva dos entrevistados relativa aos nomes locais, aparentemente a diferença

cultural existente entre pesquisador e mateiro, pode vir a influenciar no modo como os pesquisadores se relacionam com o informante local mateiro. Para Candotti (2002, p.8), “A diversidade cultural é elemento incômodo no frágil [...] A diversidade cultural remete à existência de uma história, de um passado, na construção das relações com a natureza. Questiona-lhe assim a legitimidade do poder”. No que se refere aos nomes de plantas, os pesquisadores entrevistados aparentaram possuir em geral certa afinidade com o saber local dos mateiros, não se enquadrando, portanto, aos “adeptos radicais da cultura científica que desprezam os que se expressam em linguagens diferentes” (CANDOTTI, 2002, p.16)

Outro aspecto interessante e abordado por alguns pesquisadores, relativo aos nomes locais é a forma como eles surgem. Aparentemente, os nomes são associados a alguma(s) característica(s) da planta e muitas vezes essas características não são facilmente percebidas pelos pesquisadores, que podem aproveitar a oportunidade para aprender esses aspectos com o mateiro. Neste sentido relatou um pesquisador:

*“Então essa associação das características com o nome vulgar eu acho que a gente tem que ficar muito atento. O mateiro, o bom mateiro, uma pessoa que tenha essa vivência ela pode nos ajudar muito nisso, a ter mais essa sensibilidade, de perceber essas relações, de tentar descobrir essas coisas do nome vulgar.”*

#### 4.1.5 **Diálogo ou troca de informação entre pesquisador e mateiro**

Alguns relatos dos pesquisadores sobre a forma de diálogo em campo podem ser observados na tabela 9. Trechos de fala como: “*O conhecimento que ele aporta não é do meu mundo*” refletem uma distância na forma do conhecimento dos atores e também na linguagem utilizada por cada um. Candotti (2002, p.10) em conferência na comemoração dos 135 anos do Museu Paraense Emílio Goeldi explicou um pouco dessa diferença de cultura:

*“Imaginemos então quanto tempo e dedicação seriam necessários para que um botânico possa compartilhar com um mateiro o que sabem de uma árvore. Essa iniciação aos códigos e significados das diferentes culturas, seria função da escola? Em parte. Acredito que faltam às escolas, mestres especializados, oficinas e instrumentos para realizar esta missão. Creio isso sim, que esta tarefa deveria ser atribuída também aos museus, como o Goeldi, por exemplo, ou a Centros que estabeleçam a ponte e a mediação entre as diferentes ‘culturas’ e conhecimentos, e promovam o intercâmbio entre suas fronteiras”.*

Candotti propõe que as instituições e os Centros de pesquisa científica poderiam promover o encontro dos ‘mestres mateiros’ e dos ‘mestres das ciências’, de educadores e antropólogos. Esta ação provavelmente fortaleceria o diálogo e a interação entre pesquisadores e mateiros.

Tabela 9: Unidades de registro e de contexto apresentando o ponto de vista dos pesquisadores sobre formas de diálogo em campo com os mateiros.

UNIDADES DE REGISTRO (UR)	UNIDADES DE CONTEXTO (UC)
Estabelecer o que a gente diz o rapport	“Você estabelecer o que a gente diz o rapport, uma interação que seja compreensível, que você consiga passar pra ele o que é que você precisa. Mas não dentro da minha visão, dentro da visão dele.”
Bem nivelado com eles	“E não eu doutor lidando com um analfabeto, não é por aí... Você tem que está bem nivelado com eles, aí você tem tudo..”
Leituras diferentes	“São leituras diferentes e que era bom a gente saber entender porque ele vê daquele jeito, porque ele conhece muito mais aquilo do que você...”
Forma de falar	“Pode ser que pela forma de falar, a gente é que não entenda o que ele está dizendo, mas eu acho, eu levo tudo como uma informação...”
Pergunta algumas características	“... sempre quem trabalha com mateiro pergunta algumas características, como é que ele chega a reconhecer a espécie, informações que a gente tem problema, e a gente anota para depois tentar também verificar como identificar as espécies por nome vulgar...”

Fonte: Dantas (2012)

Segundo Nakazono (2010 p. 69), “se a relação de pesquisa estabelecida entre o “dito” pesquisador e seu auxiliar de pesquisa estiver ancorada, de maneira rígida, em estruturas objetivistas, não haverá espaço para que ocorra uma troca de conhecimentos com aquele que se torna, praticamente, o guia e o braço “direito” do pesquisador”. Ainda segundo a mesma autora: “... de uma forma ou de outra, se esta relação social perdurar, como verificado no desenvolvimento de algumas pesquisas, **mesmo que não seja explicitado ou admitido, o conhecimento do *mateiro*, em diversos momentos, também será integrado na avaliação dos resultados do trabalho científico**”. O trecho anterior em destaque está relacionado com a questão que Latour (1994) discute a respeito do conhecimento científico: “mostram-se as purificações e escondem-se os

hibridismos”. Um pesquisador (Candotti, 2002, p.24) indaga como seria a maneira ideal de perceber esse ator mateiro enquanto agente na prática científica:

*“... o mateiro ou outros colaboradores que temos nas nossas relações de produção do trabalho científico... olharíamos estes colaboradores; descartaríamos essa relação de conhecimento que eles detêm de práticas de levantamento de dados, de amostras, de procedimentos básicos que contêm uma parte do trabalho científico que só eles podem fazer”?*

#### 4.1.6 Tendência de desaparecimento dos mateiros

##### 4.1.6.1 Dificuldade de encontrar mateiros

Nas entrevistas, observou-se, de forma geral, uma dificuldade dos pesquisadores em encontrar mateiros. Um entrevistado indicou que: *“É um tipo de profissão ou um tipo de trabalho que você não encontra mais profissionais, cada vez mais difícil.”* Elementos como “difícil”, “raro”, “cada vez menos” foram mencionados em mais de 80 % dos relatos, principalmente quando se tratava de “achar bons mateiros” (Tabela 10):

**Tabela 10:** Unidades de registro e seus respectivos elementos apresentando palavras que demonstram dificuldade em se encontrar mateiros.

UNIDADES DE REGISTRO (UR)	ELEMENTOS
“É cada vez mais difícil”.	Difícil
“... mas é muito raro já.”	Raro
“... eu acho que tá até se acabando, entrando em extinção a espécie...”	Extinção
“... que mateiros de forma geral estejam deixando de existir...”	Deixando de existir
“... é lamentável que tão poucos mateiros ainda existam...”	Tão poucos
“Eu consigo um guia, mas o mateiro depende da região que você vai.”	Depende da região
“Agora bons mateiros cada vez menos...”	Cada vez menos
“Porque mateiro já é algo muito difícil de encontrar.”	Muito difícil

Fonte: Dantas (2012)

Aparentemente, essa dificuldade se torna mais acentuada quando se trata de encontrar um mateiro com experiência. Neste ponto a dificuldade foi associada pelos entrevistados ao fato de que os bons mateiros, na maioria dos casos são as pessoas mais idosas. Segundo Silva (2011): “ao necessitar de uma coleta rápida de informações sobre a paisagem manejada, o foco deverá ser dirigido aos habitantes que moram na localidade há mais tempo.” O autor ressalta ainda, que: “famílias (humanas) cujos ancestrais viviam na área de estudo acumularam conhecimentos ao ponto de reconhecer duas a três vezes mais tipologias florestais e seu histórico de uso em relação a outras famílias que se estabeleceram na mesma localidade há menos tempo”.

Foi relatada por um dos pesquisadores consultados, uma situação em que um funcionário de universidade (identificado pelo entrevistado como sendo um “botânico”) se dispôs a acompanhar o pesquisador na falta de mateiro, ou ainda situações em que o pesquisador foi obrigado ir a campo sem o mateiro por não ter outra opção.

Porém também houve opiniões contrárias a essa tendência, como pode ser observado na tabela 11 abaixo:

Tabela 11: Unidades de registro e seus respectivos elementos apresentando palavras que demonstram facilidade em se encontrar mateiros.

UNIDADES DE REGISTRO (UR)	ELEMENTOS
“Não, eu acho que não é difícil encontrar não.”	Não é difícil
“Não vejo dificuldade nisso porque o pessoal do interior é muito solícito...”	Não vejo dificuldade
“Não, é fácil, sempre é fácil. Agora difícil é você encontrar um bom mateiro.”	Sempre é fácil
“Mateiro é fácil achar, não é difícil.”	É fácil

Fonte: Dantas (2012)

Vários fatores podem estar associados a essa suposta dificuldade de encontrar mateiros, como por exemplo, a devastação dos ambientes florestais (se não existe ambientes naturais não existe convivência com a mata e mateiros não se formam), aspectos de ordem financeira (relacionado ao sustento das pessoas que vivem próximas as matas), o cenário atual de migração rural, entre outros. Neste sentido, relataram dois pesquisadores:

*“No caso de Pernambuco você já tem assim a mata atlântica sendo massacrada há séculos, então a não ser que seja num lugar que sobrou bons pedaços de mata, as pessoas já se desvincularam com essa vivência da*

*mata, então você pode ir em lugares que tem gente simples que trabalha às vezes no meio da natureza que não entende mais nada da mata...*”

*“... a lógica me diz que é cada vez mais difícil de ter mateiro, porque ele é mal remunerado ou não encontra qualidade de trabalho... Então ele tem pouca oportunidade de trabalho. Ninguém vai se meter na mata... As pessoas têm o que fazer, vão ter que fazer agricultura, vão trabalhar em Suape, vão pescar, então eles não têm tempo mais pra estar dentro da mata, não têm motivação, não têm tempo, e como é que esse conhecimento vai se manter, entende?”*

Corroborando com trecho do relato anterior do pesquisador (“vão trabalhar em Suape”), Sieber (2009, p. 53) explica: “Cada vez mais os jovens se desinteressam pelo trabalho no campo e se direcionam para os grandes centros”.

De acordo com alguns relatos dos entrevistados, parece haver uma facilidade maior em encontrar o informante local mateiro na caatinga. Isto pode estar relacionado ao fato que o histórico de devastação da mata atlântica é bem mais severo que o da caatinga, de forma que as populações locais talvez possam ter mais acesso à vegetação nativa da caatinga, além das influências urbanas da capital do estado estarem situadas mais distantes. Entretanto a tendência de desaparecimento desses especialistas locais aparentemente não se restringe à mata atlântica de Pernambuco, como é possível verificar no relato a seguir: *“... é lamentável que tão poucos mateiros ainda existam que esse perfil de pessoa esteja desaparecendo em todo mundo eu diria, não é uma coisa da mata atlântica”*.

#### 4.1.6.2 Novas gerações de mateiros

Em relação às novas gerações de mateiros, parece haver um consenso entre os entrevistados que esse conhecimento não está sendo repassado, como pode ser observado na seguinte fala: *“... deveria ser uma coisa que passasse de pai pra filho, mas não passa. Muitas vezes eles não querem nem saber das plantas, por conta do próprio desenvolvimento do local.”* Neste mesmo sentido outro entrevistado relatou:

*“As novas gerações principalmente aqui (em Pernambuco) não têm nem exposição com o ambiente natural, que o ambiente natural já acabou na verdade... Então, pessoas que conviveram e adquiriram, por experiência, conhecimento de história natural sobre estes ambientes, é muito raro e as novas gerações não têm nem a oportunidade. Os jovens não querem ser mateiro que nem o pai, os jovens têm outras aspirações, querem inclusive ir pra escola, não quer viver a vida no mato e conhecer bicho e planta. Obviamente não tem muita motivação de ordem econômica.”*

Mesmo nos locais em que ainda existem fragmentos de floresta no estado de Pernambuco, de acordo com os pesquisadores entrevistados, variáveis de ordem social, cultural e econômica interferem na escolha do jovem em seguir a profissão do pai mateiro. Segundo Luna (1997) “Este processo de fragmentação florestal, além dos prejuízos ao meio natural, gerou mudanças consideráveis na vida cotidiana das populações humanas locais que têm nos recursos advindos da floresta um componente importante ao seu sustento”.

Porém houve uma minoria dentro do universo pesquisado que descreveu experiências em que os filhos substituíam o pai: “... ia com a gente para o campo, e depois quando ele não podia mais ir pela idade, o filho dele era que ia. Mas esse primeiro senhor ele era um senhor, morava ali mesmo desde a vida inteira...”

À perda do “saber local”, podem estar associados, também, fenômenos decorrentes da urbanização, das migrações internas, da massificação imposta pelos veículos de comunicação, da desvalorização do conhecimento dos mais velhos – estes dois últimos mais relacionados aos jovens - que por sua vez, ocasionam a perda da identidade cultural (PINTO SOBRINHO, 2007).

#### 4.1.7 Visibilidade do mateiro

As menções feitas aos mateiros em documentos acadêmicos, em geral, são mais comuns nos agradecimentos de dissertações e teses, segundo os entrevistados. Estas menções surgem por vezes nos livros e raramente em publicações de artigos científicos. Apenas um entrevistado afirmou que já incluiu nomes de mateiros como autores em artigos. De acordo com os entrevistados, em trabalhos de campo que têm uma duração mais longa (mais de um ano) se estabelece uma relação de confiança entre técnico e o mateiro, de modo que o primeiro quase sempre menciona o segundo no trabalho escrito. Porém quando se trata de situações em que o contato com o mateiro dura poucos dias, como é o caso de taxonomistas que costumam passar no máximo dois dias em um mesmo lugar, a relação entre os atores se configura de uma maneira mais formal e por vezes o técnico esquece rapidamente o nome do profissional mateiro que serviu como auxiliar naquele trabalho.

Apesar de o mateiro ser definido por mais de 90% dos entrevistados como uma peça fundamental nas pesquisas, em relação ao mérito do conhecimento construído a partir do contato entre diferentes saberes, o informante local ainda permanece, segundo um pesquisador entrevistado, “*por trás dos bastidores*”. Neste sentido destacaram alguns entrevistados: “*mateiro é aquela figura escondida*”; “*uma figura que fica na sombra, mas que é importante.*” Ainda em relação à menção a mateiros em qualquer tipo de documento relatou um pesquisador: “... *isso não vai significar nada pra ele, porque ele nem sequer vai nem ler o seu (do pesquisador) trabalho...*”

Levando em consideração o processo de construção do conhecimento em experiências de campo com os atores envolvidos, é necessário pontuar que: o mateiro transmite o seu saber local sobre o ambiente florestal para o pesquisador e este último

faz uma espécie de tradução, transforma aquele saber para outra linguagem incorporando sua própria visão de mundo. Desta maneira, fica claro que o último saber (que normalmente é apresentado para a sociedade) foi construído através da junção dos dois tipos de saberes. Em outros termos: é resultado de uma hibridação do conhecimento científico com o conhecimento local. No entanto, como ressalta Latour (1983, p.197): “o saber é compartilhado de modo desigual. Ele é objeto de uma luta violenta para produzi-lo, apropriar-se dele, arrancá-lo dos outros. Porque essa violência permanece dissimulada por aqueles mesmos que se acreditam incrédulos e racionais?”

Uma forma de valorizar o serviço do mateiro, segundo alguns pesquisadores entrevistados, seria incluí-lo no orçamento dos projetos e dos inventários; desta forma se estabeleceria uma relação de prestação de serviço estável. Neste sentido, relatou um entrevistado:

*“... a principio eu vejo em relação à mão-de-obra, porque quer queira quer não hoje o mundo é comercial, então você, por exemplo, vai fazer um experimento, você vai fazer um projeto, você poderia incluir essas pessoas nas despesas. Porque isso não é incluído. Você coloca um agrônomo, você coloca um técnico, você coloca um engenheiro florestal mas você não coloca um mateiro. Coloca um técnico agrícola, um técnico florestal mas você não coloca aquela mão de obra do campo que você vai precisar... Você chega lá paga o dia e pronto, acabou. Perdeu o vínculo, não tem mais contato com ele. Quer dizer, ou seja, ele não é tido como, **ele é um profissional mas ele não tem o nivelamento, ele não é visto como um, ele é visto como uma pessoa que pode te ajudar e pronto. Então eu acho que se isso acontecesse valorizaria mais a atividade do mateiro.**”*

Sendo assim, se o pesquisador considera o mateiro como um simples acompanhante, o pesquisador dará o tratamento que um simples auxiliar de campo “acompanhante” merece. Nesta perspectiva um informante relatou: *“... que mencione ele não, agora que ele está por trás disso aí sim. Como você não menciona quem tirou xerox, quem fez o desenho nem nada, porque pagou. Se for um serviço pago, é uma prestação de serviço...”* No entanto se o mateiro for reconhecido como parte integrante no processo de construção do conhecimento (produto gerado) nas pesquisas em ambientes florestais, a tendência é que haja uma maior valorização desse ator. Indicações de respeito de alguns entrevistados demonstraram a importância desse agente social: *“São pessoas que merecem todo respeito e toda consideração, principalmente pra gente pesquisadores de gabinete, assim, vamos supor, em relação a eles, eles, são pesquisadores e fazem parte da natureza, né?”* E ainda: *“... a sabedoria, eu já escutei coisas assim de gente do mato que francamente é assim de tirar o chapéu...”*

A visibilidade do mateiro na sociedade depende até certo ponto, da forma com que ele é percebido e considerado pelo pesquisador. Uma definição clara do papel do ator social mateiro nas pesquisas provavelmente colaborará para manutenção, perpetuação dessa figura imprescindível, de acordo com os pesquisadores entrevistados, em trabalhos realizados em ambientes florestais. Neste sentido relatou um dos

informantes: “... *tem muitos mateiros que são e foram cruciais pro desenvolvimento da pesquisa de vários pesquisadores. Então deve haver a valorização maior dessa atividade, que aí poderia haver um incentivo pra outros se sucederem*”.

Neste sentido, Candotti (2002 p.9) reflete: “Encontramos dificuldades em defender o valor do que eles conhecem, na maioria das vezes pelo fato de que eles não expressam o que sabem através de linguagens formalizadas ou de códigos e símbolos de consenso em nossa ‘tribo científica’. Mesmo sabendo que sem eles estaríamos perdidos (não apenas nos caminhos das matas) e possivelmente também o objeto do nosso estudo se perderia com eles”.

A sociedade atual, de forma geral, delega um poder ao pesquisador, e a forma com que este último percebe e reconhece o mateiro (como um destacado conhecedor do ambiente florestal capaz de interagir intelectualmente no processo de construção do conhecimento ou como mero prestador de serviço) pode vir a interferir no status que por convenção pertence ao pesquisador. Neste sentido Japiassu (1992) afirmou: “Ao produzir conhecimento, o cientista produz poder”.

Uma reflexão interessante sobre o reconhecimento do mateiro foi feita por uma bióloga entrevistada:

*“E aí você tem os alunos saindo daqui completamente verdes, sem nenhuma vivência em floresta, e são doutores em biodiversidade, às vezes. Aí quando é doutor já tem provavelmente, pode até ter um doutor que é só de laboratório, mas muitas vezes vai pra campo. Mas os graduandos é incrível, eu tenho um monte de alunos aqui que quando vão pra campo, parece que sempre viveu num apartamento, que nunca teve contato com outro bicho que não fosse barata e rato. Eles não sabem nada, nada, nada. Se assustam com tudo, tem medo de tudo e são biólogos saindo diplomados. Enquanto isso você tem os mateiros que sabem um monte de coisa e não são reconhecidos porque não têm o tal do diploma né? Então essa reflexão que eu deixo assim, o quanto esse diploma na prática tem uma utilidade real, quanto doutores(mateiros) aí reais a gente tem e que não são reconhecidos por isso e que nem tem oportunidade de ser, porque é caminho inviável pra quem tem hoje 60 anos, e é analfabeto ou semianalfabeto. Então... E aí talvez quanto mais existir essa alienação, **quanto mais tiver essa distância do que a universidade forma e de qual é a habilidade real que o profissional tem que ter, mais a gente vai demandar e vai precisar desses mateiros, só que a gente nunca paga a eles o que de fato vale o trabalho deles, porque o trabalho deles (dos mateiros) é pra suprir o buraco da nossa ignorância, que tem sido cada vez maior...”***

Respeitando o espaço que foi aberto nesta investigação, no qual os atores entrevistados puderam apresentar seus pontos de vista sobre a temática em questão, encerra-se esta etapa da análise com a seguinte colocação de um pesquisador:

*“... Se houver espaço e for possível dentro da tua pesquisa eu queria render uma homenagem a esses mateiros. Que na contribuição deles, singela, eles ajudam muito a gente, a trazer conhecimento científico pra comunidade*

*científica. Porque eu te digo: nesses 40 anos, se não fossem os mateiros das áreas por onde eu trabalhei, eu acho que eu não teria metade das informações que eu tive até hoje, então eu gostaria de render uma homenagem a eles, ficaria feliz se você pudesse fazer... São pessoas tão simples, às vezes pessoas tão pobres e eles largam tudo para te atender, é o que eu posso te dizer. Eu acho isso assim encantador, do ponto de vista humano, na simplicidade deles, na pobreza deles, eles prontos a ajudar o tempo inteiro...”*

## 4.2 A VOZ DOS MATEIROS: ATUAÇÃO DE UM GRUPO DE INFORMANTES LOCAIS PERNAMBUCANOS EM PESQUISAS CIENTÍFICAS

*Alguém ignorava a profissão de mateiro...*

Mateiro M7

*...Uma mata qualquer uma destas aí... E manda ele (engenheiro) dizer 30 nomes de árvores diferentes, claro, fora pau pombo e estas madeiras de beira de caminho, para ver se diz! Tem Massaranduba, Camaçari, de um pau d'arco, de um jatobá... Ai que está, quer dizer o engenheiro se formou, mas quem vai fornecer dados de campo para ele? Porque o professor que ensinou também já não vai porque já tem muitas ocupações. Que se for professor, também não tem mais conhecimento do campo, do nome vulgar das espécies. E a realidade é esta minha filha nua e crua, mas é a realidade, então as universidades a partir de agora desta nossa entrevista devia se preocupar com isto: pessoas de interior de campo que conheça a vegetação, para dar sustentáculo a esta profissão que é tão bonita que é de engenheiro florestal.*

Mateiro M3

### 4.2.1 Construção social da identidade do mateiro: Aspectos históricos e cognitivos

O uso do termo “Construção social da identidade do mateiro” se dá por motivos do ator mateiro surgir a partir da experiência com o pesquisador. Esta construção é relevante, pois torna crítica uma atividade já existente e tende a esclarecer aspectos sociotécnicos, resultando assim, numa possível transformação dos fatos quando necessário.

O discurso dos informantes mateiros reforça a hipótese central desta pesquisa (uma pessoa passa a ser considerada mateiro quando cientistas e/ou técnicos o reconhecem como potencial fornecedor de informações botânicas e/ou ecológicas relevantes para a execução de pesquisas de campo sobre as plantas e seus habitats). Alguns indícios deste reforço podem ser observados nos seguintes trechos destacados nas falas dos informantes:

*“Eles chamam Mateiro... Eu me tornei através desse pessoal que veio... Aí foi que a gente se passou a fazer, a trabalhar com eles...”.*

*“Eu posso dizer que sou mateiro. Apesar de que sou aposentado como pescador. Mas me deram essa profissão como mateiro e não tem nenhum problema não.”*

*“Porque desde que eu entrei pra trabalhar há uns cinco anos atrás... Se considerar por mateiro né? Aí eu também não liguei importância não, posso trabalhar como mateiro.”*

Verificou-se, a partir dos relatos dos mateiros entrevistados, que a maioria se autodenomina “mateiro”. Entretanto, percebe-se uma multiplicidade de funções desse ator quando indagado se realmente se considerava mateiro: *“Não, eu na verdade eu sou laboratorista, né? Mateiro é... É por conveniência, vamos dizer, né? Que eu já era da área de mata, conhecia muita coisa, aí me tornei um mateiro.”* *“Porque minha atividade é outra, não posso me considerar diretamente um mateiro, mas eu tenho um bom conhecimento...”* *“Não. Eu sou trabalhador rural; mas sobre estas coisas eu entendo; um bocado de planta, mas nunca tive este título mateiro”*. Francisco Marques Bezerra, Flecha, mateiro do INPA explica o que significa alguém ser denominado mateiro, receber o “título” de mateiro: *“... mateiro, é um nome que foi posto pelo conhecimento que a gente tem, é um todo”* (NAKAZONO, 2010, p 65). A fim de esclarecer a aparente multiplicidade de funções desse ator, consta na tabela 12 o vínculo institucional e a atividade desempenhada pelos mateiros entrevistados.

Tabela 12: Tipos e nomes das instituições as quais os mateiros entrevistados possuíam vínculo, com respectivas funções e frequência das mesmas.

TIPOS DE INSTITUIÇÃO	NOMES DAS INSTITUIÇÕES	FUNÇÃO	FREQUÊNCIA	
			N	% *
Instituições privadas	Usina Cruangi	Trabalhador rural	3	18,75
	Usina Trapiche	Serviços Gerais	2	12,5
		Trabalhador rural	1	6,25
	Usina Bom Jesus	Trabalhador rural	1	6,25
	Usina São José	Trabalhador rural	1	6,25
		Fiscal de Campo	1	6,25
	<b>Subtotal</b>			<b>9</b>

Continua...

TIPOS DE INSTITUIÇÃO	NOMES DAS INSTITUIÇÕES	FUNÇÃO	FREQUÊNCIA	
<b>Instituições governamentais</b>	Empresa Pernambucana de Pesquisa Agropecuária	Laboratorista	1	6,25
	Superintendência do Desenvolvimento Nordeste	do Técnico agropecuário	1	6,25
	<b>Subtotal</b>		2	
<b>Entidade não governamental</b>	Associação de Plantas do Nordeste	Mateiro	1	6,25
		<b>Subtotal</b>	1	
<b>Outros</b>	Não possuem ocupação oficial	Pescador	2	12,5
		Apicultor	1	6,25
		Autônomo	1	6,25
		<b>Subtotal</b>	4	
<b>TOTAL</b>			<b>16</b>	<b>100%</b>

Fonte: Dantas (2012)

\*A frequência % foi calculada em relação ao N total.

Dos mateiros entrevistados, dois apresentaram comprovantes de contrato em que constava a profissão mateiro: O M7- mateiro classificado (de acordo com os critérios descritos na tabela 7) como ‘tradicional’, e M12 - mateiro classificado como ‘conhecedor da vegetação’.

Apesar de a profissão mateiro existir no Ministério do Trabalho e do Emprego como sinônimo de inventariante florestal, entre outras analogias, considerando as falas dos grupos investigados neste estudo, esta profissão aparenta uma identidade confusa tanto da parte de quem faz uso do serviço, quanto da parte dos próprios profissionais mateiros. Uma situação prática foi comentada por um pesquisador na Conferência do Prof. Ênio Candotti sobre Ciência e Ética e reflete esse fato:

O Inpa mandou-me com motorista e uma outra pessoa para tirar uma carteira de trabalho em um escritório do ministério do trabalho...a primeira pessoa que estava a meu lado, também do Inpa, uma pessoa humilde...foi atendido em primeiro lugar...a moça...perguntou o nome, identidade etc., e a profissão, respondendo ele ‘trepador’, e ela levantou o rosto e perguntou novamente qual era a sua profissão, respondendo ele ‘trepador’; ela achou que ele estava com grosseria e levantou-se indo buscar o seu supervisor que veio...e novamente perguntou a profissão dele, respondendo ‘trepador’. Aí eu tive que justificar qual era a razão daquilo porque ele já tinha me contado. Ele estava sendo contratado para trepar em árvores porque os mateiros mais velhos já não conseguiam fazer isso, já estavam usando espingardas para tirar as inflorescências e estava ficando muito caro para a instituição, de maneira que estavam contratando Osmarino Monteiro...hoje é um excelente taxonomista que ainda trabalha no Inpa como um mateiro e ele achava que a profissão dele era realmente trepador.(CANDOTTI, 2002, p. 23-24)

Corroborando os relatos dos pesquisadores, o valor pago aos mateiros, segundo os mesmos, variou entre R\$ 20,00 a R\$ 30,00 a diária. Entretanto, em casos de mateiros mais experientes e sabedores de alguns nomes científicos (M7 e M3, por exemplo) o valor declarado da diária foi de R\$ 100,00. Na situação em que os mateiros eram funcionários de usina de cana de açúcar, eles informaram que não recebem diária do pesquisador (assim como foi dito pelos pesquisadores na etapa anterior). Tanto a empresa privada como o pesquisador que se relaciona com o mateiro considera que o serviço do colaborador local está incluso nesses casos em seu salário mensal, que oscila entre um salário mínimo ou mais um pouco. Por vezes o que ocorre, segundo mais de 50% dos mateiros entrevistados, é o pesquisador fornecer “*um agrado*”, R\$ 10,00, por exemplo, “*o dinheiro do refrigerante.*” Em raros casos foram relatadas situações de retribuição não financeira; itens como roupa, aparelho celular, CDs, bota e capas de chuva foram citados.

A maioria dos mateiros entrevistados indicou que considera o pagamento que recebe pelo seu serviço, um valor justo. Aparentemente, isto está relacionado a duas questões: primeiro o vínculo institucional que o ator possui: “*Não há necessidade. Você ganha da empresa... Eu tenho vergonha de estar pegando dinheiro dos outros...*”. E segundo, por eles considerarem seu serviço um prazer, pois têm orgulho de demonstrar o que sabem: “*Vamos pra mata? Bora. Desaparecer, para mim era desaparecer...*” Além de receberem certo status pelo fato de se relacionarem com pesquisadores. Apesar dos colaboradores locais considerarem o seu serviço bem pago, sabe-se que o colaborador local merece um valor mais condizente com o serviço que o mesmo oferece (ver relato do pesquisador entrevistado “... teria que ser bem pago mesmo...” página 49). Como afirma Candotti (2002 p.22): “O que eu quero dizer é que o mateiro ganha um, o administrador ganha cem, e isto é uma imoralidade porque sabemos a importância do mateiro para nosso trabalho ou nosso negócio”.

Em alguns casos a percepção dos entrevistados a respeito da palavra “mateiro” foi apresentada com certa estranheza, como se esse termo fosse bem distante da realidade deles: “*A gente vai com eles (pesquisadores)... Eu tô dizendo mateiro por que*

*um dia eu vi ela chamando assim...*” Ou: “A sua pergunta de ser um mateiro, é de ser de quem anda na floresta, né?” “Me chamaram de mateiro agora eu sou né?” “Nunca tinha escutado essa palavra não.” Segundo Alaércio Marajó dos Reis – Léo, mateiro do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia –INPA : “a palavra mateiro, falar a verdade, não é muito legal não”.(NAKAZONO, 2010, p 65). Este relato do mateiro vinculado ao INPA pode estar relacionado a questão do ator mateiro não se reconhecer com este título, ou ainda não querer se reconhecer por este título.

Através de uma análise dos relatos colhidos nas entrevistas utilizando a técnica de história oral (MEIHY, 2007), foi possível verificar que em 31 % dos casos os mateiros exerceram a atividade de machadeiro ou similar durante sua trajetória de vida:

*“O mateiro verdadeiro que eu conheço é um carpinteiro né? É aquela pessoa que tem aquela profissão só pra... Porque aqui (no engenho) não existe, porque aqui é área proibida, aqui não pode, não existe isso aqui. Porque o mateiro legítimo mesmo que eu conheço é aquele que trabalha só em mata, pra desmatar, que conhece madeira por madeira, esse é o principal... É o que derriba, que derriba e conhece madeira por madeira, esse é o conhecedor, conhece espécie por espécie. Esse é o que eu conheço. Mateiro verdadeiro é um desse”.*

*“Naquele tempo, lá atrás, eu desmatava muito mata, desmatava muito mata. Aí fazia madeira pra carpintaria, essas coisas assim”.*

*“Chegava assim: fazia negócio com um pedaço de mata. Trazia machadeiro e trabalhava fazendo aquele trabalho. Derrubando... Eu trabalhei por 12 anos”.*

*“O cabra dizia: eu quero tantos toros de sucupira. Os toros é dois metros e vinte... Pronto. Aí eu só ia cortar sucupira. Eu não ia tirar outro, se eu tirasse de outra qualidade ele não queria... Fazia de sucupira, de angelim, tudo madeira dura... Nesse tempo eu era machadeiro”.*

*“Olha, eu trabalhei bastante na mata. Trabalhei muito, dentro de mata. Era tudo madeira tirada pra fora, pra Recife, pra bastante local. Bastante”.*

Semelhante à menção do mateiro relativa à derrubada de madeiras “de lei” em época remota (... *Angelim, tudo madeira dura...*), Correa (1933 apud Magalhães, 2010) retratou a derrubada destas árvores no estado do Rio de Janeiro: “As matas cariocas para o corte são próprias ou arrendadas, por contrato ou meiação. A derrubada é, geralmente, feita em matas de pequeno talhe, capoeirões e capoeiras, mas muitas vezes lá se vão as madeiras de lei e já bastantes idosas”. O mesmo autor descreveu a atividade dos machadeiros no estado: “Os machadeiros cariocas não só atacam as matas dos morros e serras, como trabalham nos mangues e alagados. Calculava-se em 1890, que 20% dos talhes de lenha em feixe, eram retirados dos mangues...”

Aparentemente, o fim da atividade de machadeiro, de acordo com relatos, está associado com a proibição de desmatamento na mata atlântica:

*“Aí foi tempo que foi evoluindo uma lei, um dia a lei se abriu para não destruir mata. Aí foi quando parou”.*

*“E então aquilo ali foi se afastando, foi diminuindo aquele período de tiramento de mata, madeira. De desmatar mata. Aí foi se afastando, se afastando, pronto! Aí hoje a empresa deixou de bulir com as florestas”.*

*“Não, não, hoje em dia mais não! Hoje em dia se eu tirar um pau de lenha seco, se eu tocar madeira verde, já fico... O coração... Já não fico mais bom. Desmatar mais? Não, não, de jeito nenhum”!*

*“Eu trabalhava tirando madeira, vendendo, fazendo essas coisas, depois que começou que ninguém pode fazer mais, foi que eu resolvi tomar conta delas”.*

Um mateiro comentou a diminuição de determinadas espécies florestais e explicou a regeneração da floresta, após a proibição do desmatamento:

*“Todo esse tipo de madeira acabou-se. Não tem mais como você tirar mais madeira. Sabe? Não tem mais como. Hoje, se você chegar numa mata dessa aí, pra antes: a floresta tudo acabada. E hoje em dia você vê tudo recomeçada de novo, olha pra dentro tá tudo limpa. Aquelas áreas que foi desmatando, aquelas área renovou todinha, está aquela maravilha, aquela lindeza”.*

Em geral, os entrevistados descreveram seu primeiro contato com pesquisador detalhando a forma como foram contatados. Para efeito de sistematização, este fato foi aqui considerado como “Surgimento dos mateiros”. Na análise das entrevistas, verificou-se que no período de 1963 a 2009, ocorreu o surgimento desses colaboradores (as primeiras experiências de campo entre os atores). A criação da reserva de tapacurá foi apresentada por uma pesquisadora entrevistada como variável relacionada ao surgimento de mateiros no estado de Pernambuco. No quadro 1 são expostas algumas passagens de depoimentos que retratam o “surgimento” do mateiro (como e com quem eles se tornaram mateiros).

Quadro 1: Trechos de respostas dos entrevistados para a pergunta “como você se tornou um mateiro?” Entrevistas realizadas em diferentes localidades (ver tabela 2).

---

Eu me tornei um mateiro por que... É... Dr. Dárdano... Ele me trouxe pra cá, pra eu trabalhar aqui na botânica, né? Então, como eu já tinha um certo conhecimento por ter nascido e ser criado lá em Dois Irmãos naquela área de mata, né? Eu já conhecia muitas espécies, então foi uma coisa que encaixou, né?

Eu já tinha um bom conhecimento com a mata aí indicaram eu. Aí foi no tempo que chegou a Doutora Rita, uma boa pessoa e o bom conhecimento que ela tem.

... Eu comecei trabalhando com uma professora... Em 97 que ela veio fazer um trabalho de Biologia aqui nesse manguezal... Até hoje eu trabalho com ela, de mês em mês ela vem aqui.

Foi Gilmar, foi o primeiro, aí de lá vai, lá vai, de Gilmar foi aparecendo gente, aparecendo gente, fui trabalhando, trabalhando, já faz mais cinco anos...

Uma simples ação de subir em um coqueiro, aí um rapaz, colega meu que viu eu subindo nesse coqueiro, aí disse a mim: vamos na mata subir numas árvores pra eu poder coletar algumas plantas. Aí fui com ele, coletei. Aí depois ele me passou... Começou a me chamar pra ir pra mata com ele... Aí comecei estudando a planta, estudando, estudando, fazendo anotações, e conhecendo o pessoal dele, aí dele surgiram outras pessoas e até hoje eu ainda trabalho com esse serviço.

---

Todos os mateiros entrevistados relataram que tiveram durante sua infância e juventude vivências na floresta. As formas de obtenção de conhecimentos relativos aos ambientes florestais dos informantes locais, de acordo com os relatos deles mesmos, estão associadas a herança familiar, ao trabalho dentro da mata, e em apenas um caso (mateiro treinado – último relato no quadro 1) os pesquisadores que instruíram. Segue trechos de relatos que demonstram esta construção cognitiva:

*“... Meu pai era machadeiro, aí eu falava... Eu dizia: ‘papai que madeira é essa?’ ‘Meu filho é essa é tal madeira’; eu já apanhava no caderno o nome daquela madeira, pra daqui a um mês se eu passar com ele por lá, se ele dissesse que era outra eu dizia: ‘não meu pai o senhor não tá me ensinando direito!’ Mas eu tinha que saber a verdade; e pra eu formar sendo um mateiro eu tinha que primeiro pegar a realidade com ele”.*

*“Eu através de meu sogro que trabalhou muitos anos aqui, aí eu adquiri um pouquinho de experiência, sabe? Conheço muita espécie de madeira através dele... Trabalhei na mata com ele, ele cortando madeira e eu tirando do lugar de difícil acesso para chegar ao lugar para que o trator fosse pegar, para conduzir para cá direto para sede da fazenda. Inclusive o nome da*

*função dele não se chama mateiro, se chama machadeiro. Porque ele trabalhava com o machado, entendeu”?*

*“Quase todo dia eu ia pras matas atrás dos homens trabalhar, pegar serviço, fazer serviço... É que nem eu disse eu ia aprendendo com eles mesmos, até quando eles foram embora que botaram eu no lugar e até hoje”.*

*“... Eu fiquei feliz quando as pessoas chegavam pra mim e perguntavam: ‘sabe que madeira é esta?’ E eu dizia: ‘sei..’. E falavam: ‘estou precisando tanto paus de madeira o senhor sabe cortar sozinho?’ Eu digo: ‘sei’. Aí aquilo para mim já era... Já ficava bastante entusiasmado com aquilo ali né? E mais feliz ainda quando a madeira chegava na sede da fazenda que os meus encarregados conferia e tava tudo certo né? Aí eu ficava mais contente ainda, já tirava uma preocupação da cabeça”.*

#### 4.2.1.1 Síntese da história oral temática de dois informantes chave

M7, 70 anos, foi entrevistado no dia 16 de julho de 2011 na Associação de Pescadores de Rio Formoso, Pernambuco. Foi escolhido como um dos informantes chave desta etapa, por se caracterizar como um dos mateiros entrevistados mais experientes, além de ter exercido a profissão de “machadeiro” que caracteriza aproximadamente 30% das histórias de vida dos mateiros entrevistados. Com este relato que segue, a hipótese desta pesquisa pôde ser reforçada, pois o pesquisador outorgou um nome próprio para o informante local.

##### **Destruí um bocado de floresta, aí depois deixei de destruir.**

*A profissão dentro das florestas... Comecei trabalhando como destruidor da floresta, eu fui um dos maiores destruidor, de tudo eu destruí: madeira, lenha, carvão, serrava madeira fazia tora, prancha, trado, caibro, estaca, eu fazia tudo, toda profissão da mata eu fazia. Trabalhava também em agricultura, pescaria... Plantei muita roça muita lavoura, inhame, batata, de tudo eu sei fazer: uma rede, tarrafa, uma remenda, sei fazer tudo, machado eu faço tudo com machado. Machado é destruir a floresta. Aí comecei, trabalhando na floresta, aí me aproximando mais da floresta, destruí um bocado de floresta, aí depois deixei de destruir. Deixei de destruir a floresta por causa de um cedro que eu derrubei num engenho Santa Catarina em Alagoas numa fazenda, e quando eu derrubei esse cedro ele era muito grosso, me lembro como se fosse hoje, em 1970 no dia 26 de junho... Aí derrubei esse cedro muito grosso, pra fazer prancheta. Cedro hoje está em extinção, é difícil encontrar mais um cedro. Porque aqui em Rio Formoso era a madeira que mais existia era cedro. Hoje nem pra remédio mais encontra, porque foi tudo destruído. Aí quando derrubei esse cedro, virei a mão pro outro lado para ele poder cair; quando o cedro começou a estourar pra cair ele deu aquele gemido e soltou aquela tinta como quem tava chorando... Como quem tivesse*

*sentindo uma dor, e o cedro é uma madeira que não tem tinta nenhuma, maneira; que é quase como um tipo de isopor. Aí ele deu aquele gemido e soltou aquela resina vermelha pela minha barriga, ficou aquela tinta que parecia sangue, aí eu digo: esse pau tá sentindo uma dor e isso é uma vida. Aí parei! Aí eu disse: com vida e saúde minha, é a derradeira árvore que eu derrubo, eu não derrubo mais uma árvore... Aquilo foi um exemplo, foi Deus que me deu...*

*Agora no meio da profissão também sempre me dediquei a conhecer as qualidades das plantas... Experiência do dia a dia, trabalhando na floresta e me dedicando a conhecer... Quando foi depois, eu fui trabalhar com pesquisa, mas de animais: inseto na mata. Aí comecei trabalhando fazendo pesquisa com rede. Fazia pesquisa com ratoeira, com aqueles baldes de 20 litros, enterrava na mata para cair rato dentro, trabalhei com vários tipos de pesquisa, animais de todas as espécies. Aí também me dediquei muito a conhecer os insetos, os animais, muitas coisas eu conheço. Pronto. Aí também comecei trabalhando com germinação, trabalhando com as sementes, vendo a germinação das sementes... Os embriões. Aí fui trabalhando com essa parte e conhecendo... Fui fazer pesquisa com Anderson Carlos Sevilha ele disse: 'esse nome não dá pra você não, vou botar um apelido em você. Apelido não, seu nome agora é José Floro...' Eu tenho serviço mesmo aqui de Pernambuco: na África, na Alemanha, na Inglaterra, na Bolívia, no Peru em todo canto em tenho serviço prestado via mateiro. Os professores levam e botam em jornal, repórter, capa de revista. Eu tenho muito serviço prestado no mundo assim... Trabalhei com italiano, com francês, com japonês... Eu me sinto feliz né? Porque é uma profissão que gosto, tenho prazer de trabalhar com a natureza.*

*Mateiro M7*

M3 foi entrevistado no dia 03 de fevereiro de 2012 na Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE. Reside em Amaraji, Pernambuco. Foi escolhido como informante chave por ter sido citado por mais de 60% dos pesquisadores consultados, além de possuir vasta experiência em inventários florestais com pesquisadores. Como um pesquisador que já trabalhou com ele em campo mencionou durante entrevista: *“Ele é erudito, de tanto andar com botânico ele indicava as espécies pelo nome científico... (M3?) Eu pagava diária igual à minha, ele tava dando a mesma hora minha... Como se fosse técnico. Era até uma forma de incentivá-lo e valorizá-lo... Eu paguei do meu bolso”.*

### **Eu sou bom, porque eu me fiz bom e lutei pra chegar lá**

*Eu me tornei um mateiro porque meu pai já era conhecedor de vegetação lá no engenho onde a gente morava e ele me repassou muito conhecimento; meu irmão foi fornecedor de madeira e também eu trabalhava com ele naquele tempo, bem novo... Em maio de 63 quando a Sudene foi fazer um trabalho lá em Amaraji, eu entrei como trabalhador braçal fazendo o primeiro inventário florestal aqui da zona de Pernambuco na Sudene, com o doutor Fausto Afonso Ferreira Paiva, que foi meu chefe*

*por mais de 20 anos em pesquisa florestal... Comecei a abrir picada e fui aprendendo, fazia balizamento... Fazia mais de 10 anos que eu trabalhava em pesquisa, ai me botaram para esta função de a gente de atividade agropecuária... O pessoal do Ibama mandava um documento para o chefe da divisão para me liberar e eu viajava emprestado... Um engenheiro disse: 'Porque este ai eu levei amarrado de Amaraji para Sudene e hoje ele é um dos maiores coletores do nordeste...' Minha tarefa maior é identificação das árvores e também medição DAP, DAB... Enquanto minhas pernas puderem caminhar pelas matas e puderem me levar eu vou porque eu adoro... É meu mundo... Trabalhei em todo o nordeste, a minha função era herbarizador. Mateiro, eu tinha minha função particular, mas como técnico eu era um técnico da Sudene que ia herbarizar, não era ir como um mateiro era como técnico de campo. Para isto nasci e me criei no sítio fazendo farinha, plantando roça e hoje graças a Deus sou um técnico reconhecido nacionalmente, internacionalmente e por isto às vezes digo para os meninos. 'Eu sou bom, porque eu me fiz bom e lutei pra chegar lá!'. Porque sou um conhecedor; não 100%, mas pelo menos de uma boa parte da vegetação tanto da Zona da mata, tanto do Cerrado, do tabuleiro. Então eu me considero sim um mateiro... Faz 40 anos que faço pesquisa com vários engenheiros. Nunca tive discordância com nenhum, todos gostam de mim, quando me encontram é uma festa, graças a Deus...*

*Mateiro M3*

#### **4.2.2 A atuação dos mateiros em diferentes “locais” se dá segundo conhecimento botânico**

Um dos mateiros entrevistados fez sua apresentação relacionando-a ao conhecimento botânico: *“Eu me considero (mateiro), agora daqui da região, né? Por que tem mateiro assim... Que conhece do Agreste conhece do Sertão, assim... O Estado todo de Pernambuco. Eu não, eu só conheço daqui, só da Mata Atlântica”*.

Já outro entrevistado comentou: *“É porque as pessoas quando falam de mateiro, ele tem que ter uma elevação muito alta de grau de instrução sobre o ambiente que ele vive, entende?”* Esta última fala foi dita por um entrevistado que se enquadra dentro da categoria de mateiro “auxiliar de campo” (tabela 7). Os mateiros pertencentes às outras categorias (pesquisador tradicional e conhecedor da vegetação) pareceram não limitar os seus serviços a sua própria localidade, já que o auxílio na identificação das árvores é uma das principais funções. Nos casos em que o mateiro tipo 2 e tipo 3 (tabela 7) é contratado para colaborar com seu serviços em outro local diferente do que reside, uma segunda pessoa (mateiro “auxiliar de campo”, ou simplesmente um guia no local em que ocorre a pesquisa) é contratada. Os relatos que seguem demonstram essa flexibilidade do serviço prestado pelo mesmo mateiro em diferentes locais:

*“Preciso conhecer aquela mata? Não... Tem que contratar uma pessoa de lá... Quem conhece estas matas aqui? Ai tem um caçador que conhece todos os buracos aqui na mata... Ai contrata aquele guia, que chama-se guia e ele vai.. Aí vai...”*

*“Um trabalho na Bahia e eu não conhecia nada das matas da Bahia, não conhecia nada”. Sendo que a vegetação da Bahia é a mesma nossa, o Nordeste é quase tudo uma coisa só, a variação é muito pouca. Então, eu enfrentei... ’*

*“... Aqui, zona da mata... Mas a gente foi e conheceu”.*

Esta questão anterior diverge do ponto de vista da maioria dos pesquisadores entrevistados, no sentido destes últimos preferirem um mateiro “local”. Pode-se verificar essa visão nos trechos a seguir da fala de um pesquisador:

*“Cada local tem que ter um. A não ser que tenha uma semelhança muito grande. Eu diria, por exemplo, que Mata sul (de Pernambuco) praticamente dá para você trabalhar com um mateiro só... Primeiro que a vegetação tem uma similaridade muito grande, os nomes comuns tem uma similaridade muito grande. Agora mata norte já seria outro, certo? Caatinga com certeza já seria outro. Até porque o conhecedor, aquele que eu disse que tem aquelas qualidades, conhece o espaço dele, vivencia e coisa e tal...”*

*“Mateiro não é pra ser móvel, não posso pegar um mateiro da mata norte e levar pra trabalhar na mata sul, certo? Porque ele perde inclusive as referências dele... Lógico!”*

Será que é tão *lógico* assim como relatou o pesquisador entrevistado? Ou existe uma socio-lógica como descreve Latour (2000)? Este autor defende que a lógica depende do ponto de vista do observador. Apesar de existirem outros elementos que podem ser levados em consideração para construção de uma opinião, o observador foca naqueles elementos relacionados à sua cultura, seu modo de vida, sua visão de mundo. Sendo assim, do ponto de vista do pesquisador entrevistado um mateiro da mata norte não serviria pra trabalhar na mata sul, no entanto, segundo a maioria dos mateiros entrevistados essa questão de colaboração do informante (mateiro) em outros locais depende da experiência do colaborador.

Como poderia ser avaliada a eficiência dos mateiros? Aparentemente alguns mateiros possuem técnicas de orientação na mata, e não precisam necessariamente ter visitado o fragmento florestal antes de executar o serviço. É o caso de um entrevistado que já trabalhou como mateiro em diversos estados, entre eles: Rio Grande do Norte, Alagoas, Bahia e Paraíba. Trata-se de um “mateiro tradicional” (tabela 7). Na fala que segue percebe-se o senso de orientação dele na mata:

*“Bom, pra quem não tem o costume, para quem não sabe bem se orientar bem dentro na mata pelo sol ou pelo vento, às vezes precisa tomar conhecimento da área, mas eu não preciso. Eu chego bem cedo, vejo o giro que o sol está, vejo o giro que o vento está ventando, aí entro dentro da*

*floresta, por aquilo ali eu me oriento: pelo vento, pelo sol, e aonde eu pego um raminho de mato deixo aqui, porque se eu me desorientar, por onde eu passei ... Sei por onde eu passei”.*

As características utilizadas pelos mateiros para identificação das árvores são, em sua maior parte, similares a dos dendrólogos, ou seja; o reconhecimento é feito pela casca e pelas folhas. Alguns indícios dessa similaridade podem ser percebidos nas entrevistas com os mateiros, como nos trechos das falas que seguem: “*No meu caso mesmo como eu aprendi, eu olho duas coisas: a folha e segundo a casca. O cheiro... Às vezes você tá assim em dúvida: com uma unha ou se for assim uma casquinha mais leve ou se for a casca dura com uma faca né?*” ; “*Até pelas folhas, de longe se você passar pelas folhas, conhece! É pelas folhas; de longe. E perto; é a cor. É o jeito, é a casca da madeira, se passar você conhece*”. Neste sentido, Silveira (2010) citou que procedimentos tais como verificar a cor da madeira, cheirar a casca ou as folhas e observar o formato da copa são também usados pelos biólogos em campo. Este pesquisador narrou situações de campo mostrando como as formas de reconhecimento de plantas feita por biólogos e sitiantes convergem. Segundo o autor, os professores de ecologia da Unicamp nas aulas de campo, apelidavam o conjunto desses procedimentos de *jeitão*.

O *jeitão* é uma prática de conhecimento que vem em grande medida da própria experiência vivida, em uma Gestalt formulada a partir de inúmeras viagens de campo. Assim, o pesquisador entra na mata, olha seu *jeitão* e é capaz de imaginar que tipo animais ou plantas pode encontrar no local (SILVEIRA, 2010).

Por vezes, como ressalta Silveira (2010), o que pode ocorrer é que estes termos usados pelo mateiro para identificar a planta ou descrever uma paisagem natural são insuficientes para os propósitos do pesquisador: “O *jeitão*, como prática de conhecimento, entretanto, não é reconhecido analiticamente na biologia (tanto que o termo usado não é um termo técnico)”. Pode-se então dizer que termos como *olho*, *toco* e *pele* são insuficientes para fins científicos, enquanto não houver uma maior aproximação das duas linguagens. Ou melhor, até pesquisadores que interagem diretamente com mateiros perceberem o valor desta outra linguagem e dialogarem de forma mais abrangente com ela, ao invés de apenas se apropriarem dos saberes que a mesma os proporciona.

No caso do mateiro entrevistado que foi treinado por pesquisadores, percebeu-se uma linguagem familiar à linguagem científica:

*“Eu identifico as plantas, é uma técnica que eu uso de um cortezinho na madeira pra ver se ela tem látex ou não, se ela oxida ou não. A cor da madeira, se a casca é mole, se a casca é dura, sempre olhando e confirmando com as folhas. Vou ver se a folha é simples, se é alterna, se é composta, entendeu? Aí vou vendo, vou vendo, vou memorizando e sempre trabalhando pra não esquecer...”*

Pesquisas de Etnotaxonomia que descrevam de maneira aprofundada os critérios e características que os mateiros utilizam para nomear as espécies vegetais podem ser produtivas para a ciência florestal. Outra possibilidade para estudo do conhecimento botânico dos mateiros seria distinguir ‘tipos’ de mateiros, de acordo com o seu nível de conhecimento botânico, como sugeriu uma pesquisadora entrevistada no trecho em destaque abaixo, classificando como “mateiro de capoeira” (categoria etic), àquele mateiro que não é capaz de reconhecer espécies de mata primária:

*“... Existem uns mateiros... Inclusive você deveria estudar o **estágio sucessional do conhecimento do mateiro**; tem mateiro que só conhece lacre, murici, porque só conhece capoeira, ele não conhece a mata, você bota o cabra na capoeira e ele conhece tudo: lacre, murici, jurubeba. **Isso eu também sei**, eu digo que sou uma botânica excelente de área antropizada, conheço tudo em área antropizada. Agora quando você entra numa mata que vê árvores que há dez anos você não via, porque só se encontram lá mesmo, **ai é muito difícil pra mim e é muito mais difícil pra maioria dos mateiros**, tem que ser realmente um cabra que tenha essa vivência.”*

Investigações científicas sobre os processos cognitivos, simbólicos e de significação do saber dos mateiros seriam interessantes para ambos os grupos considerados no presente estudo, pois abriria um leque de possibilidades no campo do conhecimento botânico. Neste mesmo sentido, considerando essas possibilidades Leff (2009) assinala:

[...] Serviria para entender o intercâmbio, diálogo e hibridação de saberes através de códigos culturais diferentes. Isto poderia levar-nos a compreender a possibilidade de amalgamar e assimilar conhecimentos científicos modernos com saberes e práticas tradicionais, a entender como estes intercâmbios redefinem os códigos culturais dos grupos humanos que são o suporte simbólico e material de sua sobrevivência biológica, de suas autonomias políticas e de suas identidades étnicas; ver a constituição de novos atores sociais que mobilizam a construção de uma nova racionalidade de uso da natureza.

Apesar da metodologia de coleta de dados com os mateiros não ter envolvido diretamente a técnica de lista livre (ALBUQUERQUE et al., 2010), alguns mateiros

naturalmente a fizeram durante as entrevistas semi-estruturadas : “o xique-xique, velame, rama branca, alastrado, rompe chibão ,chapéu de vaqueiro, quebra faca...”

Collins et al. (2007 apud SILVA, 2011) utilizaram a abordagem da Pesquisa Etnobotânica Rápida com apenas um informante chave no levantamento de plantas medicinais e venenosas e obtiveram uma lista de 40 espécies. Na presente pesquisa, dentre os mateiros entrevistados, dois relataram que realizaram lista botânica por puro prazer de praticar o conhecimento próprio da flora local: “*Outro dia eu tava até fazendo uma média de quantos... Quantas árvores eu conhecia da Mata Atlântica. Eu achei... 200... 212*”; “*Eu tou fazendo um trabalho particular das matas de Amaraji, eu estou com 200 e poucas espécies diferentes*”. Como salientou Silva (2011): “O uso das listas livres com entrevistas semi-estruturadas no diagnóstico rápido da diversidade é uma excelente ferramenta no inventário de espécies caso não se tenha um inventário da vegetação”.

#### 4.2.3 Como os mateiros se percebem dentro da rede científica?

A escolha do conceito de redes na análise das relações entre pesquisadores e mateiros se originou a partir da necessidade de entender as conexões, articulações entre os atores envolvidos na prática científica em ambientes florestais. Além, também, de se apresentar como uma maneira de superação da noção de hierarquia de saberes que existe em tal prática (prática científica que envolve colaboradores locais). Para Pedro (2008) “A noção de rede tem se constituído em conceito-chave para a compreensão das dinâmicas sociais contemporâneas, ocupando cada vez mais espaço nas investigações acadêmicas e articulando diferentes campos do saber”. De acordo com Latour (2000) “A palavra rede”, no sentido de rede científica (comparando o saber de um pesquisador e o saber de um nativo), “indica que os recursos estão concentrados em poucos locais”. Ou seja, a diferença entre “universal” e “local” para o autor é relativa. Pois o universal também é local. O universal só se distingue deste último por se estender em rede.

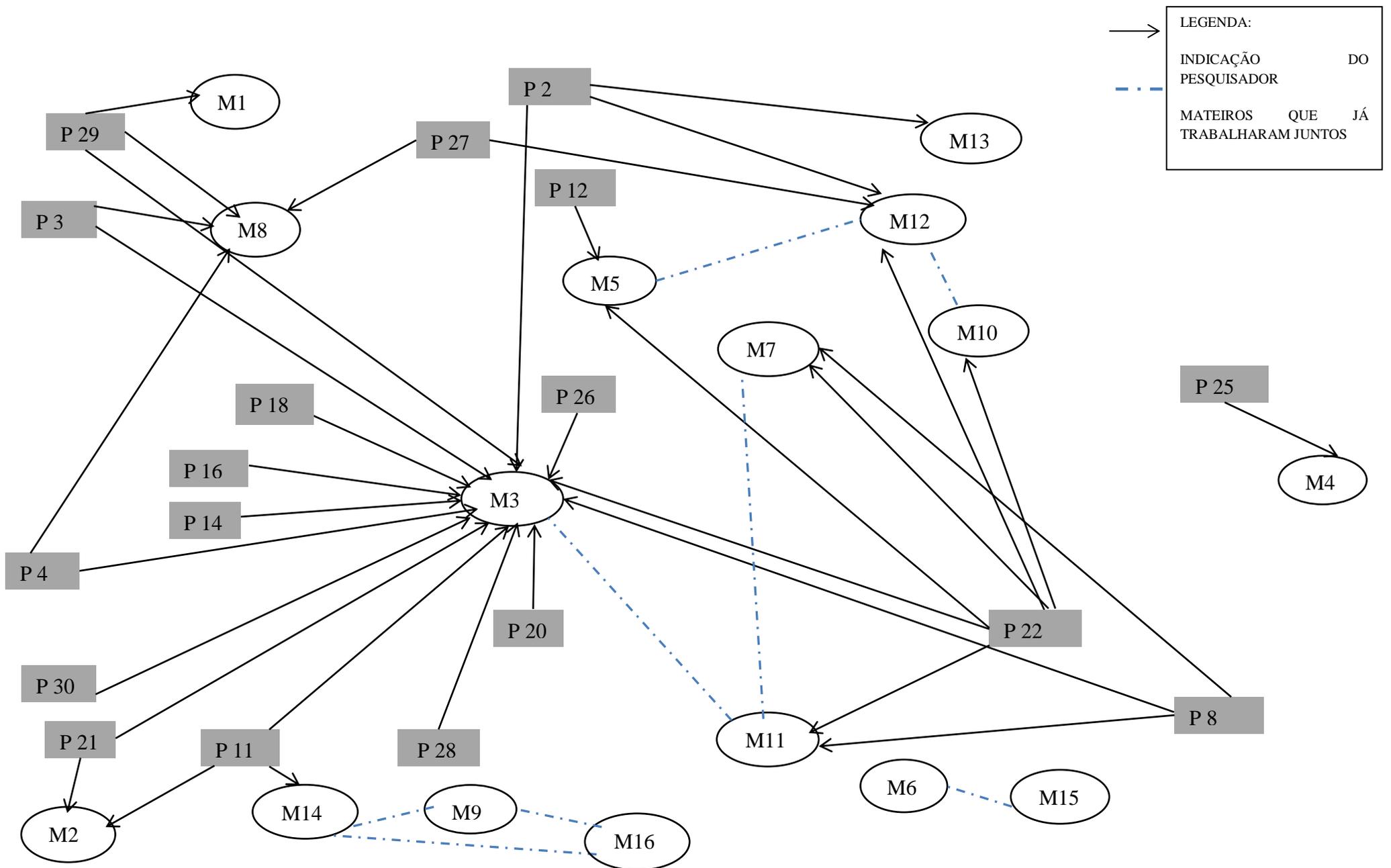
Elementos não humanos são também considerados no conceito de rede. Desta maneira, periódicos, relatórios, salários de pesquisadores podem ser imaginados dentro da rede científica. Estes elementos podem ser entendidos como quase sujeitos se se considerar a capacidade que eles têm de alterar a sociedade quando em circulação. A representação das interligações entre os atores entrevistados (pesquisadores e mateiros) neste estudo (Figura 5) resulta num emaranhado de conexões em que pesquisadores e mateiros atuam no processo de produção de conhecimento.

Representar a relação destes atores em rede implica em duas questões. Primeira: como assinala Latour (2000), implica não estar mais diante da “assimetria entre o lado de dentro e o lado de fora de uma rede”; segunda: demonstrar de forma simbólica que informantes locais mateiros também estão conectados ao processo de produção do conhecimento científico.

As relações entre pesquisadores e mateiros no estado de Pernambuco, representadas em forma de rede, poderiam ser imaginadas de diversas formas, ou seja,

em diferentes redes. Por exemplo: uma rede do conhecimento científico apresentando elementos humanos e suas conexões (pesquisadores dialogando na prática científica); uma rede do saber local (mateiros que trocam entre si seus conhecimentos), uma rede incluindo elementos não humanos, entre outras possibilidades. A rede apresentada na Figura 5 tem como propósito representar graficamente as relações sociais no processo de construção do conhecimento envolvendo os dois grupos em questão.

Um fato científico só persiste se for sustentado por uma rede de atores. Assim, o cientista nunca remete somente à natureza em si, mas também aos seus colegas e à rede que o constitui como tal (MORAES, 2004, p.50). Nesse sentido, podemos dizer que, em última instância, uma ciência não se universaliza, e sim que sua rede se estende em grandes proporções e se estabiliza (FREIRE, 2006, p.50). Sendo assim, o argumento da “Grande Divisão” preconizado por Latour passa agora a fazer mais sentido (uma explicação um pouco mais extensa sobre isso se encontra em Latour, 1983). Não há uma sólida diferença entre local e universal, racional e irracional. O saber científico que se apresenta para a sociedade como universal (consequentemente, com tendência a ser inquestionável), na realidade também se trata de um saber local, considerando como “local” como próprio daquela localidade. É um saber local traduzido para outra linguagem (a linguagem científica), com outros propósitos. Em outros termos, pode-se fazer uma analogia e dizer que a relação entre pesquisador e mateiro “é entre o local e o local que quer estabelecer redes longas e regulares (LATOURE, 1983 p. 190)”.



**Figura 5:** Representação da rede sociotécnica na relação entre os pesquisadores e matrios entrevistados no estado de Pernambuco.

Aparentemente, os informantes locais não têm dimensão da utilização acadêmica posterior do conhecimento botânico que é transmitido pelo mateiro para o pesquisador em experiências de campo:

*“Sei não, sei não, isso aí eu não sei não”.*

*“Eu antes pensava que eles estudavam as plantas pra fazer remédio e tal, eu acho que tem algum objetivo, alguma finalidade. Se ele estuda planta tem algum objetivo, alguma finalidade”.*

*“Mas alguma coisa fica registrada. Agora pra onde vai, eu não sei....O que eles me perguntam, que eu sei, é tudo anotado. Agora eu não sei se depois daí ele vai... Escrever um livro, ou uma tese, ou não sei o quê... Se vai sair meu nome lá nesse trabalho, eu sei que... O que eu sei eu explico a ele, eu digo a ele, eu ensino, né? Agora, se vai ser publicado alguma coisa relacionado à minha pessoa eu não tenho ideia”.*

A maior parte dos mateiros entrevistados demonstrou interesse em se aprofundar no destino do produto científico. Parte dos entrevistados não se considerou capaz de se relacionar diretamente com o conhecimento científico, por não ter estudo: *“Não dava pra ficar com curiosidade não, por que não tenho estudo. Eu não me interessava em nada. Não tenho estudo pra ir, eu vou à frente, procurar alguma coisa, saber a mais... Não dá pra ter interesse não. Por ali mesmo, deixar ali mesmo, parar ali mesmo”.* E ainda, por vezes não se acham na condição de fazer perguntas aos pesquisadores, não se sentem à vontade: *“Também não perguntei. Essa palavra era coisa que não dava pra mim perguntar, a ela não! Não dava pra mim perguntar por que ela podia até responder... ‘Quer saber demais’, ela podia até responder essa palavra e eu não tinha o que dizer nada a ela”.* *“Eles levam pro Recife, lá pra onde eles estudam. Também, eu não pergunto né?”*

### **O caso da espécie *Mimosa limana* Rizz**

O espécime *Mimosa limana* Rizz, pertencente à coleção do herbário da Divisão de Botânica Econômica da SUDENE, Recife-PE foi colhida em trabalhos de campo no estado da Bahia, Brasil e enviada para o botânico Carlos Toledo Rizzini pelo botânico Sérgio Tavares. Rizzini fez uma homenagem ao mateiro M3, na época, técnico agropecuário da SUDENE e coletor da instituição, colocando o sobrenome do mateiro como epíteto específico da espécie: *“Dedico-a ao esforçado coletor, cujo trabalho na caatinga adusta, é digno de apreciação”* (RIZZINI, 1974). Sobre este caso, o mateiro entrevistado comentou:

*“Este documento aqui foi um dos mais importantes de minha carreira, porque esta planta aqui foi analisada por mim na Bahia e classificado no museu nacional do Rio de Janeiro onde consta o nome científico em homenagem ao meu nome e os agradecimentos pelo doutor Rizzini...”*

O mateiro M3(Figura 6) tem o número de Coletor E 13626, o que demonstra uma vasta experiência em coleta de árvores. A letra “E” referente ao coletor foi dada ao mateiro pelo botânico Sérgio Tavares, pois o apelido do informante local era **E**lias na cidade onde nasceu. O mesmo ator também relatou e mostrou com muito prazer uma carta de um engenheiro florestal que estava em Londres e se deparou com uma planta coletada por ele: *“Estas plantas aqui em qualquer herbário que você procurar, com esta lista bem pratica aqui, você vai encontrar esta planta herborizada lá toda conservadorzinha. Até lá em Londres se você for ela esta lá nesse número aqui!”*



Figura 6: Entrevista realizada com M3, no dia 03 de fevereiro de 2012 na Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste-SUDENE. Reside em Amaraji- PE. Em destaque, o acervo de material escrito sobre trabalhos envolvendo levantamentos florísticos que consta o seu nome como técnico.

#### 4.2.4 Educação formal e Educação não-formal

Dos mateiros entrevistados, 25% declararam ser analfabetos; o restante demonstrou saber no mínimo escrever o nome. Segundo (MALDONADO, 1992 apud TOLEDO), “As sociedades orais não são necessariamente sociedades analfabetas,

porque sua oralidade não é falta de escrita, mas sim não necessidade de escrita.” De acordo com o mesmo autor “... Confundir e qualificar a oralidade como uma forma de analfabetismo é um equívoco.” O termo Educação não-formal se refere aqui a formação não convencional do ator social mateiro. O quadro 2 demonstra pontos de vista dos mateiros entrevistados em relação à necessidade da educação escolar para o exercício da profissão mateiro.

Quadro 2: Trechos de respostas dadas por mateiro para a pergunta “acha que a educação escolar é necessária para o exercício da atividade de mateiro?” Entrevistas realizadas em diferentes localidades (ver tabela 2).

---

Se for somente pra... Pra responder o que se pergunta, não. Estudo não precisa pra isso. Agora se for pra anotar, responder, aí precisa. Precisa por que... Pensamento e juízo não gravam, não grava tudo não.

Pela parte botânica precisa né? Mas pela parte de conhecimento vulgar ou nome próprio não precisa, porque tem gente no mundo que não sabe nem escrever o nome dele e sabe trabalhar com nome de planta.

No campo existem muitas pessoas que são analfabetas, semianalfabetas, mas têm o conhecimento de lidar com aquilo a vida toda, né? Ele aprendeu com o... Com o tempo, né? Mas que... Estudo não significa muito não. Agora assim, conhece nome popular, né? ‘Esse aqui é tal, esse aqui é tal...’ Sai dizendo tudo!”

Pra trabalhar nesse serviço meu não precisa de estudo. Por que pra conhecer as madeiras... Não tem nada escrito nelas. É só o cara se adaptar e conhecer.

---

No caso do mateiro que foi treinado por pesquisadores (Figura 7), o estudo foi considerado como fundamental para a facilidade de comunicação com os mesmos: “*E eu noto que pelo meu esforço de ter estudado a vida toda... Interesse, hoje ajuda, ajuda muito. Você sabe se expressar. Sabe escrever certinho.*”



**Figura 7:** Mateiro M12 em entrevista realizada no dia 09 de fevereiro de 2012 no herbário da Universidade Federal de Pernambuco.

Diegues (2000) ressaltou que “a noção de que profissionais instruídos talvez tenham coisas para aprender dos não alfabetizados é ainda grande heresia para alguns”. Isto pode ser um fator social impeditivo de maiores articulações entre o saber local e o saber científico.

Os pesquisadores relataram, em sua maioria, que até escutam o que os colaboradores mateiros falam, porém, aparentemente, nem sempre tratam de verificar qual o caminho mais apropriado de dialogar com este outro tipo de saber. A relação entre eles pode por vezes até transforma-se eventualmente em uma amizade, uma espécie de admiração mútua, embora na maior parte dos casos narrados nesta pesquisa, a interação se dá em meio a uma relação de trabalho hierarquizada.

Segundo Japiassu (1992), “um erro frequente cometido nos meios acadêmicos é a crença de que os fatos científicos são inquestionáveis e que a ciência fornece a única descrição adequada da realidade”. Um dos pesquisadores entrevistados relatou uma situação que reflete essa questão:

*“Ele (mateiro) mostrou uma planta disse o nome dela pra mim... Aí depois eu peguei a mesma planta, mostrei pra ele: fulano que planta é essa? Queria testá-lo, saber se ele estava realmente bom pra me ajudar... ‘É outra planta irmã daquela que eu lhe mostrei.’ Parei, botei num saco. Ele disse: ‘É diferente porque nessa tem umas coisinhas na flor bem pequeninha.’ **Pra mim ele tinha se equivocado, tinha dois materiais, pra mim eram coisas iguais, pra ele eram coisas diferentes.** Então quando eu cheguei no laboratório eram duas espécies do mesmo gênero. Ele viu uma diferença a nível específico que eu, morfológicamente falando, eu não consegui enxergar. Ele conseguiu enxergar. É preciso uma pessoa que tenha conhecimento das plantas da região. Esse conhecimento é muito preciso, é muito detalhado. Eu fiz mestrado em taxonomia, **eu tinha o olho treinado,***

*mas o olho dele era melhor que o meu. Então essa divergência se mostrou em campo, mas ele estava certo. Então isso foi uma lição pra mim, nem toda divergência implica que eu esteja certo e ele esteja errado... Foi nesse momento que eu percebi que a arrogância que a gente é treinado na academia é muito forte. Faz com que a gente despreze o conhecimento dele...”*

Neste mesmo sentido, Moreira (2009) destacou uma experiência com informante local relatada no diário de viagem de Charles Darwin (1809-1882) sobre trabalho em campo para coleta de insetos realizada no Rio de Janeiro: "Um mulato e um pequeno brasileiro me acompanharam. Esse Último era quase uma criança (...). Nunca vi nada igual a seu poder de percepção. Muitos dos animais mais raros nas trilhas mais obscuras foram pegos por ele. Eu não ficaria tão bem servido se um besouro se tivesse transformado em traidor e se tornado meu ajudante, do que em ter encontrado um colaborador tão capaz (...).”

Considerando as interfaces entre a etnociência e antropologia da ciência, Alves (2008) argumentou: “Se a ciência formal for mantida *sempre* como padrão para ‘validação’ do saber local, então pouco terá sido feito para chegar de fato ao ‘outro’ antropológico”. Desta forma, a postura do pesquisador é de fundamental importância para que haja um diálogo positivo e produtivo entre saberes distintos. Como bem mencionou o pesquisador entrevistado que relatou a situação anterior: “*Se eu não tivesse checado, desafiado meu próprio conhecimento na identificação daquelas duas plantas, eu poderia já ter perdido uma espécie daquela região... A humildade nesse relacionamento é extremamente relevante*”.

É importante considerar o acervo dos dois atores envolvidos no trabalho de campo e a maneira como cada um adquiriu seu saber; caso contrário corre-se o risco de se perder informações valiosas. Se por um lado o pesquisador não considera a informação do mateiro interessante a ponto de ser checada, por exemplo, na fala que segue de um pesquisador entrevistado: “... *quando tem divergência eu finjo que não, eu nunca discuto não, não vale à pena você perde tempo.*” E do outro, o mateiro também não dialoga com o seu contratante: “*Ela não conseguia conversar direito, sempre a gente não pode falar muito. Só se perguntar alguma coisa. Aí pode responder alguma coisa. Se não perguntar, vamo simhora e acabou*”; a chance de novas possibilidades de geração de hipóteses a partir do cruzamento dos dois tipos de saberes fica bem reduzida. Nesta interação destes atores existe implícita uma relação de poder (assim como há em outras relações sociais). Sobre isso Leff (2001) comentou: “A história da verdade e o diálogo de saberes não se reduzem à dialética entre razão e verdade, mas à forma como a verdade se estabelece em relações de poder no saber, à forma como a verdade se faz corpo e arraiga na identidade”.

De acordo com Batalha (1998), “nem mesmo as ‘ciências’ podem ter pretensões universalizantes. Qualquer teoria científica está limitada pelo seu contexto histórico e social”. Nesse sentido, vale ressaltar que durante as entrevistas com os dois grupos foram relatados casos nos quais o conhecimento local estava de acordo com a visão predominante no meio científico. Segue um exemplo relatado por um mateiro:

*“Eu fiz um curso aqui, uma professora do Ibama, era um curso de turismo... Eu tenho uma canoinha e faço passeio com turista. Aí nesse curso fez uma pergunta a vários alunos como era que você conversava com os turistas quando eles perguntavam algumas coisas sobre o manguezal. Aí eu falei né? O que é que você encontra no manguezal, como é que é o manguezal... Mas quantas espécies de mangue têm aqui? Temos cinco espécies, agora identificadas só quatro. Aí o professor que também é do Ibama, disse: só tem quatro espécies. Eu disse: tem cinco! Eram quarenta professores e eu sozinho. Aí disseram: ‘não meu amigo: Olhe existem quatro espécies de mangue no estuário de Rio Formoso’. Eu disse: ‘Existem cinco. Agora uma não é identificada’. Como é que pode ser não identificada? Porque se enganaram e não identificaram ela; disseram que era uma só, o mangue ratinho e o mangue de pontal. ‘Você pode provar isso?’ Eu disse: ‘posso’. Terminou a aula, vamos lá, pegamos o carro, aí lá vai, lá vai... Tinha uma parte que tinha os cinco juntinhos, dava pra pegar a galha de alguns e encostar os cinco juntinhos. Aí botei junto... Os cinco tão aqui! Nenhum deles identificou... Nenhum! Aí eu peguei as folhas do botão... E peguei folha do ramo de ponta, parece demais. Aí peguei a semente do pontal e a semente do ratinho e escondi aqui atrás e trouxe pra mostrar. Aí olhe aqui, aí ele olhou assim... ‘Esse aqui é do pontal e esse aqui é do ratinho’. Ele disse: ‘não isso aqui é a mesma coisa...’ Todo mundo me olhando, me filmando... ‘É a mesma coisa meu amigo, não é outra espécie’. Eu digo: ‘essa semente é dessa aqui e essa é desse aqui!’ Aí ele olhou assim, não teve o que dizer... Todo mundo se afastou, não tinha como né? Aí eu disse: ‘Olhe, o senhor me desculpe, mas quando fizeram um estudo aqui identificaram essas 4 espécies confundiram esse com esse, como agora mesmo o senhor confundiu as folhas. Veja a semente que o senhor tá vendo que não é a mesma espécie’. Aí todo mundo: ‘é, não é a mesma espécie’.”*

Do exemplo relatado pelo mateiro anteriormente, não foi investigado pela pesquisadora se essa “quinta espécie de árvore no estuário de Rio Formoso” foi catalogada, inserida na literatura. Entretanto, situações como essa podem levar à reflexão da questão da repartição de benefícios. Se a dita espécie indicada pelo mateiro fosse inserida na literatura, o informante mereceria receber algo em troca? Candotti (2002, p.20) explica: “Este mateiro passa a ter uma função, e se ele descobrir uma planta nova pode ser beneficiado numa cadeia de benefícios, como conhecedor daquela propriedade. Ou senão, pelo menos como fornecedor daquela matéria-prima, acho que seriam duas remunerações diferentes: uma como fornecedor e uma como conhecedor. São algumas ideias que trabalhamos um pouco e estou colocando”. Uma possibilidade adicional seria uma homenagem no nome científico como ocorreu no “caso de M3”.

#### 4.2.5 **Valorização do potencial de colaboração dos mateiros pernambucanos na prática científica**

A questão da inserção do colaborador mateiro em projetos enquanto agente essencial para desenvolvimento das pesquisas florestais (desde previsão da participação do mesmo no orçamento do projeto até o produto acabado da ciência) é de fundamental importância para um bom relacionamento entre as diferentes partes (saberes científicos e saberes locais). Em relação a isto, um pesquisador relatou:

*“Não existe. Esse é que é o grande problema. O mateiro é uma pessoa extremamente importante para o cientista. Não se faz tipo de pesquisa em ecologia sem o mateiro. A gente às vezes tem que tirar da nossa diária para pagar o mateiro. Acredito que para valorização dessa pessoa isso **deveria estar previsto**. É um profissional, uma pessoa que fica oculta, ele não é mencionado nos artigos que são publicados, então mesmo a gente pagando essa pessoa ele não tem o reconhecimento que deveria ter”.*

*“... Esse profissional deve ser respeitado, deve ser reconhecido a nível de órgãos de fomento como profissional que pra algumas pessoas como ecólogos, zoólogos, ele é extremamente importante”.*

Sobre a mesma questão, um mateiro comentou: “deveria, assim... Haver um incentivo sei lá... Por parte de... De governo, pra que... É tipo assim, curso, até pra formação de mateiros.” Em contrapartida, um pesquisador entrevistado expressou: “Pena que a gente não tem mais mateiro mais especializado. Mais gente que a gente pudesse treinar; ou se a gente tivesse um funcionário de campo aqui realmente que pudesse acompanhar esses trabalhos de coleta.”

Caso exista um curso, ou outra espécie de atividade educativa e formativa para mateiros em Pernambuco, como sugerido por ambos os grupos aqui investigados, quem ministraria essas ações? Há realmente essa possibilidade? Uma atividade que incentive um dom? Porque essa também é uma questão fundamental, já que os próprios mateiros reconhecem seu exercício como dom, relacionando-o a um grande respeito pela floresta: *“Acho que é um dom, porque não teve estudo daquilo”.*

A maioria dos mateiros entrevistados demonstrou através de seus relatos, disponibilidade para outros tipos de atividades relacionadas à mata em parceria com as instituições.

O governo incentiva o pesquisador na academia, poderia incentivar um “pesquisador tradicional”?

O governo do Acre em parceria com Universidade Federal do Acre e outras instituições promoveram “curso de capacitação para os mateiros” do estado no ano de 2011. O curso foi voltado para pessoas (informantes locais e especialistas com formação acadêmica) já atuantes na identificação botânica. A maior parte dos instrutores foram

profissionais vinculados à Universidade Federal do Acre, além de representantes das seguintes instituições: Fundação de Tecnologia do Estado do Acre (FUNTAC), Tecnologia e Manejo florestal (TECMAN), Cooperativa dos Produtores florestais comunitários (Cooperfloresta), Instituto de Meio Ambiente do Acre (IMAC), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e Escola da Floresta Roberval Cardoso. *“Esse curso tem grande importância para mim, pois já estou na área há 17 anos e cada vez mais quero melhorar meus conhecimentos como mateiro, podendo contribuir com a instituição que trabalho disseminando as informações para outras pessoas e para as empresas madeireiras. É um ganho poder trocar informações”*, comentou José Acelino, mateiro da Fundação de Tecnologia do Acre- Funtac e participante do curso.

Nesse mesmo sentido, tendo em vista a alta demanda por informações em termos de biodiversidade e a necessidade de profissionais capacitados para suprir tal necessidade Candotti (2003) comentou: *“... A formação de recursos humanos é fundamental, desde o taxonomista, o parataxonomista \_ que é, no caso, o mateiro que detém o conhecimento tradicional, ameaçado de se perder ao longo do tempo \_, até o técnico de laboratório especializado... A formação de recursos humanos locais é fundamental e, muito possivelmente, apesar de toda a qualificação que temos nas nossas instituições de pesquisas, para um programa desse porte talvez não tenhamos ainda recursos humanos suficientes”*.

Mateiros interessados poderiam se tornar parataxonomistas? Quais seriam os passos para que isso acontecesse? O simples ato de compartilhar ações e informações durante coleta de dados por parte do pesquisador, como pode ser observado na fala que segue de um mateiro entrevistado em relação ao aprendizado de nomes científicos, pode colaborar com o aprendizado do mateiro: *“Às vezes identifico, não é todas não. Tapirira é cupiúba... Aprendi com os professores. Com o doutor Sérgio Tavares, com Anderson Cássio Sevilha... Aprendi várias coisas na parte científica”*; *“Doutor Sérgio, ele escreve dizendo o que está escrevendo. Quem tem boa memória fica atento”*.

Uma forma já existente de colaboração direta dos mateiros é no ensino da flora local para alunos de pós-graduação. Vários pesquisadores entrevistados constataram a falta de tempo de estar no campo com seus orientados; ficando então a instrução da identificação de árvores a cargo de um mateiro:

*“O mateiro na pesquisa ele é uma excelente contribuição. Principalmente assim porque a gente como profissional, a gente tá treinando os alunos da pós-graduação, a gente não pode tá toda hora no campo ajudando no levantamento. Então, a **presença do mateiro tanto é bom pro próprio treinamento lá dos alunos**; que quando eles vêm aqui, a gente diz ‘mas você não viu qual é a característica?’ Então a gente reforça aquelas características da morfologia pra poder reforçar. Isso e eles buscarem junto com o mateiro... Verifique tal coisa, ‘o mateiro não disse pra observar se isso?’ ‘Se aqui tinha exsudado, se ali... Então a gente tenta buscar isso dali pra ajudar no treinamento; mas a visão, a presença do mateiro ela é muito boa.”*

O trecho do relato de um mateiro descreve similarmente a situação de treinamento dos alunos de pós-graduação no campo:

*“E pra aprender, se você não sabe você vai andar na mata mais eu! ‘Que madeira é essa?’ Madeira fulana de tal. Você nota e marca ela. Aí amanhã você vem só. Aí quando você passar aqui, você vai olhar pra ela e dizer: ‘ah, isso aqui é uma praíba’. E se você ver outra, em outra mata, ver um daquele mesmo, você vai dizer a mesma coisa. Aí aprende assim”.*

Foi sugerida por um mateiro a capacitação de atores sociais moradores no entorno de fragmentos florestais que já possuísem a tendência ou vocação para trabalhos em mata:

*“Deveriam arranjar umas pessoas assim não muito jovens... Que já tivesse algum conhecimento de campo... Arranjar estas pessoas para ir instruindo... Porque quando os mais velhos se forem... Vai chegar o tempo que vocês engenheiros florestal vão sair para o campo e não tem mais o que procurar porque o povo de hoje não quer mais saber, só quer saber de que? Construção civil. Chega lá, trabalha; o ônibus vai buscar de manhã e vai levar de tarde... Quem é que quer sair para aprender? Para ir atrás de mata, destas coisas? Não quer. Então as universidades, de pesquisa principalmente, deveriam se interessar por isso. Dá certa credibilidade, ter uma verba para isto, para mandar um engenheiro lá, como chefe de pesquisa, para orientar este povo e identificar uma cidade (um local que possua atores com perfil para atuar como mateiro); quem é que conhece madeira aqui?”*

*“... Cinco ou dez; levar este povo para o campo e fazer as anotações e avaliação. E no fim sobravam dois ou três que realmente fossem capazes de identificar realmente, mas com um experiente para ver se realmente... Ir avaliando, não é só o engenheiro. Porque o engenheiro sai da universidade, mas não vai saber de nome vulgar lá do mato, lá no campo né?”*

Esta sugestão do mateiro entrevistado vai ao encontro à proposição de Candotti (2002, p. 25):

[...] Reunir nestes centros pessoas do local que demonstrem habilidades e conhecimentos, os mateiros [...] Para os estudantes, esta atividade de divulgadores, de mediadores entre a cultura local e a científica [...] Um comunicador em ciência e cultura, um ‘mestre de ciência e antropologia com os pés descalços’[...] é preciso dar a eles apoio especializado, meios e instrumentos que muitas vezes não dispõem, criar centros de referência com profissionais preparados para dar esse apoio, com continuidade...

O mesmo mateiro entrevistado que descreveu a situação anterior, completou seu raciocínio:

*“Hoje não tem uma escola primaria dedicada, assim ao ensino da vegetação, o aluno ir a campo; que isso eu acho errado, toda escola hoje deveria ter uma aula especial só para que as crianças comessem a gostar da natureza, não só ver o desenho no livro, mas ir in loco lá na mata... Porque o governo não libera uma verba para apropriar, comprar uma área que já tenha mata? Não é? Começar, uma área de mata; pelo menos 4 hectares ou 5 já era o bastante, cercava a área e ali serviria de pesquisa... Para o aluno se tornar consciente do que era realmente o estudo florestal e o trabalho florestal, mas não o aluno estudar na escola através de figurinha de uma planta”.*

Em relação à nova geração de mateiros, alguns depoimentos dos informantes locais reforçam a dificuldade de se perpetuar a tradição do aprendizado para os jovens pela falta da vivência com a mata: *“Os daqui eles não vão nem na mata. A turma daqui dos jovens, nenhum quer não. Eles só querem estar na rua, onde tem bando”*; *“Porque eles não têm costume na floresta. E o tempo deles não é pra isso. Esses que estão começando hoje em dia, você vê hoje em dia a moçada, começando a trabalhar com 18 anos. Logo antes, não vai dentro de um mato desses. Tem até medo de chegar lá dentro”*.

Como assinalou (Leff, 2009): *“Coloca-se assim o problema de reintegrar a tradição e a história do saber nas práticas atuais das comunidades, para a reapropriação de seu patrimônio de recursos naturais e culturais”*. Os mateiros entrevistados ressaltaram que o falecimento das pessoas mais antigas (que eram os agentes que possuíam o hábito de se relacionar diretamente com a mata) reforça a dificuldade do surgimento de novos atores que se dediquem ao serviço de mateiro:

*“Só aquele pessoal mais antigo é que pode conhecer de madeira. Mas hoje em dia mais não. Ou então alguém que está estudando. Alguém que está*

*estudando, que procura conhecer. Se não for, ninguém vai lá pra conhecer não.”*

*“Tá ficando difícil. Porque os mateiros são aquelas pessoas mais antigas, que já moravam na mata, assim próximo à mata, que viviam indo pra ela, quando você nasce pra aquilo entendeu? Juntamente com seus pais, aí você se direciona para aquilo, mas hoje, as pessoas antigas estão partindo aí está ficando as pessoas novas que estão correndo atrás de outra coisa, aí está ficando difícil”.*

Esses trechos anteriores dos relatos dos mateiros entrevistados estão relacionados com o atual modo de vida de grande parte da juventude rural. Corroboram a ideia de Leff (2009, p. 273):

Aí se acham enterradas como marcas ainda indecifráveis o que os ecólogos vêem com mais clareza nas rachaduras do solo e nas belezas enganosas dos desertos: os efeitos da modernização na destruição ecológica e cultural por não ter valor atual no mercado, porque com o tempo este valor se volatiliza no esquecimento, porque se desarticula das práticas cotidianas.

Ainda em relação à valorização de habilidades locais, nesse caso as competências dos mateiros, ações como a dos “mestres dos pés descalços” em Kerala na Índia, potencializam e disseminam o saber das populações locais. Em outros termos: “Quero dizer que há caminhos, já experimentados, para estabelecer uma relação diferente, mais democrática, entre ciência, cultura e conhecimento e alcançar assim a grande maioria da população” (CANDOTTI, 2002, p. 25). Nesta direção, a ciência seria verdadeiramente difundida pelos e para os grupos sociais.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados indicam que apesar de o mateiro ser definido pelos pesquisadores como uma peça fundamental em trabalhos de campo, ele ainda permanece oculto e pouco reconhecido como parte integrante no processo de construção do conhecimento (produto gerado) nas pesquisas florestais. A contribuição do mateiro não chega a ser reconhecida na parcela intelectual nas academias, embora os próprios pesquisadores afirmem que o saber local é somado (associado) ao científico.

Os mateiros parecem não considerar essencial se integrar de maneira direta ao produto científico gerado, apesar do interesse sobre o destino do conhecimento que é gerado a partir da experiência de campo com ambos os atores. No entanto, se apresentaram bastante motivados em participar de ações que possibilitem a transmissão e troca de conhecimento. A atividade de mateiro, considerando sua especificidade e formalização (“profissão mateiro”), parece se encontrar em vias de estruturação no estado de Pernambuco. A atividade dos mateiros (com exceção de raros casos) se encontra associada a atividades de outra natureza.

Para um melhor aproveitamento dos aspectos semelhantes e distintos na forma de identificação de plantas realizadas em campo por pesquisadores e mateiros, o que necessita ser aprimorado são os códigos de significação na linguagem dos dois grupos, além da prática de um constante exercício de respeito à cultura de cada ator por ambas as partes (pesquisador e mateiro). Incentivos institucionais para a estabilização da profissão podem motivar as novas gerações de mateiros e de pesquisadores através de medidas de educação e extensão, visando uma maior integração.

A organização da estrutura que envolve a formação de recursos humanos para pesquisas em ambientes florestais necessita estar sempre em processo de aperfeiçoamento. Quando se pergunta quem ministraria ações educativas e formativas para futuros mateiros, é necessário também se perguntar: quem educará os pesquisadores. Certamente estes últimos também necessitam de uma formação ou treinamento adicional para que possam interagir melhor com os mateiros. Portanto, um “novo profissionalismo” é requisitado para ganho da ciência e dos informantes locais.

A compreensão das redes que são configuradas nas práticas de conhecimentos desses diferentes grupos humanos (informantes locais e pesquisadores) pode esclarecer aspectos técnicos e sociais importantes para a ciência. A análise de relações entre pesquisadores e mateiros, através dos relatos colhidos, não trata apenas de demonstração de diferentes pontos de vista; mas trabalha no sentido de desenvolver uma visão crítica nas diferenças de poder, ou seja, busca uma forma simétrica de leitura dos dois tipos de saberes e convida a uma reflexão epistemológica das atuais ciências que se constroem com a colaboração destes informantes locais.

Seriam interessantes estudos específicos que expressassem o saber dos mateiros e sua relação com o saber científico sobre determinados fenômenos naturais.

Esta poderia ser uma forma de valorizar o conhecimento deste grupo, enriquecendo as investigações científicas em termos de sociobiodiversidade, além de fortalecer a inclusão de saberes locais no ensino superior a partir de articulações de redes heterogêneas de atores.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H.C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área De caatinga no estado de Pernambuco, nordeste do Brasil **Acta Botanica Brasilica**, v.16, n. 3 p. 273-285, 2001.
- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R.F.P.; CUNHA, L. V. F. C. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife, Comunigraf, 2008. 324 p.
- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica e etnoecológica**. Recife: Comunigraf, 2010. 529 p.
- ALBUQUERQUE, U. P.; Referências para o estudo da etnobotânica dos descendentes culturais do africano no Brasil. **Acta Farmacéutica Bonaerense**, Argentina, v. 18, n. 4, p. 299-306, 1999.
- ALVES, A. G. C., SOUTO, F. J. B. Etnoecologia ou Etnoecologias? Encarando a diversidade conceitual. In: ALVES, A. G. C.; SOUTO, F. J. B.; PERONI, N. (Org.). **Etnoecologia em perspectiva natureza, cultura e conservação**. Recife: NUPEEA, p. 19 -39, 2010.
- ALVES, A. G. C. Do “Barro de Loiça” à “Loiça de barro” : caracterização etnopedológica de um artesanato camponês no agreste paraibano. São Carlos, 2004. P. 179. Tese. Centro de Ciência Biológica e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos.
- ALVES, A. G. C., ALBUQUERQUE, U. P. LUCENA, R. F. P.(Org.). **Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia**. Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia/ Núcleo de Publicações em Ecologia e Etnobotânica. Recife, v. 2, 2005,11-12 p.
- ALVES, A. G. C., Pesquisando pesquisadores: Aspectos Epistemológicos na pesquisa etnoecológica. In: Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 60, 2008, Campinas, São Paulo.
- BARALOTO, C. et al Limitations and applications of parataxonomy for community forest management in southwestern Amazonia. In SILVA, H. C. H. **Avaliação de métodos etnobotânicos e ecológicos em estudos de diagnóstico rápido da biodiversidade**. 2011, 125 p. Tese - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Persona, 1977.
- BASSET, Y et al Conservation and biological monitoring of tropical forests: the role of parataxonomists. In SILVA, H. C. H. **Avaliação de métodos etnobotânicos e ecológicos em estudos de diagnóstico rápido da biodiversidade**. 2011, 125 p. Tese - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.
- BLACK, G. A. ; DOBZHANSKY, T., PAVAN, C. Some attempts to estimate species diversity and population density of trees in Amazonian forests. **Bot. Gaz.** v. 111, p. 413-425, 1950.

BORGES, S; Regulação jurídica dos conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade e globalização In: Congresso da Associação de Estudos Latino-Americanos), 2010, Canadá.

BROWN, C. H. Language and Living things: Uniformities in folk Classification and Naming. In: MOURÃO, S. J. , NORDI, N. Comparações entre as taxonomias *folk* e científica para peixes do estuário do rio mamanguape. **Interciência**. Venezuela v.27, n.12 , p. 664-668, 2002.

CANDOTTI, E. **Ciência e Ética**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. 2002, 25 p. (Ideias e Debates, 3).

CARDONA In: BEGOSSI, A. et al. ; **Métodos de Coleta e Análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**, Rio Claro-SP, 2002, p. 49,69

CHALMERS, A. F. **O que é ciência afinal?** São Paulo: Brasiliense, 1993.

CORREA, M. **O Sertão Carioca** In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (reimpressão departamento de imprensa oficial. Secretaria municipal adm.). v. 167. 478 p. 1933. In MAGALHÃES, A. C.; OLIVEIRA, R. R.; MACHINE, S.; **Etnobotânica, saberes locais e agricultura no contexto de uma floresta urbana: Maciço da Pedra Branca, RJ**. 2010. 93p. Dissertação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CUNHA, M. C. **Cultura com aspas**. Ed. Cocac naisy, 2009.

DIAS, C. M., SANTOS, G.M. Ciência da floresta: por uma antropologia no plural, simétrica e cruzada. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 52, n.1, 2009.

DIEGUES. A. C. **Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza**. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

FREIRE, L. L.; Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica. **Comum**, Rio de Janeiro, v.11 – n. 26, p. 46 -65, 2006

GIMMI, U.; BUERGI, M. Using oral history and forest management plans to reconstruct traditional non-timber forest uses in the Swiss Rhone Valley (Valais) since the late nineteenth century. **Environment and History**, United Kingdom, v. 13, n. 2, p. 211-246, 2007.

HANAZAKI, N. et al; Ecologic salience and agreement on the identification of tree species from Brazilian Atlantic Forest **Biota Neotrop**. v. 10, 2010

HUNN, E; The Utilitarian Factor in Folk Biological Classification. **American Anthropologist**. V. 84, p. 830-47. 1982

HUNN, E.; FRENCH, D.; Alternatives to taxonomic hierarchy: the sahaptin case. **J. Ethnobiology**. V. 3, p. 73-92, 1984.

JAPIASSU, H. F. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992, 199 p.

JIMENEZ, H; Un método para facilitar el aprendizaje de la dendrología tropical **Revista Turrialba** ; v. 19, n. 1 ,1969.

JINXIU, W. et al. Participatory approach for rapid assessment of plant diversity through a folk classification system in a tropical rainforest: case study in Xishuangbanna, China. **Conservation Biology**, v. 18, n. 4, p. 1139 –1142, 2004.

KRELL, F. T. Parataxonomy vs. taxonomy in biodiversity studies: pitfalls and applicability of “morphospecies” In SILVA, H. C. H. **Avaliação de métodos etnobotânicos e ecológicos em estudos de diagnóstico rápido da biodiversidade**. 2011, 125 p. Tese - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

LATOURE, B. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: UNESP, 2000.

LATOURE, B. Como redividir a grande divisão. **Revista de Ciências Sociais**, v.1, ano 2, 2001.

LATOURE, B. **Jamais fomos modernos**. São Paulo, Ed. 34, 1994.

LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.

LEFF, E. *Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Rio de Janeiro, 7 ed. Vozes, 2009

LÉVI-STRAUSS, C.. **O Pensamento selvagem**. 6 ed. Campinas, SP: Papyrus. 2006, 320 p.

LONG, Incorporating indigenous knowledge in formal forest management: adaptation or Paradigm change in tropical forestry? In: WIERSUM, K. F. et al. **Forestry, forest users and research: new ways of learning**, Vienna, Austria, Edited by Anna Lawrence, 2000, p. 20-21

LUNA, G. **Um olhar sobre a mata**: estudo sobre a relação Pequeno Produtor Rural – Mata Atlântica, em Pernambuco. 1997. 131 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Rural) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

MARANGON, L. C.; SOARES, J. J. ; FELICIANO, A. L. P.; Florística arbórea da Mata da Pedreira, município de Viçosa, Minas Gerais. **Revista Árvore** v.27 n. 2, 2003.

MARQUES, J. G. W. **Pescando pescadores**: ciência e etnociência em uma perspectiva etnoecológica. 2 ed. São Paulo: NUPAUB/USP/fundação Ford, 2001.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 38-81.

MOREIRA, I. C. O Escravo naturalista. **Ciência Hoje**, v. 31, n. 134, p. 40 – 48, 2002.

MTE. Classificação brasileira de ocupações. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br>>. Acesso em: 10 ago. de 2010.

NAKAZONO, E. M. O "mateiro" e a pesquisa científica. In: Alfredo Wagner Berno. Manaus: projeto nova cartografia social da Amazônia. UEA Edições, 2010, v. 1, n.1, p. 64-71.

NOGUEIRA, E. M. et al. Wood density in dense Forest in central Amazonia, Brazil. **Forest Ecology and Management**, v. 208, p. 261-286, 2005.

**O mateiro e o manejo florestal.** 2012 Disponível em: <[http://pagina20.uol.com.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=25817&Itemid=14](http://pagina20.uol.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=25817&Itemid=14)> . Acesso em: 19 fev.2012.

OLIVEIRA F. X. , ANDRADE L. A.; FÉLIX L. P. Comparações florísticas e estruturais entre comunidades de floresta ombrófila aberta com diferentes idades, no Município de Areia, PB, Brasil *Acta botânica brasílica*, v. 20, n. 4, p. 861-873. 2006

OLIVEIRA, D. S. Análise de conteúdo temático- categorial: uma proposta de sistematização **Revista de Enfermagem**; Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 569-76.2008.

OLIVEIRA, W. A. et al. Diversidade biológica de plantas de uso medicinal nos quintais do bairro jardim paraíso em Cáceres –MT. In: PATTON, M. Q. **Qualitative evaluation and research methods**. London: Sage Publications, 1990.

OLIVEIRA, J. E. B. Santo daime- o professor dos professores: a transmissão do conhecimento através dos hinos. p. 222, 2008. Tese. Departamento de Ciências Sociais Universidade Federal do Ceará.

PANDEY, D. N. Ethnoforestry: local knowledge for sustainable forestry and livelihood security. In SILVA, R, R: **Conexões entre o saber local e o científico sobre um fragmento de mata ciliar na zona da mata norte de Pernambuco**. 2010. Dissertação. p.108. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

PEDRO, R. **Ciência, tecnologia e sociedade:** pensando as redes, pensando com as redes. **Liine em Revista**, v. 4, n. 1, p. 1-5, 2008.

POSEY, D. A. Etnobiologia: teoria e prática. In: Ribeiro, B. **Suma etnológica brasileira**. Petropolis: Vozes. 1986 320 p..

POSEY, D. A. Indigenous management of tropical ecosystems: the case of the Kayapo Indians of the Brazilian Amazon. In SILVA, R, R: **Conexões entre o saber local e o científico sobre um fragmento de mata ciliar na zona da mata norte de Pernambuco**. 2010. p.108.Dissertação- Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

POSEY, D. A. Interpretando e utilizando a “realidade” dos conceitos indígenas: o que é preciso aprender dos nativos? In: DIEGUES, A. C.; MOREIRA, A. E. C. (Org.). **Espaços e recursos naturais de uso comum**. São Paulo: NUPAUB-USP, 2001. p. 279-294.

PROCÓPIO, L. C.; SECCO, R. S. A importância da identificação botânica nos inventários florestais: o exemplo do “tauari” (*Couratari* ssp. e *Cariniana* ssp. - Lecythidaceae) em duas áreas manejadas no estado do Pará. **Acta Amazônica**, v. 38, n. 1, p. 31 – 44 2008.

REVISTA ÉPOCA. **Os últimos tradutores da floresta**. Disponível em: <[revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,EDR82397-6010,00.html](http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,EDR82397-6010,00.html)> Acesso em: 8 abr. 2011

SCHMIDT, M. V. C. **Etnosilvicultura Kaiabi no Parque Indígena do Xingu: subsídios ao manejo de recursos florestais**. 2001. 194 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Engenharia Ambiental) – Escola de Engenharia de São Carlos, São Carlos.

SHEIL, D.; LAWRENCE, A. Tropical biologists, local people and conservation: new opportunities for collaboration. **TRENDS in Ecology and Evolution** v. 19. n. 12, dez 2004.

SIÃO, J. F. H. As publicações conjuntas de Dobzhansky e brasileiros sobre genética das populações de *Drosophila* (1943-1960) e as causas do seu decréscimo. **Filosofia e História da Biologia**, v. 3, p. 195-211, 2008.

SIEBER, S.S. Diagnóstico etnobotânico participativo sobre o uso de plantas e representações da paisagem em uma área do semiárido de Pernambuco. 2009. 106 p. Dissertação -Departamento de Ciência Florestal- Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

SILVA J. N. M.; CARVALHO, J. O. P; LOPES, J. C. A. Inventário florestal de uma área experimental na floresta Nacional do tapajós. Boletim de Pesquisa Florestal, Curitiba,PR, n. 10/11, p. 38-110, jun./dez. 1985.

SILVA, R. R. **Conexões entre o saber local e o científico sobre um fragmento de mata ciliar na zona da mata norte de Pernambuco.** 2010. 122 p. Dissertação- Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

\_\_\_\_\_ Etnoecologia e história oral: usos e mudanças em um fragmento florestal. In: ALVES, A. G. C.; SOUTO, F. J. B.; PERONI, N. (Org.). **Etnoecologia em perspectiva natureza, cultura e conservação.** Recife: NUPEEA, 2010. p. 249 - 275.

SILVEIRA, P. C. B. **Conhecimentos locais, conhecimentos científicos e hibridismo: por uma etnografia simétrica da paisagem.** In: Reunião Brasileira de Antropologia, ago. 2010.

SOBRINHO, F. A. P. Conhecimento etnobotânico de mateiros residentes no entorno de Unidades de Conservação no estado do Rio de Janeiro. 2007. 73 p. - Dissertação. Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

SPRADLEY, J. P. **The ethnographic interview.** Orlando: Holt, Hinehart and Winston, 1979. 247 p.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N.; A Etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, PR. v. 20, 2009.

VIANA, V. M. Envolvimento sustentável e conservação das florestas brasileiras Ambient. Soc, Campinas, n. 5. p.241. 1999

WIERSUM, K. F. et al. **Forestry, forest users and research: new ways of learning**, Vienna, Austria, Edited by Anna Lawrence, 2000. p. 20-21.

## APÊNDICE A

Tabela 3: Unidades de Significação e Categorias com suas respectivas quantidades de Unidades de Registro (UR).

TEMAS/ UNIDADES DE SIGNIFICAÇÃO	N UR/TEMA	% UR/TEMA	CATEGORIAS	N UR/CATEGORIA	% UR/ CATEGORIA
Identidade: o que significa ser mateiro	127	21,70	1-Tipo de atividade que o mateiro exerce/exercia	18	14
			2- Adjetivos dados ao mateiro	7	6
			3-Expressões referentes às características do colaborador mateiro	85	66
			4- Expressões referentes a pessoas que não são consideradas mateiros	17	14
Formação: como alguém se torna mateiro	65	11	1-Treinamento de mateiros	18	28
			2- Indicações referentes ao ambiente de formação de mateiros	4	6
			3-Seleção de mateiros	43	66
Atuação do mateiro na pesquisa de campo: Estrutura do conhecimento do mateiro			1-Serviços desenvolvidos pelos mateiros	70	40
				27	

	175	30	2-Conhecimento e cognição: como o mateiro obtém ou gera conhecimento?  3-Formas de pagamento ou retribuição ao mateiro	78	16  44
Vantagens e desvantagens dos nomes locais	25	4,3	1-Restrições associadas aos nomes locais  2-Aspectos positivos relativos ao uso de nomes populares	12  13	48  52
Interação entre Pesquisador e Mateiro	59	10,10	1-Formas de diálogo em pesquisas de campo	59	100
Tendência de desaparecimento dos mateiros	89	15,20	1-Dificuldade de encontrar mateiros  2-Novas gerações de mateiros	67  22	76  24
Visibilidade do mateiro	45	7,7	1-Menção em documentos acadêmicos  2-Indicações de respeito	23  22	52  48
TOTAL	585	100%		585	

## APÊNDICE B

Tabela 4: Temas e número de unidades de registro por corpus analisado (C1 a C16).

CÓDIGO DO TEMA	TEMAS/ UNIDADES DE SIGNIFICAÇÃO	NÚMERO DE UNIDADES DE REGISTRO (UR)																TOTAL UR	N TOTAL DE CORPUS ANALISADOS
		C1	C2	C3	C4	C5	C6	C7	C8	C9	C10	C11	C12	C13	C14	C15	C16		
IM	Identidade: o que significa ser mateiro	5	1	3	5	2	0	4	2	4	2	2	2	4	10	2	3	51	16
FM	Formação: como alguém se torna mateiro	3	0	0	1	2	4	0	1	1	1	1	6	1	0	3	2	26	
APC	Atuação do mateiro na pesquisa de campo: Estrutura do conhecimento do mateiro	6	7	1	4	4	1	4	2	6	7	4	2	13	7	5	5	78	
NL	Vantagens e desvantagens dos nomes locais	0	2	0	0	2	0	2	0	2	2	1	2	3	1	2	0	19	
IPM	Interação entre pesquisador e mateiro	0	0	2	3	2	1	0	1	2	0	3	2	2	1	3	1	23	
DM	Tendência de desaparecimento dos mateiros	8	2	2	1	2	2	1	2	3	2	2	3	4	1	2	2	39	
VM	Visibilidade do mateiro	3	0	3	1	0	0	3	1	1	2	0	2	0	1	2	1	20	
TOTAL		25	12	11	15	14	8	14	9	19	16	13	19	27	21	19	14	256	

## APÊNDICE C

Tabela 5: Temas e número de unidades de registro por corpus analisado (C17 a C 30).

CÓDIGO DO TEMA	TEMAS/ UNIDADES DE SIGNIFICAÇÃO	NÚMERO DE UNIDADES DE REGISTRO (UR)														TOTAL UR	N TOTAL DE CORPUS ANALISADOS		
		C 17	C18	C19	C20	C21	C22	C23	C24	C25	C26	C27	C28	C29	C30				
IM	Identidade: o que significa ser mateiro	0	2	3	1	1	0	2	8	3	3	12	16	12	13			76	14
FM	Formação: como alguém se torna mateiro	0	0	5	3	6	1	1	2	1	3	4	3	5	5			39	
APC	Atuação do mateiro na pesquisa de campo: Estrutura do conhecimento do mateiro	4	4	7	6	8	3	4	7	5	6	11	11	8	13			97	
NL	Vantagens e desvantagens dos nomes locais	0	0	0	0	3	0	0	1	0	0	0	0	0	2			6	
IPM	Interação entre pesquisador e mateiro	1	3	2	0	1	0	0	3	0	1	5	11	3	6			36	
DM	Tendência de desaparecimento dos mateiros	2	6	3	2	3	2	2	4	2	2	6	7	6	3			50	
VM	Visibilidade do mateiro	5	1	1	1	1	0	4	0	2	2	0	3	0	5			25	
TOTAL		12	16	21	13	23	6	13	25	13	17	38	51	34	47			329	

# ANEXO I

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA FLORESTAL

## **ROTEIRO PARA DIÁLOGO COM OS PESQUISADORES**

Explicar que a pesquisa é sobre o papel dos mateiros nas pesquisas. Pedir permissão para gravar.

- 1) QUAL A SUA FORMAÇÃO COMO PESQUISADOR?
- 2) QUAL O PRIMEIRO CONTATO E O ÚLTIMO QUE VOCÊ TEVE COM MATEIRO?  
QUAL A PRIMEIRA VEZ QUE VOCÊ PROCUROU UM PARA COLABORAR EM PESQUISA?  
E A MAIS RECENTE?
- 3) QUAL ERA O OBJETIVO DAQUELAS ATIVIDADES EM QUE VOCÊ CONTOU COM A COLABORAÇÃO DE UM MATEIRO? ERA PESQUISA? ERA INVENTÁRIO?
- 4) QUE HABILIDADES UM MATEIRO PRECISA TER, EM SUA OPINIÃO? SE FOSSE PARA FAZER UMA LISTA, QUAIS HABILIDADES VOCÊ CITARIA?
- 5) SE VOCÊ FOSSE COMEÇAR UMA PESQUISA EM UM AMBIENTE FLORESTAL, E SE HOUVESSE A NECESSIDADE DE TER AJUDA DE UM MATEIRO, COMO VOCÊ AGIRIA PARA ENCONTRAR UM? CONTE ALGUM CASO CONCRETO QUE ILUSTRE OU EXEMPLIFIQUE SUA REPOSTA.
- 6) PARA UMA PESQUISA QUE ESTEJA COMEÇANDO É FÁCIL OU DIFÍCIL ENCONTRAR UM MATEIRO? EM QUALQUER MATA QUE EU CHEGAR EU ENCONTRO UM MATEIRO?
- 7) SE PRECISASSE USARIA O MESMO MATEIRO EM FRAGMENTOS DIFERENTES OU DISTANTES ENTRE SI?
- 8) VOCÊ PODE INDICAR PUBLICAÇÕES SUAS EM QUE TENHA HAVIDO A COLABORAÇÃO DE ALGUM MATEIRO? ISSO INCLUI RELATÓRIOS, DISSERTAÇÕES, TESES, ARTIGOS EM PERIÓDICOS, RESUMOS DE CONGRESSOS, ETC.
- 9) JÁ HOVE SITUAÇÕES DE DIVERGÊNCIA DE INFORMAÇÕES ENTRE VOCÊ E UM MATEIRO NO CAMPO? FALE- ME SOBRE ISSO.
- 10) VOCÊ PODERIA INDICAR OUTROS PROFISSIONAIS/ PESQUISADORES QUE PUDESSEM COLABORAR COM ESSA PESQUISA?
- 11) VOCÊ GOSTARIA DE COMENTAR ALGO MAIS SOBRE O QUÊ FOI FALADO AQUI?

EU GOSTARIA QUE VOCÊ ASSINASSE ESSE DOCUMENTO. ISSO FAZ PARTE DE UM PROTOCOLO QUE PRECISO SEGUIR. TENHO QUE SOLICITAR POR UMA QUESTÃO DE EXIGÊNCIAS DO COMITÊ DE ÉTICA PESQUISA.

## **ANEXO II**

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA FLORESTAL

### **ROTEIRO PARA DIÁLOGO COM OS MATEIROS**

Explicar que a pesquisa é sobre o papel dos mateiros nas pesquisas. Pedir permissão para gravar.  
Explicar como (através de quais pessoas) chegou até a pessoa que vai ser entrevistada.

1. COMO FOI QUE VOCÊ SE TORNOU UM MATEIRO? FALE-ME SOBRE COMO ERA SUA VIDA ANTES E DEPOIS DE TORNAR-SE MATEIRO.

Você se lembra de algum (alguns) fato(s) ou acontecimento que tenha(m) marcado a sua passagem de não mateiro para mateiro? Em que época (data, mês, ano) estes eventos aconteceram?

2. QUEM É QUE NORMALMENTE SOLICITA OU CONTRATA OS SEUS SERVIÇOS DE MATEIRO? QUAIS FORAM OS SERVIÇOS OU TAREFAS QUE LHE FORAM SOLICITADOS POR ESSAS PESSOAS?

3. OS MATEIROS PROCURAM, POR INICIATIVA PRÓPRIA, AS PESSOAS QUE LHES POSSAM CONTRATAR? Ou apenas esperam que uma dessas pessoas (pesquisadores e outros possíveis contratantes) lhes procure? Normalmente, quem vai ao encontro de quem: o mateiro ou a pessoa que usa o serviço do mateiro?

4. QUAIS FORAM O PRIMEIRO CONTATO E O ÚLTIMO QUE VOCÊ TEVE COM PESQUISADOR OU TÉCNICO? COMO VOCÊ COMEÇOU A TRABALHAR COM ELES?

5. TODOS OS PROFISSIONAIS QUE USARAM SEUS SERVIÇOS DE MATEIRO TINHAM O MESMO OBJETIVO? OU SERIA POSSÍVEL, PARA VOCÊ, DISTINGUIR TIPOS DE PROFISSIONAIS QUE USAM SERVIÇOS DE MATEIROS, DE ACORDO COM OS OBJETIVOS DELES?

6. AS PESSOAS QUE USARAM SEUS SERVIÇOS DE MATEIRO APARENTAVAM VIVER EM CONDIÇÕES SÓCIO-ECONÔMICAS SEMELHANTES À SUAS? OU ELES PARECIAM VIVER EM CONDIÇÕES DIFERENTES?

7. HÁ ALGUMA EXIGÊNCIA (PRÉ-REQUISITO, ALGO QUE VOCÊ CONSIDERA ESSENCIAL) PARA QUE UMA PESSOA REALIZE O TRABALHO DE MATEIRO?

Para trabalhar como mateiro numa dada área de Mata, a pessoa tem que ter conhecimento prévio daquele local? Tem que morar perto dali? É indispensável ter frequentado a área antes da pesquisa? Você já trabalhou como mateiro num local que fosse desconhecido para você?

8. COMO VOCÊ IDENTIFICA AS PLANTAS? (Olhando para quê? Através de quê? Pela casca, pela flor, pelo fruto?)

9. ALÉM DOS NOMES DAS PLANTAS, TEM ALGO MAIS QUE OS PESQUISADORES OU TÉCNICOS QUEIRAM SABER?

10. VOCÊ ESTUDOU? ATÉ QUE ANO? ACHA QUE A EDUCAÇÃO ESCOLAR É NECESSÁRIA PARA O EXERCÍCIO DA ATIVIDADE DE MATEIRO?

11. O SERVIÇO QUE VOCÊ PRESTOU FOI PAGO? SE FOI, QUANTO? HOUVE SITUAÇÕES DE RETRIBUIÇÃO NÃO FINANCEIRA?

12. PARA UMA PESQUISA QUE ESTEJA COMEÇANDO É FÁCIL OU DIFÍCIL ENCONTRAR UM MATEIRO? EM QUALQUER MATA QUE EU CHEGAR EU ENCONTRO UM MATEIRO? OS JOVENS TÊM INTERESSE EM APRENDER PARA TORNAREM-SE MATEIROS?

13. VOCÊ SABE “PARA ONDE VAI” O CONHECIMENTO QUE VOCÊ PASSA (TRANSMITE) PARA O PESQUISADOR OU TÉCNICO? PARA QUEM É REPASSADO O CONHECIMENTO QUE O PESQUISADOR OU TÉCNICO RECEBE DOS MATEIROS?

14. JÁ HOUVE SITUAÇÕES DE DIVERGÊNCIA DE INFORMAÇÕES ENTRE VOCÊ E UM PESQUISADOR OU TÉCNICO NO CAMPO? FALE- ME SOBRE ISSO.

15. VOCÊ PODERIA INDICAR OUTROS MATEIROS QUE PUDESSEM COLABORAR COM ESSA PESQUISA? DÊ-ME, POR FAVOR, OS NOMES, ENDEREÇOS E OUTROS DADOS PARA QUE EU POSSA ENCONTRÁ-LOS.

16. VOCÊ GOSTARIA DE COMENTAR ALGO MAIS SOBRE O QUÊ FOI FALADO AQUI?

## ANEXO III

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA FLORESTAL

**PROJETO DE PESQUISA: O SABER LOCAL E A PRÁTICA CIENTÍFICA: ANÁLISE DAS RELAÇÕES ENTRE MATEIROS E PESQUISADORES EM PERNAMBUCO.**

**Coordenadores: Ângelo Giuseppe Chaves Alves, Carolina Alencar Dantas.**

### TERMO DE CONSENTIMENTO

Essa pesquisa é sobre a colaboração dos informantes locais “mateiros” em pesquisas florestais realizadas no estado de Pernambuco, e não busca benefícios econômicos para os pesquisadores envolvidos na mesma. É uma pesquisa coordenada por pesquisadores do Programa de Pós-graduação em Ciências Florestais da Universidade Federal Rural de Pernambuco. A pesquisa emprega técnicas de entrevistas e conversas informais, bem como observações diretas, sem riscos de causar quaisquer prejuízos aos participantes. Se você quiser participar dessa pesquisa, será convidado a fazer algumas tarefas, como entrevistas. Caso concorde em participar, assine, por favor, seu nome abaixo, indicando que compreendeu a natureza da pesquisa e que todas as suas perguntas sobre as atividades da mesma foram respondidas.

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Assinatura do Participante

---

Nome

---

Endereço

---

Assinatura dos pesquisadores